



Noir
Culinário

AGRESCENTE CIANURETO A GOSTO

KARMEN ^VŠPILJAK

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Noir
Culinário

AGRESCENTE CIANURETO A GOSTO

KARMEN ŠPILJAK

Acrésciente cianureto a gosto

Uma coleção de contos sombrios com pitadas culinárias

Karmen Špiljak

Ilustrações

Luka Rejec

Tradução

Regiane Winarski

Copyright © Karmen Špiljak 2021

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida e nem usada de nenhuma forma sem permissão escrita do titular dos direitos autorais, exceto pelo uso de citações em críticas e resenhas. Para mais informações, escreva para: karmen.spiljak@gmail.com

Primeira edição, dezembro de 2021.

Título original: *Add cyanide to taste: a collection of dark tales with culinary twists*

Design de capa: [Miladinka Milic](#)

Ilustrações: [Luka Rejec](#)

Tradução: Regiane Winarski

Revisão: Patricia Kisse, Karoline Melo

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são frutos da imaginação da autora ou foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, e com eventos ou locais é mera coincidência.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Acrescente cianureto a gosto, Karmen Špiljak

São Paulo, 1ª ed., 2021

258 paginas

ISBN (Capa Comum): 978-65-00-35352-5

ISBN (Livro digital): 978-65-00-35351-8

820 - Literatura inglesa (inclui literatura do Canadá)

www.karmenspiljak.com

Para os que comem o último biscoito.

Contents

Prefácio

CONTOS

A assistente

Doce como manteiga

Três rosas

Veludo Escuro

Uma cozinheira boa pra caramba

Amigo travessão

Instinto de jardineiro

Momentos

Minha amiga Betty

A receita

Passa o ketchup

Que apodreça

Os coletores

Fique à vontade

AS RECEITAS

Nhoque de abóbora da Janice

Frango assado do Bert Oxley

Chocolate quente

Schnapps de mirtilo

Sanduíche de queijo chique da Sarah

Biscoitos de chocolate e missô da Fiona

Torta de damasco

Strudel de abobrinha

Panqueca assada no forno

Sopa dos coletores

Salada incidental do Eddie

Pimentão recheado

A massa proibida

Agradecimentos

Antes que você vá embora

Perguntas para clubes do livro:

Prefácio

Decidi escrever meu primeiro livro quando tinha 10 anos, sem me preocupar com coisas como enredo, personagens e o fato de que eu não sabia escrever um livro. Bastavam o papel e a máquina de escrever da minha mãe. Sim, você leu certo.

Como eu tocava piano, datilografar não foi tão diferente. Eu batuquei as teclas, enchi cada página de pistas verdadeiras e falsas e as esqueci todas. Depois de umas cinquenta páginas, havia muita intriga e diálogos que se passavam durante banquetes fartos. Tenho certeza de que havia muitos bolos e morangos com chantili. Afinal, minha protagonista e o braço direito dela tinham que comer. Seria bom se também se dedicassem assim a resolver o crime.

Meu amor por histórias relacionadas a comida começou com um livro peculiar que li quando tinha uns 7 anos. Pensando melhor agora, o livro de folclore japonês não devia pertencer à seção infantil da biblioteca. As histórias nele eram bizarras, meio assustadoras, mas estranhamente estimulantes. Nenhuma das outras histórias infantis tinham espíritos, fantasmas e ocorrências sobrenaturais. Eu fui fisgada.

Ainda me lembro desse livro muitos anos depois, mas esqueci sobre o que eram as histórias. Todas, menos uma: “Uma esposa que não come”.

A história falava de um homem avaro que não se casou para não precisar dividir a comida com a esposa. Quando pressionado pelos outros aldeões, ele disse que só se casaria com uma mulher que não comesse. Os vizinhos poderiam ter dado de ombros, mas disseram “Desafio aceito”. A história se espalhou, e, um dia, uma jovem bateu à porta do homem. Era linda e tinha uma boca pequenininha. *Ela comia?*, perguntou o homem. Ela disse que não. Eles se casaram, e a esposa do homem realmente não comia. Ela era o que o homem esperava? Não mesmo. Tinha um segredo sinistro? Pode ter certeza. Sem revelar nenhum *spoiler*, só vou dizer que o homem aprendeu uma

lição. Como a história ficou na minha cabeça, eu escrevi minha versão dela e incluí nesta coleção.

E por que fazer uma coleção inteira de *noir* culinário?

Comida e histórias não são tão diferentes; ambas alimentam, de jeitos diferentes. Para mim, as duas coisas sempre tiveram ligação, e eu sempre li comendo. Ainda leio. Talvez tenha sido por isso que eu achei que seria divertido incluir as receitas dos pratos que aparecem nas histórias.

E o que exatamente é um *noir* culinário? Espero que esta coleção ofereça uma resposta. Algumas dessas histórias ficaram em fogo baixo por muito tempo, outras explodiram, chutando e gritando. Às vezes, exigiram licença poética, e o melhor que pude fazer foi direcioná-las para a página e deixar que fizessem as travessuras delas.

Uma coisa que aprendi escrevendo este livro é que o *noir* culinário dá fome, então sempre tenha um petisco por perto, só por garantia. Um leitor mais atento talvez repare que há uma receita que acabou entrando no livro enquanto eu estava fazendo um sanduíche e ficou ofendida por eu não tê-la colocado na história. Se você a encontrar, me avise que tipo de história seria boa para ela. Se eu gostar da ideia, talvez também a escreva.

Observe que todos os pratos devem ser apreciados sem cianureto. A maioria das receitas são variações de pratos conhecidos ou são criações minhas. Eu acrescentei várias receitas da minha cozinha favorita, uma mulher maravilhosa que me ensinou a amar comida e livros: a minha mãe.

Espero que essas histórias sejam tão prazerosas para você quanto foram para mim quando eu as estava escrevendo. Mas tome cuidado, algumas podem ser mais picantes do que parecem.

Bon appétit!

Karmen Špiljak

CONTOS

A assistente

Não se espera que alguém morra no almoço, principalmente quando é sua primeira reunião com um cliente importante. Meu chefe, Kevin, insistiu para que chegássemos cedo para nos prepararmos.

O restaurante estava quase vazio, um espaço amplo e com iluminação suave que deixava bastante espaço entre as mesas para impedir que conversas fossem ouvidas.

— Com Oxley, privacidade é fundamental — disse Kevin. — Ele demitiu a última equipe de RP porque eles discutiram detalhes ao telefone. Em um trem.

— Vou tentar adivinhar. Havia um jornalista.

— E não tem sempre? Não existe excesso de cuidado quando se trabalha com um negócio como o do Bert.

Nós pedimos água. Kevin, que não tinha tomado café da manhã, quebrou um grissino entre os dedos e o devorou.

— Ouvi falar que ele tem uma assistente nova — falei.

Kevin ergueu o indicador e tomou um gole de água. Esperei que ele terminasse de mastigar.

— Deixa ela informada, Anna. As assistentes são as primeiras a saber quando as coisas vão mal.

Olhei para o grissino que tinha sobrado, mas decidi não comer para não estragar meu apetite. Quando Kevin esticou a mão para pegá-lo, houve uma agitação na porta. Nós nos viramos para um homenzarrão de terno e uma mulher miudinha com uma calça comprida de tweed e uma blusa de seda. Ela tinha franja escura e usava óculos de gatinho, do tipo usado por artistas e pessoas com opinião forte.

— Lá vem eles — disse Kevin.

Nós apertamos as mãos e trocamos amabilidades. Um momento depois, um garçom nos ofereceu os cardápios. Ao contrário de Janice, que observou os itens com foco intenso, o chefe dela passou direto pelas páginas iniciais. Parecia que a ideia de tomar sopa ou comer

salada o repugnava.

— Ah — disse ele. — Frango assado.

— O melhor da cidade, de acordo com as críticas — disse Janice sem afastar o olhar do cardápio.

— Minha esposa fica me enchendo o saco pra diminuir o consumo de carne, mas eu digo pra ela que não posso parecer que estou de dieta, não na minha linha de trabalho — disse Bert.

Kevin soltou uma risadinha educada. O garçom anotou nossos pedidos e voltou com as bebidas: água para Janice e para mim, Coca para Kevin e uma taça de vinho tinto para Bert Oxley. Ele aninhou a taça.

— O que vamos fazer sobre o vazamento? — perguntou ele. — Aqueles abutres mal podem esperar pra nos comer vivos.

— Vamos começar com um comunicado de imprensa, para esclarecer que o vazamento foi uma coincidência infeliz e que você está investigando — falei.

— A notícia vai ficar velha em poucos dias. O mundo vai seguir em frente — disse Kevin.

— Vão ficar sem nomes para me chamar. Qual foi o último mesmo, Jan? Satanás ou assassino?

— Acredito que tenham se referido a assassinato em termos gerais — disse Janice.

Bert pegou o celular e leu em voz alta enquanto descia a tela.

— Só escutem. “Pesticidas *perigosos* envenenam água potável em Taiwan.”

Ele balançou as mãos no ar.

— Como se fosse minha culpa as pessoas não lerem as instruções.

Ele desceu mais a tela.

— Cadê a última, Jan?

Os músculos em torno dos olhos de Janice se contraíram. Lentamente, ela pegou o celular.

— “Quanto tempo até a AgroChems parar de matar pessoas?” — leu ela.

Bert bateu uma mão na outra.

— Isso. É nisso que temos que trabalhar.

— Tudo bem — disse Kevin. — A gente consegue virar isso.

— Seus advogados estão sabendo, suponho? — perguntei.

Bert lambeu os lábios sujos de vinho.

— Eles estão trabalhando nisso, sim — disse ele. — Me arrancando a alma.

Ao ver o garçom trazendo as entradas, Bert repuxou a boca para o lado. Foie gras para Bert, carpaccio de carne para Kevin, salmão defumado para mim e sopa de cenoura com gengibre para Janice. Bert empurrou a salada no prato dele para o lado. As rugas na testa de Janice ficaram maiores quando ele cortou o foie gras com o garfo.

— A sopa parece boa — falei para Janice em uma tentativa de envolvê-la numa conversa. Ela sorriu para mim e tirou uns pedaços de gengibre frito de cima.

— Nós temos que pôr fim a essa história de câncer — disse Bert com a boca cheia. — Os acionistas querem que isso seja resolvido. Que seja sua prioridade.

— Com certeza — falei. — Nós acabamos de fazer isso com a Infestex. Pelo que entendi, você só teve um caso, certo?

Bert Oxley moveu a mão no ar.

— Séculos atrás! Não conseguiram provar mais do que isso. Claro, os outros viram dinheiro fácil e...

Janice tossiu, como se tentando limpar a garganta ou talvez disfarçar uma situação constrangedora.

— Está tudo bem? — perguntei.

Ela botou uma das mãos na frente da boca.

— Estou ótima — disse ela.

Os olhos dela lacrimejaram. Ela bateu no peito em um gesto de gazela, elegante e alerta.

— Tem certeza? — perguntou Kevin.

— Ela é uma rocha — disse Bert. — Não é, Jan?

O rosto dela ficou mais pálido.

— Eu vou ficar bem — disse ela com voz engasgada.

Bert empurrou o copo vazio de Janice para mais perto dela e o encheu de água. Ela o esvaziou em poucos goles e sorriu para mim com gratidão.

— Que bom — disse Bert. — É praticamente impossível encontrar uma boa assistente hoje em dia.

Talvez tivesse sido um truque da luz, mas a cor voltou para as bochechas de Janice. Pouco tempo depois, o garçom levou os pratos principais. Ele serviu para Bert o frango assado e as batatas com alecrim, para Kevin um steak tartare e batatas fritas, para Janice um

nhoque de abóbora com manteiga de sálvia e para mim um risoto de cogumelos. Nós esperamos que Bert começasse a comer.

Fiquei agradecida por alguns momentos de silêncio para apreciar o sabor intenso e terroso dos cogumelos cremosos na boca. Kevin foi direto para a carne e parou para comer um pouco de batatas. Janice cortou o nhoque em pedacinhos e mastigou cada um com lábios repuxados. Bert gemeu de prazer. Evitei olhar na direção dele para ganhar um tempo para comer sem falar.

Alguns momentos depois, me dei conta de um silêncio peculiar. Quando olhei para a frente, Bert estava me encarando. Os olhos estavam arregalados e enormes na cara redonda. Seria possível que um pouco de risoto tivesse escapado da colher e caído em mim? Examinei a blusa para ver se tinha algum pedaço de comida, mas não vi nada. O rosto de Bert estava corado.

— Apimentado demais? — perguntei.

Só então Janice se virou para Bert. Vê-lo a perturbou.

— Não se preocupe, sr. Oxley — disse ela. — Vou pegar seus comprimidos.

Ela enfiou a mão no bolso do paletó dele.

— Comprimidos pra quê? — perguntei.

— Coração.

Os olhos de Bert brilharam com lágrimas. Ele tentou dizer alguma coisa, mas não conseguiu. Com uma calma impressionante, Janice procurou nos bolsos.

— Será que ele esqueceu? — perguntei.

— Eu mesma os coloquei aqui — disse Janice, e bateu a mão sobre os bolsos. — Sr. Oxley, onde está sua nitroglicerina?

Bert tentou de novo dizer alguma coisa, mas não conseguiu. Ele botou a mão no coração e cambaleou para o lado como se estivesse bêbado antes de cair. Eu corri para o lado dele e remexi nos bolsos freneticamente.

— Chamem uma ambulância! — gritou Kevin.

Janice chegou mais perto de Bert. Ele abriu e fechou a boca enquanto os olhos iam de Kevin até mim e de volta a Janice. Ele só conseguiu dizer um “Shh” estrangulado. Seus olhos estavam injetados de sangue.

A saliva se acumulou no canto da boca de Bert e começou a escorrer. Os olhos dele saltaram da cara. Todos no restaurante

estavam nos olhando, paralisados pelo choque. O garçom nos informou que a ambulância estava a caminho.

Janice bateu de leve na bochecha de Bert.

— Sr. Oxley? Pisque se estiver me escutando — disse ela. Bert continuou olhando para o teto.

Quando a ambulância levou Bert e Kevin embora, eu fiquei com Janice.

— Não entendo — disse ela. — Os comprimidos estavam no bolso dele.

— Será que ele perdeu?

Ela balançou a cabeça.

— Eu verifiquei antes de sairmos. A esposa dele insiste que ele precisa carregar a mais, mas ele...

— Ele trocou o paletó antes de sair? Kevin às vezes faz isso — falei.

— É possível.

O rosto de Janice estava pálido. As mãos ainda estavam tremendo quando o garçom trouxe conhaque. Virei o meu e pedi outro. Janice ficou sentada no banco, olhando para o copo com expressão vazia e sem tocar nele.

— Eu me lembro de ter colocado lá antes de nós sairmos.

— Ele vai ficar bem — falei, mas quando meu telefone tocou alguns minutos depois, uma inquietação se aninhou na boca do meu estômago. Kevin estava me ligando para dizer que Bert Oxley tinha morrido de ataque cardíaco. Janice entendeu o que tinha acontecido antes que eu contasse.

— Sinto muito — falei. — Você vai ficar bem?

Ela assentiu, os olhos fundos, como se ela estivesse se recolhendo para um espaço vazio atrás deles.

— Eu não trabalho para ele há tanto tempo.

— Mesmo assim, tenho certeza de que ele...

Dizem para não falar mal dos mortos, mas tive dificuldade em encontrar alguma coisa positiva para dizer sobre Bert. Sinalizei para o garçom trazer a conta.

— Janice, quer dividir um táxi?

— Obrigada — disse ela. — Eu vou ficar bem.

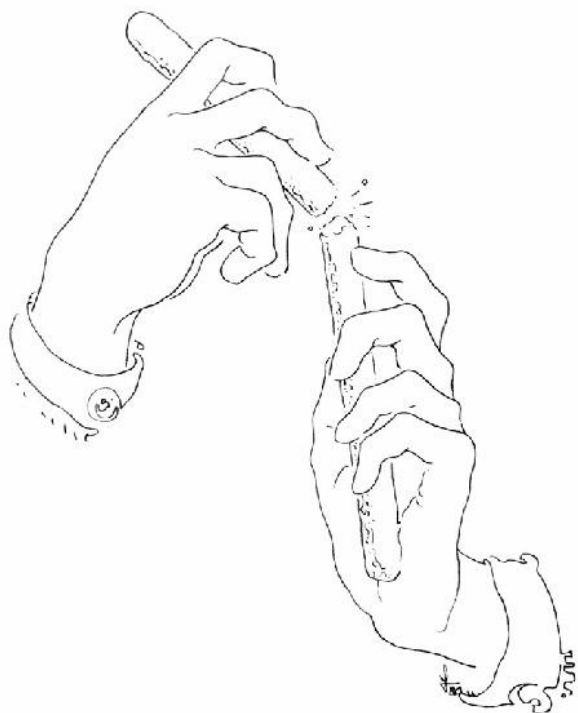
Apesar das minhas tentativas de pagar a conta, Janice insistiu em pagar pelo conhaque. Ela abriu a bolsa roxa, feita de couro falso.

Quando puxou a carteira, algo rolou dentro da bolsa. Fingi tirar uma sujeirinha da calça para poder olhar melhor.

Ali estava. Um frasquinho de comprimidos com o nome de Oxley e letras pretas grossas que diziam “nitroglicerina”. Janice capturou meu olhar e o sustentou por alguns momentos. Não havia o menor indicativo de surpresa no rosto dela.

— Quer saber — disse ela. — Eu gostaria de dividir o táxi, sim.

Essa história foi altamente elogiada na competição Michael Terence Publishing Summer 2020 Short Story e foi publicada em “All Those Things You Never Thought Mattered”, uma antologia da Michael Terence Publishing.



Doce como manteiga

A chuva açoita os casacos das pessoas reunidas em torno de um tumulto aberto. Quase ninguém ouve o padre. O murmúrio baixo se perde no meio das gotas. O olhar das pessoas está voltado para dentro, para a monotonia dos pensamentos que pairam como neblina vinda de lugares com pouca luz na direção de outros que não têm nenhuma. Ocasionalmente, um trovão parte o céu escuro com um raio de luz incômodo. O olhar das pessoas se move como o de um lagarto na direção da jovem viúva. As línguas sairiam se ninguém as visse, mas ninguém fala nada. Só o casal de meia-idade troca algumas palavras, protegido pela distância do tumulto.

— Pobrezinha — diz o homem. — Tão arrasada.

A esposa repuxa os lábios, mas não diz nada. O marido gosta de se solidarizar com estranhos bem mais do que com as pessoas próximas. É um tipo especial de cegueira. Ela não o repreende por isso, mas também não quer encorajar.

Não adianta muito discutir coisas que não se pode mudar. Quando uma pessoa solitária e velha como Sam se casa com uma mulher jovem e bonita como Ingrid, os pensamentos das pessoas tendem a ser conflitantes. Ela prefere formar suas opiniões em silêncio, para dar a elas tempo e espaço para se solidificarem.

— Deixada completamente sozinha, a pobrezinha — diz o marido dela. — Não deve ser fácil sendo nova na cidade.

Ela não vai ficar sozinha por muito tempo, pensa a esposa.

— A gente devia convidá-la pra ir lá em casa — diz o marido —, pra um jantarzinho caseiro.

Ele fala como se ele mesmo fosse fazer a comida, como se já tivesse feito alguma coisa além de ovos duros.

— Vamos deixá-la passar pelo luto em paz — diz a esposa. — Eu faço uma caçarola pra levar lá.

O marido abre a boca como se fosse protestar, mas o padre termina de falar e as capas de chuva fazem barulho.

As pessoas avançam para oferecer as condolências para a jovem viúva e jogar um punhado de terra molhada sobre o caixão.

A viúva nem olha para ela. O cabelo castanho está grudado no rosto como algas enquanto ela aperta a mão das pessoas de um jeito robótico. Os que a encaram veem que os olhos dela estão carregados de lágrimas.

— Sam era um bom homem — as pessoas dizem. — Se precisar de alguma coisa, pode me ligar.

O queixo dela se abaixa. Não é por causa das palavras, mas da sombra disforme que empurram contra o seu peito.

Ela não encara as pessoas. Não é imprudente nem impaciente, só tem medo de ouvir os pensamentos delas.



O sol brilhou dourado sobre o casal andando pela praia. A areia era um tapete macio esculpido sob os pés deles.

— Você vai se queimar — disse a mulher, massageando o rosto vermelho do homem. — Vamos procurar uma sombra.

— Eu achava que você gostava do sol — disse ele.

— Eu gosto, mas...

Por um momento, o mar cintilante a cegou. Ela ajeitou o chapéu de palha.

— Você pode ter uma insolação.

Ele bebeu o sal dos lábios dela.

— Preocupada, sempre preocupada — disse ele.

Ela segurou a mão dele e sorriu com os olhos verdes profundos.

— Eu não quero te ver sofrer.

Eles refrescaram os pés na água rasa.

— Um pouco de sol não vai fazer mal — disse ele. — Não quando a praia é só nossa.

— Eu nunca tive isso — disse ela, pegando uma concha vazia.

— O que mais você nunca teve?

Ela tirou o chapéu.

— Uma insolação na lua de mel. — Ela botou o chapéu na cabeça dele. — Vamos deixar assim.

Eles descansaram na sombra de uma árvore generosa.

— Você é tão linda — disse ele.

Ela colocou água nos copos deles.

— Isso é tudo que eu sou pra você?

As palavras dela espetaram, mas ele não queria demonstrar.

— Claro que não.

Ela virou a cabeça para o lado, como se estivesse pensando.

— Ingrid, querida — disse ele —, você é tudo. Tudo.

Ela espremeu protetor solar na mão e espalhou nos ombros dele. O sol estava começando a se pôr.

— Eu amo ver a areia ficar amarela — disse ela e se encostou no peito dele.

Ele inspirou o aroma dela, a fragrância mais inebriante da vida.

— O que mais você ama?

Ela inclinou a cabeça para trás.

— Você.

Delicadamente, ela mordeu os lábios dele e o beijou por muito tempo.



Pilhas de pastas e papéis esconderam o advogado da mulher de lábios apertados que olhava de cara feia para ele por cima da mesa. Ele se lembra do rosto dela do enterro. Ela é uma das velhas amigas de Sam. Só que ela não parece muito simpática agora.

— Isso é impossível! — diz ela, apertando a bolsa nos joelhos. — Sam não me esqueceria.

— O que eu quero dizer é que a sra. Wringright, a viúva, herdou todos os bens do falecido marido — diz o advogado, enunciando calmamente cada palavra.

— Menos os livros e os discos. Ele prometeu isso tudo pra mim.

O advogado abre a gaveta e puxa uma pasta preta.

— O testamento declara com clareza — diz ele, umedecendo a ponta do indicador.

— Claro que não. Eu vi o testamento do Sam.

Ele vira as páginas.

— Ele o atualizou logo depois do casamento — diz ele.

— Por causa dela. Tenho certeza.

O advogado encara a mulher pela primeira vez desde que ela invadiu o escritório dele e exigiu uma reunião. A pálpebra direita dela

está tremendo. As bochechas estão da cor de um pêssego maduro. Ele já viu gente suficiente perder a compostura para saber que ela não é desse tipo. O jeito como ela segura a bolsa com os dedos sardentos, como o lábio inferior treme, como os olhos se desviam de um lado para o outro. Não, aquela mulher não está com raiva. Ela está com medo.

Ele empurra o testamento para que ela possa lê-lo.

— Aqui — diz ele. — Se você quiser, senhora...

— Peters. Amanda Peters.

Seus olhos percorrem o texto uma, duas vezes, pulam para pontos diferentes. O aperto na bolsa diminui.

— Você poderia contestar o testamento se fosse parente, mas como amiga...

— Não só amiga. Nós crescemos juntos! — exclama ela. — Eu era a *melhor* amiga dele.

Ela olha o papel mais uma vez e o empurra para longe.

— Sinto muito, sra. Peters. Infelizmente, não tem nada que eu possa fazer por você hoje.

Ela treme, como se tivesse levado uma espetada. As pupilas se dilatam.

— *Tem* uma coisa que você pode fazer.

O advogado se encosta.

— O que é?

— Fale com a polícia — diz ela. — Eles vão te ouvir. Quando investigarem...

Ele abaixa o queixo.

— Investigarem o que exatamente?

Ela balança a mão no ar.

— Assassinato, claro. O que mais?

— Você desconfia de crime?

A mulher ri.

— Se eu desconfio? Eu tenho certeza. Ela se livrou do pobre Sam e ficou com o dinheiro dele.

— E você tem provas?

— De que provas você precisa? É sempre o cônjuge, não é?

— Acho que a polícia vai precisar de algo... mais substancial.

A mulher aperta os olhos.

— Olha só — diz ela. — Sam era uma criatura de hábitos. Sempre

tomava o café puro, com duas colheres de açúcar. Comia a mesma marca de cereal no café da manhã desde que era criança. Quando o alfaiate dele se mudou para a cidade, Sam começou a ter o trabalho de dirigir até lá. Ele nunca foi a um novo, nem uma vez.

— Eu entendo a sua preocupação — diz o advogado. A luz que brilha nos olhos da mulher diz que ela não está ouvindo. Ela bate com o dedo na mesa.

— Ele abominava frutos do mar — diz ela. — Não suportava o cheiro. Imagine pensar que ele consideraria engolir um polvo vivo.

— Pelo que eu sei, o polvo não estava exatamente vivo — diz o advogado. — Foi morto pouco antes de ser ingerido.

— Também não estava exatamente morto, estava? Sam se engasgou com ele.

— Eu entendo que a situação é um tanto delicada.

Ele considera explicar que o prato era perfeitamente seguro quando preparado por um chef; ele mesmo já o tinha consumido. Mas uma olhada no rosto enfurecido da mulher apaga a ideia da cabeça dele.

— As pessoas mudam — diz ele, e enfia o testemunho de volta na pasta.

— Não aos 72 anos.

— Mesmo aos 72 anos, para impressionar alguém que amam.

Ele coloca a pasta de volta na gaveta. Claramente, a mulher só tem especulações. Se tivesse provas, a polícia teria ouvido. Mas devem tê-la mandado embora, direto para o escritório dele. Sob outras circunstâncias, ele teria oferecido chá e biscoitos para acalmá-la. Gente saindo do escritório com raiva não ajudava nos negócios, mas perder tempo ouvindo a falação dela também não. Ele tinha trabalho a fazer. Trabalho pago.

Ele une as mãos e abre um sorriso educado.

— Admito que seu amigo morreu sob circunstâncias muito infelizes, mas sem provas...

— Ela comprou uma casa nova, não comprou? Olha aí uma prova.

O advogado morde o lábio. Ninguém poderia culpar a jovem viúva por querer sair da latrina de boatos que era a cidade deles.

— Comprar uma casa não é crime.

A cadeira berra no chão quando a mulher a empurra e se levanta.

— Homens — diz ela. — Vocês veem um par de pernas e sua

coluna vira manteiga.

Com isso, ela sai, deixando para trás uma mancha de suor na cadeira de plástico.



— E o champanhe? — perguntou Ingrid.

— Na geladeira — respondeu Sam.

— Não precisava ter tanto trabalho. A gente podia ter saído pra comer.

Ele a puxou para perto e inspirou o aroma doce da pele dela.

— Eu sei. Mas hoje eu queria você só pra mim.

— Eu não fui ruim assim, fui?

Ela piscou de um jeito que deixou os joelhos dele bambos.

— A gente recebeu gente em casa todos os dias por duas semanas — disse ele. — Então, hoje, nada de convidados, nada de amigos, nada de visitas, só você e eu.

— E o chef, imagino.

Ele abriu um sorriso malicioso.

— Eu dei folga para os funcionários.

Ela pegou uma azeitona no prato, botou-a na boca e lambeu o dedo.

— A gente nunca vai a lugar nenhum — disse ela. — Eu queria companhia.

— Eu sei, mas eu estou velho demais pra receber convidados todos os dias.

Ela massageou o ombro dele.

— Você não está velho demais. Só não tem paciência.

Ele riu e passou os dedos pelas costas expostas dela.

— Eu gosto quando você se veste assim — disse ele e botou as mãos na cintura dela — pra mim.

— Eu sempre me visto pra você.

— Nem sempre. Quando estamos com outras pessoas, os homens te olham. Eu sei que olham.

Ela balançou a cabeça, sorrindo.

— E aquele rapaz da oficina? Quase cortou o dedo te olhando.

— Não exagera. Aposto que acontece com todos os chefs, até os melhores.

— O jeito como ele andou em volta de você, como um tubarão.

— Pra supervisionar, mais nada.

— Ele não pareceu interessado em me supervisionar, né? Me deixou limpando todo aquele peixe.

Ela foi até a janela e cruzou os braços. Do outro lado havia o mar, escuro, calmo e tentador. Tão tentador.

Ela fez beicinho.

— Eu queria que a gente fizesse alguma coisa... juntos, mas tudo bem, se você odiou, a gente não precisa ir de novo.

Ele massageou o ombro dela.

— Desculpa. Eu não quis te ofender.

— Você disse que gostou da oficina — disse ela. — Até me prometeu que a gente tentaria uma ou duas coisas.

— E nós vamos — disse ele. — Sozinhos.

Ela se virou para ele como se não estivesse entendendo se era fato ou promessa, e observou as superfícies em busca de algum detalhe que tivesse escapado. No canto da cozinha havia um balde coberto por uma tábua. Ela foi até o balde.

— Isso é o que eu acho que é?

— Toma cuidado — disse ele. — Eu quase os perdi hoje.

Ela levantou a tampa e olhou para o par de polvos bebês esticando os tentáculos.

— Era o que você queria, não era? — perguntou Sam. — Você está falando de *sannakji* desde que a gente foi naquele restaurante coreano.

O coração dela trovejou.

— Você vai preparar?

— Do jeito que aquele cara ensinou quando não estava te olhando.

— Tem certeza de que sabe como?

— Eu corto os tentáculos e pronto, não é?

Ela escondeu o rosto na curva do pescoço dele.

— A gente tem que comer logo. Com eles ainda se contorcendo.

— Vão ficar prontos em um minuto. Ou antes, se você quiser.

— Não. Vamos tomar champanhe primeiro.

Enquanto as bolhas dançavam na taça, os olhos dela se arregalaram tanto que não conseguiam esconder a empolgação por trás deles.

— Estou tão feliz que vocês vieram — disse a anfitriã, e indicou os homens de terno com luvas brancas, que pegaram os casacos deles. Sam e Ingrid foram levados para um salão cheio de orquídeas brancas e bugingangas douradas. Lá dentro, um quarteto de cordas estava tocando *O quebra-nozes*.

Ingrid inspirou o aroma do salão, sedutor e doce como manteiga. Seus sentidos estavam treinados para capturar as mais suaves notas, como as de ostras e champanhe, o gosto de luxo e sucesso.

— Nós quase desistimos de vocês — disse a anfitriã. Ela indicou o garçom, que levou uma bandeja de taças de champanhe.

— Nós não perderíamos por nada — disse Ingrid.

Os primeiros goles de champanhe levaram embora a lembrança amarga da conversa de mais cedo, das lágrimas e súplicas dela para eles não passarem mais uma noite sozinhos em casa.

Na mesa de vidro, a porcelana delicada e as taças de cristal refletiam as luzinhas no teto. O peito de Ingrid se expandiu, e por um momento ela foi inundada de beleza. Esta é minha vida agora, ela pensou. A vida que eu sempre quis. A vida pela qual eu tanto trabalhei.

Uma bandeja de ostras carnudas foi levada para a mesa. Ingrid espremeu limão sobre elas e comeu-as direto das conchas.

— Nenhuma pra você? — perguntou ela a Sam.

Ele olhou para ela como se considerasse a sugestão dela ultrajante e pegou um pedaço de pão. Um pedaço de pão, pelo amor de Deus!

Ingrid comeu outra ostra, e mais algumas, fazendo questão de demonstrar o prazer que lhe davam. Os anfitriões ergueram as taças e fizeram um brinde à noite e a muitas outras futuras.

Quando, algumas horas depois, a anfitriã sugeriu um jogo, Sam franziu a testa. Ele andava franzindo muito a testa.

— Que tipo de jogo? — perguntou Ingrid, tentando parecer animada.

Sam pegou o celular. Ingrid se sentou ao lado e colocou a mão sobre a coxa dele.

— Vamos lá, querido — disse Ingrid. — Um jogo.

Sam enrijeceu o rosto.

— Estou cansado.

Ingrid massageou o joelho de Sam.

— Você prometeu que tentaria coisas novas.

Mais champanhe foi servido em bandejas de prata.

— É rápido e divertido — disse a anfitriã. Ela indicou os empregados, que botaram canetas e pilhas de papel na mesa. — Peguem um pedaço de papel e escrevam aquilo de que querem se livrar.

Ingrid ergueu as sobrancelhas.

— O que vai acontecer com os papéis? — perguntou ela.

— Vamos queimar tudo pra dar sorte — disse a anfitriã.

Sam bateu com a caneta na mesa.

— E se eu não quiser me livrar de nada? — perguntou ele.

— Tenho certeza de que você vai pensar em alguma coisa — disse Ingrid.

— Não precisa ser uma coisa — disse a anfitriã. — Pode ser algo abstrato, como uma dieta ou alguma coisa que te assombra.

Sam expirou alto.

— Tudo bem.

Ingrid não conseguiu evitar um olhar na direção de Sam. A mão dele estava tremendo, e ele escreveu com letras grandes. Com um sorriso, ele escreveu EXPERIMENTAR COISAS NOVAS, dobrou o papel e o jogou na tigela de cerâmica na mesa.

Ele beijou a têmpora de Ingrid e espiou o papel dela, mas já estava bem dobradinho.

— O que você escreveu?

— Não vai funcionar se eu contar, né? — Ingrid jogou o papel na tigela.

— Espero que funcione — disse Sam.

— Seria bom, não seria? — disse ela, e apertou o joelho dele.

A anfitriã acendeu um fósforo comprido e deixou o fogo lamber os papéis. Sam ergueu a taça.

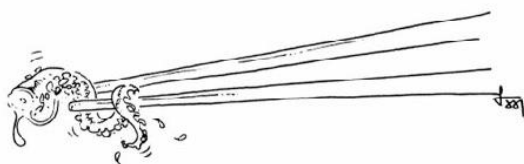
— Ao futuro — disse ele.

— Dá azar brindar antes da meia-noite — disse Ingrid, e o beijou. O rosto de Sam se iluminou, como se o peito dele tivesse se suavizado e algo dentro tivesse se soltado e derramado. Ele passou os braços em volta do peito de Ingrid, decorado com seda creme delicada e um colar de diamantes.

— Não pode dar azar com você aqui — disse ele.

Ela apoiou a cabeça no peito dele enquanto seus olhos observavam fixamente o pedaço de papel queimando. Ela imaginou as letras no

papel ficando pretas. Só havia três. S seria a primeira a queimar, deixando A e M para se defenderem sozinhas.



Três rosas

Por volta da mesma época todos os anos, eu faço uma caminhada à meia-noite. Na véspera de Natal, Liubliana parece um brinquedo novo jogado no parquinho lamacento, abandonado. As luzes em forma de planetas parecem desesperadas para espalhar alegria nas ruas vazias. A derrota paira sobre os paralelepípedos como uma vassoura, varrendo os restinhos de alegria das festas e o aroma final de amêndoas assadas que envolve o mercado vazio. As barracas estão dobradas e encostadas na parede, esperando para serem desmontadas.

A maioria das pessoas saiu da cidade para visitar familiares e se esbaldar de comida caseira. Os que ficaram não iam sair àquela hora da noite, a não ser que houvesse uma emergência. É a escolha sã, considerando o tempo, mas eu tenho meus próprios fantasmas para caçar.

Dezesseis anos antes, em uma noite idêntica àquela, nós andamos juntas por aquelas ruas. Não é preciso muita coisa para despertar as lembranças: a batida do meu calcanhar no asfalto congelado, o aroma de cravo e canela saindo das janelas, a necessidade de me envolver com o calor enquanto o conforto fica fora de alcance, guardado atrás das paredes.

É nessa hora que eu invoco a memória, os passos de duas universitárias recém-formadas, inebriadas de vinho e confiança, determinadas a encontrar um bar que ainda não tivesse apagado as luzes.



O asfalto gelado estava cintilando naquela noite. Eu escorreguei mais de uma vez.

— Caramba, Barbara, cuidado. — Tina apertou meu cotovelo. — Não faz a gente ter que procurar um hospital.

— Na próxima vez que você me arrastar pra rua, pelo menos me

deixa bêbada demais a ponto de nem sentir o frio — falei.

— Te arrastar pra rua? Rá! Você estava com tanta pressa que quase saiu sem sapatos.

Puxei a manga dela para sentir o tecido macio da jaqueta de inverno.

— Por que a gente se dá ao trabalho? — perguntei. — Está tudo fechado.

Tina baixou o queixo e olhou para mim com aquela cara de “me diz você”.

Eu me virei, com medo de que, se eu falasse o que queria, se deixasse as palavras saírem de trás dos meus dentes, elas caíssem e se quebrassem como gelo.

— Vamos ver aqui — disse Tina.

Uma lama de neve suja penetrou nas minhas meias. O desconforto era bom. Mantinha meus pensamentos a uma distância segura de todos os questionamentos. A última coisa de que Tina precisava era que sua despedida se tornasse um drama.

Nós entramos no antigo mercado da cidade. A neblina, densa como algodão, subia do rio na direção dos arcos de pedra. Tina quase escorregou, mas conseguiu recuperar o equilíbrio segurando meu braço. Eu perdi o equilíbrio e caí com um estrondo. Tina cobriu a boca e caiu na gargalhada.

— Desculpa — disse ela por entre dentes —, mas você caiu como uma profissional.

— Não fica aí parada.

Eu estiquei a mão e puxei a dela. Ela se inclinou e caiu no meu colo. Nós caímos na gargalhada.

— Você não está tentando me passar seu resfriado, está? — Ela ficou de quatro e me puxou.

— Pode ser meu presente de despedida.

— Para com essa coisa de despedida.

— Então você não vai embora?

Tina deu um soco no meu braço.

— Só estou explorando.

O ar parecia uma lâmina de gelo descendo pela minha garganta. Muita coisa foi espremida nas últimas horas.

Eu devia contar para ela, afinal? Poderia ser casual, nada romântico, algumas palavras a mais que poderiam escapar depois que

eu tivesse pedido a última rodada de bebidas. Ela provavelmente diria alguma coisa do tipo “Eu também te amo, Barbs”, depois acrescentaria “Você é minha melhor amiga” ou algo do tipo, que acabaria virando um abraço desajeitado. Nós nos separaríamos, como se as minhas palavras não carregassem significado e eu não estivesse tentando encaixar minha vida na dela.

— Vamos pra casa — eu me ouvi dizer.

Tina arqueou uma sobrancelha.

— Eu não te achava amarelona. Além do mais, nossa casa não é onde a gente se sente à vontade?

Ela segurou minha mão. Enquanto andávamos pela neve meio derretida, tentei nos imaginar como um casal numa saída casual. Apertei a mão de Tina com a minha luva. Ela me deixou segurá-la por alguns momentos antes de soltar.

— Meus pés estão congelados — disse Tina.

— Ah, bom, eu não estou exatamente...

Ela segurou meu pulso e levantou um dedo.

— O que é isso?

— O que é o quê?

Ela apontou na direção do castelo de Liubliana e puxou meu braço.

— Você não está ouvindo?

Seguimos na direção da colina, onde a neblina parecia menos densa. Os contornos das casas começaram a surgir do fundo, como se desenhados por uma mão invisível.

— Ainda não? — perguntou ela.

Eu prendi o ar. Demorei alguns momentos para ouvir uma melodia baixa tocando a alguns quarteirões. Conforme fomos andando, a melodia foi ficando mais pronunciada.

— Eu conheço essa música — disse Tina. — Minha avó a tocava.

— Não é *Dream a Little Dream of Me*?

— Deve haver um bar por aqui.

— Ou isso ou alguém está ouvindo no celular.

Nós entramos numa viela estreita. Tina parou perto de uma lâmpada do tipo antiquado que saía da parede de tijolos.

— Deve estar vindo dali. — Tina seguiu na direção de uma mancha escura.

— Não tem nada ali.

Minha boca estava com gosto amargo. Eu não queria ir em frente,

mas Tina foi direto para a mancha escura, e eu fui atrás. Acabou sendo uma passagem sem iluminação que levava a um pátio interno. Tina apoiou as mãos nos quadris e indicou uma construção.

— Viu? — disse ela.

— Não.

Ela apontou para o chão. Só então reparei numa janela mal iluminada perto do chão. O vitral era marrom e verde e tinha o desenho de uma rosa vermelha no meio.

— Um bar.

— E se for a casa de alguém?

Tina ficou de joelhos e espiou pela janela.

— Você é tão chata com casas. Que importância tem? Tem uma festa e a gente vai.

— Como a gente vai entrar?

— Você *está* bêbada. Vem.

Ela se virou para mim, e não pude deixar de ver a escada que levava ao porão. Eu a segui até uma porta com maçaneta decorada e uma placa pintada à mão que dizia “Três Rosas”.

— Você está falando sério? — perguntei.

Uma sensação de que estávamos invadindo surgiu em mim de formas que não consegui explicar.

— Você quer uma bebida ou não?

Uma onda de calor surgiu quando entramos. Dentro, o cheiro era de cerveja e coisas velhas.

— Acho que somos as mais novas aqui — disse Tina quando passamos pelo bar. Os rostos das pessoas pareciam estranhamente familiares, como lembranças de infância ou fotos de pessoas que você viu com frequência, mas com quem nunca falou.

— Não tem onde sentar — disse Tina.

Olhei para a mesa comprida de carvalho. Havia um casal sentado na frente de outro homem, todos na casa dos sessenta anos.

— Podemos nos sentar aqui? — perguntei.

— Por favor — disse a mulher, e abriu um sorriso com os olhos verdes gentis. Ela estava usando uma saia de tweed e uma blusa florida de seda que tinha um laço na frente. Tina tirou o casaco e o pendurou numa cadeira.

— O que vamos tomar? — perguntou ela.

— Não sei — falei, e comecei a procurar o cardápio.

— Ali. — Tina apontou para o quadro-negro perto do bar.

— Não consigo ler nada. Está muito longe.

Tina apertou os olhos.

— Tem muita coisa boa — disse ela —, mas não sei se o preço está certo. Não pode ser barato assim.

Eu me levantei.

— Vou olhar.

— Não precisa. Fica aqui e guarda o nosso lugar — disse Tina, e apertou meu ombro. Uma onda de eletricidade me percorreu, e precisei de um esforço consciente para não reagir. Eu percorri todos os clichês que vinha repetindo no último ano. Que era melhor não dizer nada, que nós éramos amigas havia muito tempo, que em poucos dias nada daquilo ia importar. As coisas poderiam ser diferentes na próxima vez que nós nos encontrássemos. Quando Tina foi andando para o bar, eu tirei as luvas e o casaco e os coloquei sobre um aquecedor. Eu precisava beber até esquecer e entorpecer a sementinha teimosa da esperança.

A senhora dos olhos gentis sorriu quando Tina voltou com quatro shots.

— Schnapps de mirtilo? — perguntei.

— Caseiro — disse Tina, e botou os copinhos na mesa. — Se você confiar no Milan.

— O garçom?

— O dono.

Olhei na direção do bar, onde um homem careca de bochechas vermelhas estava secando copos com um pano de prato.

— Já fazendo novos amigos?

As palavras saíram meio amargas, mas Tina não reparou.

— Saúde — disse ela, e bateu seu copo no meu.

Depois de virar o shot, puxei os mirtilos com o dedo.

— Precisa ser gostoso assim? — perguntou Tina.

— Eu só sinto gosto de álcool — falei. — O maldito resfriado.

— Bom, eu quero encher a cara antes de...

Ela parou no meio da frase, olhando os dois shots que restavam.

— Vai ser um voo longo até lá.

Não consegui falar em voz alta, dizer o nome do maldito país. Tina balançou o copo vazio.

— É para o Canadá, Barbs. Não Marte.

— Claro — falei. — Vou dar uma passadinha no fim de semana.

— Você pode, sabia?

— Ou talvez eu pudesse arrumar um emprego um pouco mais perto — falei.

— Mais perto de quê? — perguntou Tina.

Algo se mexeu, como se uma corrente fria tivesse passado entre nós. Talvez por isso Tina tenha se virado para a outra ponta da mesa. Quase na mesma hora, a senhora dos olhos gentis a encarou.

— Quando fecha? — perguntou Tina.

— Quase nunca — disse um dos homens. — Milan gosta de ter companhia. — Havia espuma de cerveja grudada no bigode de morsa.

— Vocês vêm aqui com frequência? — perguntei, mais por educação do que por curiosidade.

A senhora de olhos gentis abriu a boca, mas o homem ao lado dela foi mais rápido.

— A gente praticamente mora aqui — disse ele. Ele tinha menos rugas do que o homem do bigode de morsa, embora a barba densa o envelhecesse.

— Milan é da família. Não é, amor?

A senhora dos olhos gentis sorriu para ele.

— E vocês? — perguntou o homem da barba densa, massageando a testa. — Acho que nunca vi vocês aqui.

— Não seja grosseiro — disse a senhora dos olhos gentis e abriu um sorriso. — Você vai assustá-las.

— Não tem problema — disse Tina. — É nossa primeira vez.

— Nós encontramos por acaso — falei.

O homem do bigode de morsa inclinou a cabeça.

— Sorte de vocês — disse ele. — Aproveitem ao máximo.

— Ah, nós pretendemos — disse Tina, e se virou para ficar de frente para eles.

Eu odiei a ideia de competir com três estranhos pela atenção de Tina. Empurrei um dos shots que restavam na direção dela, mas o homem do bigode de morsa não se tocou.

— Vocês não parecem turistas — disse ele.

— E não somos — falei, com mais grosseria do que pretendia.

— Não hoje, pelo menos — observou Tina.

Eles nos olharam de um jeito estranho.

— Ela vai se mudar pra um lugar bem longe — falei.

A senhora dos olhos gentis arqueou as sobrancelhas. Será que sentiu o ressentimento na minha voz?

— Você faz parecer tão dramático — disse Tina. — Eu só vou para o Canadá.

— Para o Canadá? — perguntou o homem do bigode de morsa. — Táí uma coisa que não se ouve todos os dias.

Ele fez um gesto na direção do bar.

— Não é pra sempre — disse Tina.

Eu me mexi na cadeira, meus olhos grudados à frente. A senhora dos olhos gentis sussurrou alguma coisa para os outros dois. O homem do bigode de morsa fez um gesto para o homem no bar e apontou para nós.

— A próxima rodada é por minha conta — disse ele.

— Não precisa — falei. — De verdade.

Nós erguemos nossos copos e viramos a bebida. Enquanto eu mastigava os mirtilos, reparei que dois bancos no bar estavam livres agora.

— A saideira? — perguntei, indicando o bar. Tina pareceu relutante em abandonar a companhia, mas pegou nossos copos vazios e os levou de volta ao bar. O balcão de alvenaria tinha uma placa grossa de madeira em cima e uma variedade de luzes coloridas acima. Jarras de cerveja e água estavam penduradas em ganchos de metal atrás. As prateleiras estavam tomadas de potes grandes cheios de frutas e vegetais.

— Já voltaram? — perguntou Milan.

— Milan, esta é minha amiga Barbara.

Ele assentiu para mim e se virou para Tina.

— Você disse que era sua última vez aqui.

— E é — disse Tina.

— É o que todos dizem.

— Admito que você faz um schnapps ótimo — disse Tina.

— O melhor que há — disse Milan. — O que posso servir pra vocês?

Senti uma pontada de inveja com a facilidade da conversa entre eles. Tina conhecia aquele homem havia meia hora. Ainda assim, eles conversavam como se fossem velhos amigos. Eu, por outro lado, não conseguia dizer a única coisa que queria.

Tina mencionou meu resfriado. Alguns momentos depois, uma

mulher loura de avental levou duas canecas em formato de barril. Olhei para o pau de canela e as duas fatias de laranja flutuando no líquido carmim.

— Vinho quente?

— Você não se importa, né? Milan disse que pode ajudar.

Eu tomei um gole.

— E aí? — perguntou Tina.

— Queimou minha língua.

— Ah, Barbs, não acredito que você está perdendo isso. Você vai ter que voltar.

— Não sei bem se é meu tipo de lugar.

— Definitivamente, é seu tipo de vinho quente.

Quando terminamos o vinho, eu peguei as minhas coisas. Ia sugerir pegar um táxi, mas Milan e Tina estavam conversando como amigos matando saudades. Não consegui entender por que ela queria ficar naquele bar xexelento. Não passou pela minha cabeça que não era por causa do que ela via, mas do que sentia.

Milan fez sinal para a mulher de avental e ela levou duas canecas. Eu arqueei as sobancelhas.

— Vocês não podem ir sem experimentar nosso chocolate quente — disse Milan. — É um clássico.

— Aposto que você diz isso pra todo mundo — disse Tina.

— Só pra quem está quase indo embora — disse ele, e piscou para mim.

Tina tomou um gole do chocolate quente. E arregalou os olhos. Ela olhou para mim e para a caneca e deu outro gole. Eu só senti um gosto quente e de açúcar.

— Está sentindo alguma coisa? — perguntou Tina.

— Estou. Minha língua queimada — falei.

Ela encostou a caneca nos lábios e fechou os olhos. De onde eu estava, parecia que ela estava cheirando o chocolate.

— O que você sente? — perguntei.

— Cócegas.

— O quê?

Tina manteve os olhos fechados por uns momentos.

— Não sei explicar — disse ela quando os abriu. Tomei outro gole e tentei prestar atenção aos detalhes. A porcelana quente na minha boca. A ponta da língua ainda coçando da queimadura. Lentamente,

meus lábios ficaram dormentes. Tina se virou para mim com os olhos castanhos grandes.

— Sentiu alguma coisa?

— Minha boca está meio dormente.

Tina sorriu.

— Sentiu, então.

Botei a caneca na bancada e lutei para esconder a irritação.

— Deve ser o calor. Quanto ao gosto, é o mesmo que beber água quente com açúcar.

Ela baixou o olhar.

— Tudo bem. Você não acreditaria em mim.

— Me conta mesmo assim.

— Parece...

Ela lambeu os lábios e olhou para a caneca.

— Você vai rir.

— Isso nunca te impediu.

Ela fechou os olhos, talvez para se proteger da minha risadinha, e deu um gole longo.

— Parece um abraço longo, todo quente e macio e meio formigando.

Meus joelhos ficaram bambos.

— Está bem doce, mas tem um amargor também, como o medo de que tudo acabe — disse ela.

Eu me inclinei mais para perto quando Tina tomou outro gole. Se pudesse, eu teria me banhado no aroma da pele dela, naquele cheiro familiar de pinho e grama, mas meu resfriado tinha me privado disso também.

Quando Tina abriu os olhos, tive a estranha sensação de que ela sabia o que eu tinha em mente.

— Milan — disse ela. — Eu *tenho* que saber o que tem aqui.

— Sei que tem — disse Milan.

Tina botou a caneca na bancada.

— Estou falando sério.

Milan sorriu e começou a lavar copos na pia.

— Tem biscoito? Estou sentindo gosto de canela. De chocolate, claro, de leite, uma pitada de sal, mas tem mais alguma coisa, não tem?

Milan abriu um sorriso malicioso para mim.

— Persistente, ela — disse ele.

Tina cruzou os braços.

— Só vou embora quando você me contar.

— Quem disse que você precisa ir embora? — perguntou Milan.

Alguma coisa se mexeu na minha barriga, como uma cutucada num ninho que eu não sabia que estava lá.

— Aposto que sua amiga aqui também não quer ir embora — disse ele.

Eu calcei as luvas.

— Estou exausta, na verdade.

Tina olhou minha caneca.

— Você não vai terminar isso?

— Pode ficar — falei. — Mas depois vou chamar um táxi.

Tina tomou meu chocolate quente pelo que pareceu uma eternidade. Depois que terminou, ela se virou para mim com os olhos castanhos grandes.

— Um último?

Eu suspirei.

— Posso pedir dois chocolates quentes pra viagem? — perguntei.

— Pra viagem pra onde? — perguntou Milan.

— Pra gente ir bebendo na rua — falei.

— Ah, não — disse Milan. — Nenhuma bebida sai da casa.

Tina vestiu o casaco, mas percebi que ela não queria ir embora.

— Olha só — disse Milan. — Se você gostou tanto assim, por que não volta amanhã?

— Você abre no Natal? — perguntou Tina.

— Se você vier, eu abro pra você.

— Você faz o chocolate quente?

Milan bateu no ombro dela. Ela sorriu para ele. Tive a sensação estranha de que ele estava agindo como o pai que ela nunca teve. Eles trocaram mais algumas palavras e eu saí para chamar um táxi. Quando chegamos em casa, eu desabei na cama e só acordei de tarde.

Depois de um banho quente, embalei os presentes para o mercado artesanal de Natal e mandei uma mensagem de texto para a minha mãe, avisando que pegaria o próximo ônibus. Fui tomada por uma vontade de acabar logo com essa despedida. Desde que Tina anunciou que se mudaria para o Canadá, eu estava tentando me despedir. Quanto mais perto chegava a data do voo, mais eu me via agarrada ao

som dos passos dela no corredor, da movimentação no quarto, de qualquer som que indicasse que ela estava perto de mim. Mas, naquele dia, eu queria que acabasse.

Eu bati à porta do quarto de Tina.

— Só um segundo — disse ela com voz entrecortada. Alguns momentos depois, apareceu completamente vestida.

— Vai sair?

Flocos brancos do tamanho de aveia estavam caindo por uma camada densa de neblina e poluição.

— Tem meio metro de neve — falei e aponte para a janela. Tina vestiu o casaco.

— Vou te levar até a rodoviária — disse ela.

— Não precisa.

— Eu sei, mas eu vou sair. Tomar um ar fresco, né?

Um arrepio desceu pela minha coluna.

— Você não vai naquele bar, vai?

Ela esfregou as mãos.

— Acho que vou ver se está aberto.

— Não é meio sinistro ele dizer que ia abrir pra você?

Tina deu um soco no meu braço, mas sem muito entusiasmo, como se não pretendesse.

— Ah, para com isso, Barbs — disse ela. — Ele só estava sendo legal. É Natal.

Nós fomos para a rodoviária. Uma camada úmida de neve fresca cobria o caminho e abafava os sons de tráfego. Tina tentou deixar o clima leve com brincadeiras, mas uma sensação de distância já nascia entre nós e moldava nossas frases em um adeus mudo.

— Me avisa quando chegar — falei.

— Vou ligar assim que estiver com tudo organizado.

Nós nos abraçamos. Eu subi no ônibus e tentei não olhar para Tina acenando, mas não consegui me controlar. Acenei de volta até ela se tornar um pontinho misturado com a brancura.

Nos dias seguintes, fiquei verificando o celular em busca da mensagem. Não chegou. Falei para mim mesma que ela estava cansada, com jet lag, que provavelmente tinha sido convidada para ir a uma festa de Ano-Novo e talvez tivesse ficado mais tempo, feito novos amigos.

Quando, em meados de janeiro, ainda não tinha tido notícias de

Tina, eu enviei uma longa mensagem de texto. A mensagem voltou sem ter sido entregue. Eu liguei e descobri que o antigo número tinha sido desligado.

Comecei a inventar motivos para o silêncio dela porque era mais fácil do que fazer perguntas. A sinceridade parecia um cachorro de rua, adorável de longe, mas, se você chegasse perto demais ou oferecesse a mão para fazer carinho, poderia acabar descobrindo que estava com raiva. Quanto mais eu pensava, mais imaginava qual teria sido a resposta de Tina se eu tivesse perguntado se havia algo errado. Ela esperaria alguns dias antes de enviar uma longa explicação de que tinha ido embora por minha causa, porque eu a deixava constrangida, que ela sempre me amaria, mas não assim.

Chegou fevereiro e nada de Tina. Eu comecei a entrar em pânico. Por impulso, decidi passar no Três Rosas e perguntar se Tina tinha dito alguma coisa antes de ir embora. Cultivei um pensamento de que ela tinha cancelado a viagem e decidido trabalhar lá de garçonne para poder conseguir a receita daquele chocolate quente. Já estava tarde quando eu contornei o antigo mercado. Minha lembrança do nosso percurso era como um baú velho coberto de teias. Eu ficava tropeçando nos mesmos lugares sem nunca encontrar aquela mancha escura que nos levou até o pátio.

Falei para mim mesma que estava cansada e que tentaria de novo mais tarde. Nos meses seguintes, revirei a cidade, mas não encontrei o bar. Naquele outono, voei para o Canadá e verifiquei o endereço que Tina tinha me dado. Ninguém a tinha visto. Na verdade, ninguém tinha ouvido falar de nenhuma estudante eslovena morando lá.

Eu fiquei obcecada em encontrar o Três Rosas. Comecei a fazer longas caminhadas à meia-noite, às vezes depois de algumas taças de vinho. Esperava que estar em um estado similar fosse me ajudar a lembrar o caminho para o bar.

Uma vez, cheguei perto do que parecia ser o lugar certo. O poste de luz emitia umas sombras tortas e distorceu minha visão. Onde eu esperava encontrar a passagem, havia uma casa velha. A árvore e o poste se encaixavam na minha lembrança indistinta, ou no que havia sobrado dela. Mas não havia passagem, nem pátio, nem bar.

Eu me encostei na parede úmida da casa velha. Lágrimas quentes e grudadas desceram pelas minhas bochechas. Todo mundo que eu amava tinha ido embora. Eu só tinha algumas imagens se apagando na

mente. Quanto mais eu tentava me lembrar dos detalhes, mais eles pareciam uma ilusão. Parecia que nem as imagens queriam ficar e preferiam se afastar.

Mas uma luz se acendeu na casa. Limpei as lágrimas com a manga e olhei para onde o rosto de uma mulher idosa estava desaparecendo na janela. Uns momentos depois, uma chave girou e a porta se abriu com um gemido. Uma senhora saiu, usando uma estola marrom de lã em volta dos ombros. Ela era velha, mas não parecia frágil.

— Achei que fosse você — disse ela.

Eu ergui as sobrancelhas.

— Nós nos conhecemos? — perguntei.

— Você vem aqui com frequência, não é?

Eu fiquei satisfeita.

— Não é proibido andar aqui, é?

A senhora sustentou meu olhar e cruzou os braços lentamente. A pele nas mãos dela parecia couro creme esticado sobre veias azuis grossas.

— Então você não está procurando nada? — perguntou ela.

A voz dela carregava uma certa determinação, e deve ter sido por isso que respondi à pergunta dela.

— Tem um bar ao qual eu fui uma vez, o Três Rosas, mas não estou conseguindo encontrar. Você sabe se fechou?

Ela piscou.

— Ah, fechou, sim — disse ela. — Muito antes de você nascer.

Meu estômago deu um nó.

— Isso é impossível. Eu vim aqui alguns anos atrás.

— Não estou dizendo que não existe — disse ela —, mas que só para um tipo específico de pessoa.

— O que você quer dizer?

Os lábios dela tremeram.

— É como uma música para elas. A maioria das outras pessoas não ouve.

Uma imagem daquela noite surgiu na minha frente, de como Tina tinha ouvido a melodia bem antes de mim.

— Por quê?

— Quem sabe?! Talvez por serem pessoas solitárias ou perdidas.

A náusea cresceu no meu estômago. Eu me lembrei de todas as conversas com Tina de madrugada, quando ela me contou que se

sentia como uma árvore que não conseguia fazer as raízes crescerem.

— Você está dizendo que prende as pessoas? Aquele lugar? — perguntei.

— Pense nele como um refúgio. A maioria das pessoas não quer ir embora porque tem medo de nunca mais encontrar o caminho.

O silêncio se prolongou entre nós, seco e frio, como cristais de gelo em árvores. Enfie as mãos nos bolsos para fazer os dedos pararem de tremer.

— Você já foi lá, não foi? — perguntei.

Ela esticou a mão para a maçaneta.

— Você devia ir pra casa — disse ela. — Está começando a congelar.



Minha caminhada da meia-noite está quase acabando. Ignoro a lama de neve que provoca nos meus pés a sensação de blocos de gelo. Só as luzes de Natal de Liubliana compartilham da minha solidão, os planetas e as estrelas que estão suspensos sobre o asfalto. Eu penso neles quando passo embaixo, que pertencemos uns aos outros, mas a ninguém ao mesmo tempo.

Não consigo deixar de pensar no que atraiu Tina ao Três Rosas naquele Natal. Foi a sensação de comunidade, de pertencer à família grande com que ela sempre sonhou? Ou houve alguma outra coisa, um medo, uma saudade, uma necessidade de existir fora da vida dela? Pensei em como Milan pareceu ter adivinhado meus pensamentos. Teria ele adivinhado os de Tina? Teria ele dado a ela uma sensação de lar?

Conforme minhas meias vão ficando molhadas e frias, eu me pergunto o que aconteceria se eu encontrasse a passagem e girasse a maçaneta decorada que separa o Três Rosas do mundo.

Imagino que *Dream a Little Dream of Me* tocaria ao fundo. Tina estaria sentada junto ao bar de alvenaria. As luzes tremeluzentes gerariam explosões ecléticas de cor no cabelo sedoso dela. Nós nos abraçaríamos. Eu contaria o quanto senti falta dela, como a amei durante todos aqueles anos. Ela me daria um soco no braço, mais forte do que o habitual, e eu me sentaria no banco ao lado dela. Eu pediria duas canecas de chocolate quente, sem o medo de que nosso tempo

juntas fosse acabar.



Veludo Escuro

Todas as famílias têm seus segredos; a nossa tem uma maldição. Nós raramente falamos nela, embora continue existindo nas sombras. Maldições podem fazer isso. Elas se escondem e esperam, sem nunca soltar o pescoço das pessoas. A gente só sente se examinar os pequenos gestos e tiques, as pequenas mudanças nos olhos das pessoas, os silêncios que ocupam os espaços vazios.

Mas depois que a vovó morreu, as coisas pioraram. Para começar, nós tivemos que resolver as questões legais da padaria dela. Tínhamos concordado que a Delícias dos Noonans deveria ser vendida, mas, por causa de alguma pegadinha legal, um Noonan tinha que ser o responsável, ainda que só no papel.

Quando o advogado nos pediu para dar um nome, nós ficamos sentados olhando para os pés. Encontrar um novo gerente para a padaria mais famosa da cidade deveria ser mais fácil, principalmente vindo com uma herança substancial.

O advogado nos deu quatro semanas para encontrar um nome. Se ninguém se apresentasse, ele escolheria cegamente um de nós, como era o desejo da vovó. Nós não dissemos nada, o que, pensando melhor, deve ter sido interpretado como concordância. Imagino que estávamos todos pensando a mesma coisa.

Por favor, que não seja eu.

Cutucadas sutis, comentários e ligações foram feitas para as outras pessoas da família. Eu achava que era a partir disso que os primeiros boatos tinham surgido, mas me enganei. Na sexta-feira, fui ao mercado da cidade para fazer compras. Elena, minha peixeira e ex-colega de escola, acenou para mim de longe.

O avental e as botas brancas de borracha estavam manchados com sangue de peixe.

— Jim — disse ela, botando a luva de borracha —, eu tenho lula fresca. Quer?

— Quero meio quilo.

Ela forrou a balança com papel e colocou a lula com as mãos enluvadas. A capacidade de Elena de adivinhar as quantidades nunca deixava de me impressionar. Depois de registrar o preço, ela levou a lula de volta para a bancada.

— Como está Alma? — perguntou ela.

Achei estranho ela perguntar sobre minha cunhada e não sobre a minha esposa, que estava gripada.

— Bem, eu acho.

Elena começou a limpar a lula com uma eficiência de máquina. As mãos pareciam trabalhar sozinhas, girando a pena antes de puxá-la, arrancando a pele e tirando as entranhas.

— Então é verdade?

Eu baixei o queixo.

— Como assim?

— O negócio da sua família. A Delícias dos Noonans. Alma vai assumir?

Um ar frio tocou na minha nuca. Eu não queria parecer desinformado, mas também não ia discutir a maldição fora da família.

— A gente ainda não decidiu.

— Ela faria um ótimo trabalho.

Elena embrulhou a lula em duas camadas de papel e me deu o preço.

— Mais alguma coisa?

Apontei para um belo pedaço de hadoque. Ela acrescentou um pouco de camarão.

— Caso você decida fazer um ensopado.

Ela ensacou a compra, mas fez uma pausa antes de me entregar.

— Ela não traria de volta o Veludo Escuro, não é? — perguntou Elena.

O nome caiu como um martelo.

— Difícil saber — falei. — Era um bolo que vendia muito.

Eu peguei a sacola e paguei.

— Me liga quando receber aquela carne de caranguejo de novo?

— Como sempre.

Meu peito estava disparado quando saí do mercado. Liguei para o número de Alma. Ela atendeu depois de dois toques.

— Jim! — disse ela. — Eu estava no telefone com a Tania.

Achei isso meio estranho, porque a minha prima nunca tinha

gostado de Alma. Por outro lado, Tania sentia curiosidade até com o mais horrível dos parentes.

— O que a Tania disse? — perguntei.

— Ela queria saber se era verdade. Claro que o advogado não ficou de boca calada. Eu queria fazer um anúncio, mas acho que não vou mais.

Meus batimentos aceleraram.

— Anúncio de quê?

— Vou assumir a padaria.

— Tem certeza disso?

O som do vento estalou no meu ouvido.

— Não estou te ouvindo, Jim.

— Vamos almoçar juntos amanhã.

— Não sei se tenho tempo pra...

O vento no meu telefone ficou mais alto.

— Café, talvez?

— Café está bom — falei.

— Tem um café novo à esquerda da praça principal.

— Quatro horas?

— Te vejo lá.

Eu não consegui dormir naquela noite. Não foi só porque minha esposa ficou fungando e tossindo. Eu fiz chá para ela.

— Você vai pegar gripe — disse ela.

— Aí você faz chá pra mim.

Eu peguei no sono quase de manhã e acordei perto do meio-dia com a cabeça pesada. Meu nariz começou a escorrer. O chá matinal estava com gosto de água. Pedi a Alma para adiar nosso encontro. No dia seguinte, Tania ligou.

— Você falou com Alma?

— Ainda *dão*.

Eu assoei o nariz. Minha cabeça parecia uma pinhata enorme.

— Sua voz está horrível — disse ela. — Você está doente?

— Gripe — falei. — O que *Alba* disse?

Tania soltou um fluxo alto de ar.

— Não consegui convencê-la a ter bom senso — disse Tania. — Ela vai assumir. Já deve ter começado.

Houve um momento de silêncio.

— Ela disse *bais*?

— Alguma coisa a ver com a hipoteca — disse Tania. — Parece que ela precisa de ajuda pra pagar.

Ela elaborou a frase com cuidado para não me ofender.

— Tudo bem — falei. — Eu *dão* tinha como saber.

Se o coágulo que tinha matado meu irmão tivesse esperado alguns meses, as coisas não teriam sido tão ruins para Alma como estavam sendo.

— Alma acha que, como entrou na família por casamento, ela não vai pegar a...

Meus batimentos latejaram na garganta e esconderam as palavras de Tania. Eu não ouvi o que ela estava dizendo. Talvez nem quisesse. Com uma maldição, há um certo risco de contágio, de que falar sobre ela vá cutucar as brasas e aumentar a chama.

— *Fabília é fabília, dê?* — falei.

Tania suspirou.

— Alma acha que somos um bando de malucos supersticiosos.

Eu mordi o lábio.

— Você acha que é tarde? — perguntei.

— Pra convencê-la de não ir em frente com a ideia, é isso?

— É.

— Ela ouviria?

— *Dão* tenho certeza.

Um pensamento desagradável percorreu minha mente como uma corrente fria. Mesmo que eu conseguisse convencer Alma de não assumir a padaria, nós ainda precisaríamos pensar num outro nome.

— Vai ter gente machucada — disse Tania. — Sempre aconteceu.

Tania inspirou fundo.

— Você está *fubando*? — perguntei.

— Me acalma.

A julgar pelo som do isqueiro, ela estava fumando outro cigarro.

— Tudo bem, eu falo com ela — falei.

— Boa sorte.

Com o fim de semana se aproximando, eu comecei a mexer em decorações e a mover cantinhos de livros para manter as mãos ocupadas.

— Você não devia ter prometido — disse minha esposa.

— Que escolha eu tinha?

— O resto da família não tem problema nenhum em ficar fora

disso.

— Alma é da família.

Minha esposa não disse nada, mas percebi que ela estava se segurando. Talvez estivesse com medo de que, se me pressionasse, eu acabasse me voluntariando. Não que eu não tivesse considerado, mas, sempre que pensava em falar, as palavras murchavam na minha boca.

Eu estava tomando meu segundo café com leite quando o Volvo vermelho da Alma parou no meio-fio. Cheia de energia, como sempre, ela passou direto pela placa colocada pelo cara que estava pintando a parede e passou por baixo da escada para seguir na direção da entrada, preferindo o caminho mais curto.

— Desculpe o atraso. — Ela me deu um abraço. As pulseiras de metal tilintaram. — Eu demorei uma eternidade e ainda não acabei de assinar coisas.

Minha pálpebra tremeu. Mexi o café, apesar de nunca colocar açúcar.

— Você já experimentou os bolos daqui? Ouvi falar bem do de chocolate. — Ela apertou os olhos para o cardápio. — É sem glúten, que bom.

Ela pediu o bolo de chocolate. Eu pedi outro cookie.

— Então a padaria é sua?

Ela sorriu.

— Você está olhando para a nova CEO da Delícias dos Noonans.

Eu abri o botão de cima da minha camisa.

— Vai haver uma grande inauguração no dia primeiro, para eu ter tempo de preparar tudo — disse Alma.

— Alma...

Mais uma vez, as palavras entalaram na minha garganta. Alma tomou um longo gole do café.

— Espero que você não tenha me convidado para vir aqui para me convencer a desistir — disse ela.

— Nós estamos preocupados, só isso.

— Com o quê?

Apertei os lábios.

— Eu sei o que estou fazendo, Jim. Eu tenho MBA.

— Não é isso.

Olhei para o prato. Como poderia explicar o poder da maldição sem nomeá-la? Alma pareceu ter adivinhado meus pensamentos.

— Você não está falando da maldição idiota, né?

— Não é idiota.

— Também não é real — disse ela. — Você deve saber isso, em algum nível.

— Coisas aconteceram — falei.

— Você está falando de quando a sua avó perdeu o paladar?

— Ela nunca recuperou.

— Will disse que foi um curto-circuito no cérebro dela.

— É, mas é mais do que isso. Está por aí há...

Algo chacoalhou perto do bar. Olhei para o garçom, que estava esvaziando o pote de gorjetas na bancada. Meu rosto ficou coberto de suor.

— Você está preocupado com o bolo? — perguntou Alma. — O de laranja sanguínea?

— Você não pode vender esse bolo, Alma.

— Por que não? Deu uma fortuna à sua família. Sem ele...

Ela fez uma pausa no meio da frase quando o garçom levou o bolo dela e o meu biscoito. Depois que o garçom se afastou, Alma ficou olhando para o bolo por alguns momentos, enfiou o garfo nele e comeu um pedaço. Ela rabiscou algumas coisas em um guardanapo. Dizia chocolate, sal, baunilha, abacate e morango.

— Will me contou a história quando nos conhecemos — disse ela.

Eu parti meu cookie ao meio. Mas a ideia de comê-lo me encheu de náusea. Eu duvidava que fosse conseguir terminar meu café.

— Algo sobre sangue e vingança. Eu falei que ele podia fazer um filme trash se acrescentasse uns dois zumbis. Ele riu — disse Alma.

Como se contesta as palavras de uma pessoa morta? Will teria dito qualquer coisa para impedi-la de achar que era parte de uma família maluca.

— É bem mais velha do que a vovó. Will te disse que tem quanto tempo?

— Cem anos.

— Tem mais de mil.

Alma botou o garfo no prato.

— Tudo bem, então me conta — disse ela. — Porque eu gostaria de entender por que todo mundo faz cara de cu quando alguém menciona o Veludo Escuro.

O cookie se desfez nas minhas mãos. Enfieei um pedaço na boca,

mas estava com gosto de compensado.

— Pra começar, você devia saber que a vovó não perdeu só o paladar. Ela também perdeu o marido.

— Mas ele não morreu, né? Foi embora.

— Você perdeu Will. Tem um histórico de... perdas assim.

— Não seja idiota, Jim. Se Will tivesse ido ao médico antes, ele ainda estaria aqui. As pessoas morrem. É normal.

— Na nossa família, as pessoas morrem com um pouco mais de frequência. Você vai reparar que costuma ser um membro de casal, não os filhos.

— Você está dizendo que sua família é amaldiçoada?

— Você não acredita em mim.

— Eu não falei isso. Só não vejo provas. Pessoas que morreram ou largaram os cônjuges não contam como prova.

Apesar de ter tomado toda a minha água, eu estava com a boca seca.

— Will disse alguma coisa sobre de onde ela veio?

Alma pensou nisso e comeu mais bolo. Eu empurrei o cookie para o lado.

— A maldição, você quer dizer? Não disse, não.

— Você tem que prometer que, se eu te contar...

— Se você me contar? Ah, por favor. O que você quer que eu faça, que assine alguma coisa com sangue?

— Você não pode falar sobre isso com ninguém, Alma. Não fora da família imediata.

— O que você acha que eu vou fazer? Procurar um jornal e dizer: por favor, escrevam sobre meu bolo amaldiçoado?

— Você tem que prometer.

Ela terminou o bolo e botou o garfo no prato.

— Eu prometo.

Comecei a sentir uma pressão na testa. Inspirei fundo. Alma cruzou as mãos.

— Por favor, não comece com era uma vez — disse ela.

O fundo da minha garganta coçou.

— Isso tudo é uma piada pra você.

Alma olhou a hora.

— Continua — disse ela. — Vou ter que ir embora daqui a pouco.

A coceira virou tosse. Levantei a garrafa de água vazia e pedi

outra. Tomei metade em goles grandes até a tosse passar. Ainda assim, minha voz saiu meio engasgada.

— O primeiro bolo tinha sangue de verdade — falei.

Alma sorriu para mim, como se esperasse que eu estivesse brincando. Ela arqueou uma sobrancelha.

— Você não pode estar falando sério.

— Foi vingança. O amante de uma mulher se envolveu com outra pessoa e a engravidou. Como você pode imaginar, não havia muitas opções na época.

— Ele se casou com a mulher grávida?

— Sim. A ex-amante levou o bolo para o casamento. Como presente.

— Suponho que o sangue dentro do bolo fosse dela.

— O feitiço funcionou. A noiva morreu no parto.

— Não era tão incomum na época, era? Quer dizer, mesmo hoje em dia... nós precisamos de instalações, de médicos. Ela pode ter dado azar.

— O homem morreu pouco depois em um acidente. E o bebê ficou com a avó.

— Só isso?

— Não exatamente. Quando a avó descobriu sobre o bolo, ela jurou vingança.

Alma revirou os olhos.

— Eu tenho que dizer que isso parece meio fantasioso.

— Ela arrumou alguém que entendia de maldições e botou uma na confeitira.

— Pra que ela nunca mais fizesse bolos?

Eu segurei a mão dela. Ela tremeu quando me encarou.

— Pra que ela nunca encontrasse amor e felicidade. Assim como nenhum dos filhos dela.

Alma puxou a mão de volta.

— Isso não faz sentido. Um bolo com sangue?

— Botaram laranja sanguínea no lugar.

— Mas por quê? Quem ia querer comer isso?

— Você ficaria surpresa com a quantidade de gente que quis quando a história se espalhou. A mulher que o fez ganhou uma fortuna.

— E ela não ficou feliz?

— A receita foi a única coisa que os fez seguir em frente.

A falação e a barulheira encobriram nosso silêncio. Alma fez um gesto pedindo a conta.

— Se tudo isso for verdade, por que você é feliz no casamento? — perguntou ela.

— A minha mãe me teve antes de se casar com meu padrasto. Ele insistiu pra que eu assumisse o sobrenome, então...

— Então o quê? Eu também me casei e botei o sobrenome. De que forma é diferente?

— É provável que fique tudo bem com você se você não botar o bolo de volta no cardápio.

— Você já experimentou? Will disse que era muito bom.

— Eu comi um pedacinho quando era criança. Tive que roubar, porque a vovó não deixava a gente comer.

Alma balançou a cabeça.

— Eu também não comeria, né? Por causa do glúten.

— Mas venderia.

Alma olhou para a frente com a expressão vazia por um momento e pegou a bolsa.

— Não é que eu não agradeça a sua preocupação — disse ela. — Mas eu tenho dois filhos no ensino médio. Preciso do dinheiro, Jim.

— A gente poderia montar um fundo. Eu poderia pedir à família pra contribuir.

Ela franziu a testa.

— Fundo? O que eu sou, a porra de uma mendiga?

O garçom entregou a conta para Alma. Ela pegou o cartão de crédito.

— Me deixa pagar, por favor — falei.

Ela entregou o cartão para o garçom.

— Eu ainda posso pagar um café pras pessoas.

Ela se levantou e encostou a bochecha na minha.

— Se cuida. E, por favor, não se preocupa comigo — disse ela.

— Pelo menos me deixa ajudar com os preparativos.

— Eu ligo se precisar de alguma coisa, está bem?

Ela teve que contornar a escada por causa de um mímico que estava bloqueando a passagem. Quando entrou no Volvo vermelho, ela saiu em disparada.

Naquela noite, repassei em pensamento a conversa com Alma. Eu

poderia ter dito alguma coisa diferente que a faria mudar de ideia? Eu não sabia. O tique nervoso nas minhas entranhas me dizia que eu devia ter me esforçado mais.

— Como foi? — perguntou minha esposa.

— Não foi — falei.

— E o bolo?

Eu dei de ombros.

Nos dias seguintes, falei com Tania e com os outros primos. Todo mundo concordou que alguém deveria falar com Alma de novo, mas todo mundo também concordou que não deveria ser ele ou ela. Sugeriram que eu falasse com o advogado e arrumasse uma limitação legal que proibisse Alma de fazer o bolo, mas o advogado nem quis saber.

Depois de enrolar um pouco, liguei para Alma.

— Pronta pra grande inauguração? — perguntei.

— Quase. Só estou tendo pequenas questões com os funcionários.

— O que houve?

Alma expirou alto.

— É mais o que não houve. Passei mal durante dias porque mais ninguém quer experimentar a porcaria do bolo.

— Então você fez?

— Sinceramente, não sei qual é o drama. Não é nada de maravilhoso.

— Você experimentou?

— Eu tive que experimentar, né? Agora, não paro de coçar o rosto.

— Você podia ter ligado.

Alma estalou a língua.

— É, depois do discurso que você fez no outro dia. Claro, eu diria pra você ir experimentar o bolo que vai fazer a felicidade sangrar pra fora da sua vida.

— Eu ainda me lembro do gosto.

Algo fez barulho do outro lado da linha.

— Se você quiser, a última fornada acabou de sair. Mas tenho quase certeza de que está faltando alguma coisa.

Uma ideia surgiu na minha mente. Eu me encontraria com Alma e fingiria comer o bolo. Em seguida, diria que estava mesmo faltando alguma coisa e que a vovó devia ter tirado da receita. As pessoas notariam e as vendas despencariam, então seria melhor suspender por

enquanto.

— Estou livre agora — falei. — Posso ir até aí.

Houve uma pausa.

— O bolo precisa esfriar e eu preciso passar na farmácia. Minha cabeça parece que vai explodir. Pode ser daqui a uma hora?

Minha esposa franziu a testa quando expliquei o plano. Fez massagem por um tempo nos meus ombros, como se quisesse me impedir de ir.

A via expressa estava movimentada, como sempre acontece às sextas, e o tráfego começou a ir mais devagar perto da saída até acabar parando. Os motoristas saíram dos carros para esticar as pernas. Um deles foi caminhando até o começo da fila. Eu o parei na volta.

— O que está havendo? — perguntei.

— Algum idiota entrou na mão errada. Ainda estão limpando tudo.

Ele me ofereceu um cigarro. Olhei para as mãos com unhas feitas e fiz que não. Ele pegou um e o acendeu.

— Alguma ideia de quanto tempo vai demorar? — perguntei.

Ele trouxe com um chiado.

— Já tiraram o corpo do motorista. É só o resto que precisa ser retirado agora.

A dor de cabeça aumentou.

— Aqui — disse ele, pegando o celular e me mostrando uma foto.

Apesar de não pretender, eu olhei. Pedacos de carro estavam espalhados por todo o asfalto. O que restava tinha sido colocado num reboque. Minhas entranhas se contraíram. O metal amassado parecia uma rosa vermelha com pétalas arrancadas.

O homem bateu a cinza do cigarro.

— Uma pena estragar um Acura — disse ele. — É um bom carro.

Minhas costelas pareceram encolher, os ossos perfurando meu interior. Apertei a mão no peito.

— Não é um Acura, é um Volvo — falei com voz falha.

O homem aumentou a imagem de uma roda torta na grama. E abriu um sorriso diabólico.

— Como você sabia?



Uma cozinheira boa pra caramba

Minha garganta se fecha quando paro na frente da porta de Ula. Os anos não foram gentis com o capacho marrom que agora diz “Bem-indo” em vez de “Bem-vindo”. O nome de Ula não está na porta como eu esperava, mas tem uma tira de plástico preto com as iniciais dela acima da campainha.

Coloco a mala no chão. O que vou dizer, exatamente? Doze anos antes, nós éramos colegas de apartamento. Depois, ela se mudou e nós começamos a procurar empregos, carreiras e relacionamentos. Dizer que nós perdemos contato estaria correto, mas não seria totalmente honesto. Como se perde contato com gente que se tranca na própria vida?

Toco a campainha com os dedos suados. Tem música tocando ao fundo. Ouço o movimento baixo dos pés de alguém. Ela vai atender?

Novamente, verifico se tem alguma resposta no meu celular. Minha mensagem para Ula foi entregue, mas não foi lida. Eu prendo o ar e toco de novo, duas vezes agora.

Há uma movimentação e a música para. Os passos percorrem o aposento. E se ela não estiver sozinha? Reparo numa mudança na luz quando alguém olha pelo olho mágico. As chaves balançam.

— Sarah?

Ula fala como se não tivesse certeza de que sou mesmo eu.

— Desculpa aparecer assim — digo.

O cabelo dela está curto e desgrenhado, as bochechas, um pouco coradas. Ela está usando uma legging preta e uma camiseta esticada que resalta os bíceps.

— Eu tentei ligar — digo, como se fosse explicação.

Ela inclina a cabeça e pisca. Em seguida, seu rosto se ilumina.

— Ah, era você — diz ela, sorrindo. — Eu achei que era telemarketing. Sempre usam números diferentes.

O jeito como ela para na porta me faz achar que ela está acompanhada. Eu não contava com isso.

— Então você também não viu minhas mensagens?

— Meu celular está no andar de cima, carregando. O que foi? Espero que não tenha acontecido nada.

— Eu não sabia se você ainda morava aqui — digo. Ula olha para a mala ao meu lado. — Meu hotel fez besteira. Tentei encontrar outro, mas estão todos lotados.

— É a época dos casamentos.

— Você conhece algum albergue ou quarto que eu possa alugar por uma noite? — pergunto.

— Albergue? Você não pode estar falando sério.

Ela solta a porta, que se abre.

— Por que você não fica no meu quarto de hóspedes?

Eu murcho os ombros.

— Eu ia detestar te atrapalhar.

— Não seja boba — diz ela. — Vai ser bom ter companhia.

Puxo a mala para dentro, tentando esconder a empolgação sobre meu plano dar certo.

— Qual é a ocasião? — pergunta Ula.

— Trabalho. Eu tenho uma entrevista às seis e meia.

— Da manhã?

— Foi o único horário em que conseguiram me encaixar.

— Tem certeza de que seu editor não está te punindo por alguma coisa?

Dou uma risada.

— Não é impossível.

A sala de Ula é estilosa, mas pouco mobiliada. Tem uma única estante com alguns livros arrumados. Na mesma hora, vejo Hemingway, Dostoiévski e Sun Tzu. Tento lembrar se já vi Ula lendo alguma coisa que não fosse um livro de receitas, mas não consigo.

— Espero que você não se importe com um pouco de bagunça — diz Ula. — A minha faxineira foi para a cidade dela. Emergência de família.

Escondo o alívio atrás de um sorriso.

— Que bagunça?

— Aqui — diz Ula, pegando a minha mala. — Me deixa levar isto.

Antes que eu possa protestar, ela ergue a mala e a carrega para dentro, como se fosse uma lata de feijão.

— Vou tirar a bagunça e aprontar as coisas — diz ela, e leva minha

mala para o andar de cima.

Enquanto espero na sala, ouço uma movimentação e coisas sendo arrastadas no andar de cima. Pelo som, ela não está só arrumando, mas reorganizando o quarto todo. Espero alguns instantes e vou para a cozinha.

Primeiro, examino os armários. Pratos brancos lisos, empilhados e arrumados por tamanho. Canecas genéricas de cor creme, do tipo que se usa em reuniões. As gavetas estão cheias de panos de pratos, utensílios de cozinha e tampas. A natureza mundana de tudo me incomoda.

Verifico os temperos, mas não encontro nada, nenhum pendrive escondido, nenhum dispositivo. Os passos de Ula são altos e rápidos. Ela chega na metade da escada antes de eu conseguir botar água num copo, e tomo um gole quando entro de volta na sala.

Teria ela me ouvido xeretando? Não é possível com todo o barulho que ela estava fazendo.

— Não abra o armário, senão você vai ser soterrada pelo meu lixo — diz ela.

— Eu não vou nem desfazer a mala — falei.

Quando ela olha pela sala, seu olhar para na área do bar, que separa a sala da cozinha. A veia no meu pescoço começa a latejar. Ela reparou que eu mexi nos temperos?

— Você vai ficar para o jantar ou já tem planos?

— Eu não quero incomodar.

Não tem nada que eu fosse adorar mais do que a comida da Ula, e não só porque o prato que eu faço melhor é um queijo quente metido a besta. Desde que ela se mudou do nosso apartamento, o curry cremoso dela foi presença constante nos meus sonhos.

— Ah, por favor — diz ela, e vai para a cozinha. — Não é problema nenhum.

Eu me sento ao bar e vejo Ula pegar os utensílios de cozinha e colocar os legumes na bancada. Ela começa a alinhar os temperos.

— Se você não estiver com vontade de cozinhar, posso pedir alguma coisa pra nós.

Ula abaixa o queixo e franze a testa para mim.

— Por favor. Quando eu não tive vontade de cozinhar? Além do mais, você não ia querer comer as coisas que entregam por aqui.

Ela descasca a cebola com poucos movimentos.

— Uma audácia chamar aquele lixo de culinária — acrescenta ela.
— Eu sinto falta da sua comida.
— Curry está bom? — pergunta ela. — Não vou fazer picante demais.

Eu aperto os lábios e penso no painelão de curry que ela fazia para nós. Ficava tão cremoso que envolvia a língua. Eu brigaria com outras pessoas pelas sobras.

— Posso ajudar? — pergunto.

Ula tira uma garrafa de vinho da geladeira.

— Você pode abrir isto?

Ela joga um saca-rolhas por cima da bancada. Eu tiro a rolha da garrafa e sirvo duas taças. Enquanto isso, Ula está descascando cenouras com movimentos longos e elegantes.

— Quem você vai entrevistar? Alguém famoso?

— Um CEO aí que sabe sobre patentes.

— Você ainda está no mesmo jornal? O que publicou seu artigo sobre culpa corporativa?

Minhas bochechas ficam vermelhas.

— Ainda lá, sim.

— Eu achei muito bom.

Eu tomo um gole grande.

— Meu editor gosta dessas coisas corporativas.

— Você não ganhou um prêmio?

— Eu fui indicada, mas não ganhei — digo.

Ula toma outro gole.

— Questão de tempo, tenho certeza.

Embora eu aprecie o elogio de Ula, também fico um pouco preocupada. Não era para ser eu falando de trabalho, mas o contrário.

— Eu sempre achei que você fosse ficar na área de música — diz ela. — Ou que fosse acabar escrevendo mistérios, algo do tipo. Por causa daqueles montes de livros da Agatha Christie que você colecionava.

— Na verdade, eu *estou* escrevendo um livro.

— Jornalista e romancista.

— Não é romance — digo. — Está mais pra artigo do tamanho de um livro.

— Continua.

— Estou pesquisando propriedade intelectual em empresas.

Proteção, roubo, esse tipo de coisa.

Evito encará-la por medo de revelar alguma coisa. Ela não se lembraria da época em que eu pedi que ela me emprestasse um pendrive e ela disse que não tinha nenhum. Mais tarde, eu peguei um emprestado na gaveta dela. Continha uma quantidade impressionante de documentos, nenhum disponível publicamente.

— Direitos autorais? — pergunta ela.

— Patentes. Os jeitos como as companhias protegem seus segredos e o que acontece quando são roubados.

— E?

— Se puderem provar, ótimo. Mas, se não puderem, o melhor que podem fazer é espionar de volta. Normalmente, é a concorrência mesmo.

Ula pisca e toma todo o vinho.

— Quer mais? — Sem esperar resposta, ela enche nossas taças. — O curry não deve demorar. Ainda sem amendoim, né?

— A não ser que você queira me matar — digo.

Ela ri.

— Vamos deixar isso pra amanhã, quando você me acordar às cinco da manhã.

Quando Ula começa a picar os legumes, o rosto dela ganha o tipo de foco que eu conheço muito bem. Eu aprendi a não incomodá-la. Mas, desta vez, fico tentada a ver se consigo arrancar as respostas que fui buscar.

Eu não preciso fingir curiosidade. Desde que Ula saiu das redes sociais, ela sumiu da vida de todos os velhos amigos. De vez em quando, eu envio uma mensagem. As respostas são rápidas e breves, sem deixar muito espaço para conversa. Se o nome dela não tivesse aparecido em um banco de dados confidencial, eu provavelmente teria desistido.

— E você? — pergunto. — Feliz naquela firma de tecnologia? Desculpa, esqueci o nome.

— Que nada — diz ela. — Passei a ser freelancer há algum tempo.

— Mas você trabalha com TI?

— O que eu posso dizer? — Ela pisca para mim. — Eu só sei fazer isso.

Enquanto corta a cebola, as mãos dela criam um movimento de dança, como uma onda. Ela trabalha tão rápido que seus olhos nem

têm chance de lacrimejar.

Eu lambo os lábios.

— Sempre achei que você seria chef — digo.

Ela ri.

— Misturar prazer e trabalho é como jogar óleo em fogo — diz ela.

— Acho que consertar os computadores dos outros é menos complicado.

— Eu não conserto coisas — diz Ula. — Só verifico o sistema de segurança e mando que resolvam o problema.

— Funciona?

— Deixa todo mundo surtado a ponto de me dar dinheiro pra eu dizer como consertar.

Ela joga óleo em uma panela.

— As pessoas não têm back-up?

— Não é questão de back-up — diz ela, e liga o fogo. — Eu poderia te contar mais, mas aí teria que cobrar.

Ela joga as cebolas na panela e as mexe com uma colher de pau.

— Vou precisar ficar aqui um pouco para não queimar — diz ela.

— Se você quiser tomar banho ou trocar de roupa, agora seria uma boa hora.

Fico relutante de perder tempo precioso com higiene pessoal, principalmente agora que estamos falando do assunto, então tomo um gole de vinho.

— As toalhas estão no armário. Se precisar de mais alguma coisa, é só gritar.

Ula esfrega os temperos entre as mãos e os joga na panela quente. Ela está tão absorta que sei que não vou conseguir distraí-la.

— Eu preciso mesmo de um banho — digo, e subo a escada. No mínimo, vou ter tempo de procurar provas.

O quarto de hóspedes é confortável, um pouco maior do que a cama queen. Acima da cama, há um desenho elegante de um bambu. Não sei muito de arte asiática, mas parece ser genuíno, não como as gravuras da Ikea no meu estúdio. Não me dou ao trabalho de abrir o armário. Se houver alguma coisa que valha a pena esconder, Ula deve ter escondido em outro lugar.

Pego uma roupa limpa e vou para o banheiro. O espaço é estranhamente familiar. Preciso de alguns momentos para entender por quê. Parece um banheiro de empresa ou de hotel, um banheiro

para outras pessoas.

Tem toalhas brancas e azuis dobradas na prateleira. Tem um sabonete novo ao lado da pia e um frasquinho de incenso com aroma de baunilha e palitos de madeira saindo de dentro. Quando dividíamos apartamento, Ula tinha o hábito de comprar coisas baratas na feirinha e encher todos os espaços vazios com lâmpadas estilo Aladim, caixas de joias coloridas e porcelana florida. É verdade que o comportamento das pessoas pode mudar, mas e a personalidade?

Depois de um banho rápido, deixo a água aberta para disfarçar o barulho da minha busca. Examino o pequeno armário acima da pia. Tem alguns analgésicos e líquido para lentes de contato. Ula usa óculos? Não consigo me lembrar de vê-la usando. Também pode ser uma daquelas coisas que as pessoas têm para os outros.

Na volta, passo por outra porta, supostamente o quarto de Ula. Puxo a maçaneta. Está trancado. Ela o trancou depois de arrumar o quarto de hóspedes?

Quando desço a escada, tudo está com cheiro de manteiga e cebola.

— Encontrou o que precisava? — pergunta Ula.

Meu peito se aperta.

— Mais do que isso. Estou com inveja da sua casa.

Ula cobre a panela. O barulho some. Ela vai até o bar, onde alguns palitos de cenoura estão enfiados numa caneca, junto com um prato de homus.

— Quando você teve tempo de fazer isso? — pergunto.

— Ontem.

Nós pegamos homus com palitos de cenoura e comemos. Está cremoso e saboroso. Quero dizer o quanto está incrível, mas só pego outro palito e enfio homus na boca.

— Uau — digo. — É melhor do que qualquer coisa comprada no mercado.

— Não colocam tahine e suco de limão o suficiente — diz Ula.

— É esse o segredo?

— E bicarbonato de sódio. Eu acrescento um pouco quando boto o grão de bico de molho. Deixa mais macio.

— Como você descobriu isso?

— Eu aprendi numa oficina.

— Qual? Eu devia fazer.

— Você teria que ir para o Oriente Médio.

Espero para ver se ela vai elaborar. Ela não fala mais nada.

— Não é seu destino de férias típico — observo.

— Foi a trabalho.

Sinto um toque de irritação na voz dela, mas vim longe demais para desistir.

— Aonde mais você já foi?

— Pra nenhuma ilha tropical se for isso que você está pensando.

Ela me entrega uma nova taça de vinho.

— As coisas que eu vejo ficam limitadas a aeroportos e salas de reunião.

— Eu adoraria viajar mais — digo, tentando aliviar o clima.

Ela contrai a mandíbula. Quebra um palito de cenoura ao meio. Sinto uma pontada de culpa por insistir tanto.

— Me conta mais sobre essa coisa de patentes — diz ela. — Como funciona?

— É tipo espionagem — digo —, mas entre empresas. Encontram jeitos de roubar os segredos umas das outras. Às vezes, elas contratam outras pessoas pra isso. Tipo o Hans.

Ula arqueia uma sobrancelha.

— O aluno de intercâmbio do seu grupo de estudo, sabe?

— Que grupo de estudo?

— De matemática, eu acho. Não sei. Ele estudava engenharia.

Ula mastiga a cenoura. Seu rosto não revela nada.

— Ah, sim. Hans, da cara quadrada. Ele era bem inteligente.

— O melhor da turma. Conseguiu um emprego bacana numa fábrica de carros famosa.

— Não entendi o que você quis dizer — diz ela.

— Vocês não mantiveram contato?

Ula me olha como se eu tivesse dito algum absurdo.

— Por que eu manteria?

Decido não mencionar os arquivos no pendrive de Ula, uma bela coleção de documentos internos sobre sistemas de TI de todas as grandes fábricas.

— Bom, ele chegou bem alto na empresa antes de sumir. Achei que você talvez tivesse ouvido alguma coisa.

Ula fica atenta.

— Eu tinha me esquecido disso tudo até ler que um fabricante de

carros alemão lançou um tipo novo de motor. Algo relacionado a redução de barulho e sustentabilidade, um bando de baboseira pra mim. Parece que o mesmo motor estava sendo desenvolvido na antiga empresa do Hans, mas os planos desapareceram na mesma época que o Hans.

— Ele roubou?

— Acho que sim, mas não conseguiram provar.

Ula não parece surpresa ao ouvir a história.

— Por que arriscar a carreira? — pergunta ela.

— Ele deve ter sido pago pra estudar aqui. Ficou o suficiente pra conseguir o que precisava e levou de volta pra casa.

— É assim que funciona?

Meu estômago dá um nó. Ula sabe exatamente como funciona. Se eu não tivesse copiado sem querer todos os arquivos do pendrive de Ula, eu não saberia que eram segredos comerciais confidenciais. Não tinha como ela ter colocado a mão naquilo sem querer. Devia ser ela quem estava ajudando Hans. De que outra forma teria conseguido dinheiro para comprar a casa?

Nós tomamos longos goles de vinho.

— Não é incomum que espões tenham empregos de cargos altos — digo. — Sabe como é, gerentes, chefes de departamento.

Ou consultores. Mas não digo isso, claro.

As panelas fazem barulho. Com relutância, Ula mexe o conteúdo, mas o foco dela se perdeu.

— Você ainda fuma? — pergunta ela.

— Às vezes.

— Estou louca por um cigarro. Vamos fumar um no jardim.

— Vou pegar minha bolsa.

Eu não estou com vontade de fumar, mas ela talvez se abra, como sempre, depois de uma taça de vinho. Quando pego minha bolsa no quarto de hóspedes, vejo uma portinha no fim do corredor, do tamanho de um armário. Eu me inclino sobre o corrimão para ver onde Ula está. O barulho das panelas me convence de que ela ainda está ocupada, então puxo a maçaneta. A porta se abre.

Ao primeiro olhar, é um espaço de armazenamento como qualquer outro. Tem um aspirador, um esfregão, alguns tapetes sujos e uma caixa de papelão com produtos de limpeza. Meus instintos me decepcionaram? Estou quase saindo quando reparo em um brilho no

fundo da caixa.

As tábuas do piso gemem quando movo a caixa. Tem alguns itens que parecem ter sido jogados lá. Um gravador USB, parecido com o que eu vi online quando estava pesquisando equipamento de espionagem. Por que Ula precisaria esconder que está gravando a voz de alguém? Ao lado, há uma caixinha redonda que parece um alto-falante, mas contém uma câmera escondida. Outro item que descobri graças à minha pesquisa na internet. Ula devia ter jogado ali na pressa.

Um barulho alto vem de baixo, e eu saio correndo do aposento.

— Tudo bem aí em cima? — grita Ula.

Eu puxo a alça da bolsa no ombro.

— Tudo! Eu não estava encontrando meu isqueiro.

Ela mal olha para mim quando eu desço. Nós vamos para o jardim. O céu está da cor de geleia de ameixa escura. Eu acendo o cigarro dela. Apesar do banco de madeira com aparência confortável, nós ficamos de pé. Ula solta um anel de fumaça perfeito.

— Você sempre quis ser jornalista, né? — diz ela. — Eu me lembro de você rabiscando, tomando notas.

Eu enfio os calcanhares na grama.

— Não sei se eu diria sempre, mas o trabalho é legal. E você? Acho que você nem sempre quis ser consultora.

— Paga bem.

— Foi aí que eu errei — digo.

Ula inclina a cabeça para trás.

— Você não tem medo de irritar as pessoas? Com as coisas que você escreve?

— Tarde demais pra isso.

— Eu quis dizer as pessoas erradas.

— Pessoas com coisas a esconder, você quer dizer?

— Pessoas obcecadas com privacidade.

Gotas de suor se acumulam na minha lombar.

— Isso significaria que estou dando sorte — digo.

Ula sorri, mas seus olhos permanecem frios.

— Como assim?

— Se eu irrito alguém, costuma ser por um bom motivo.

Ela se vira para um ponto distante no horizonte e solta fumaça pela boca.

— Como você os encontra? — pergunta ela. — Quando eles não querem ser encontrados?

— Eu tenho minhas fontes. Um hacker, dois espiões aposentados.

Ela me lança um sorriso superficial e rola o cigarro entre os dedos. O ponto laranja ardente brilha mais uma vez e ela o apaga.

— Mais um? — ofereço.

— Não quero que o curry queime — diz ela.

— Se importa se eu fumar?

— Vai em frente.

Eu acendo outro cigarro como se para demonstrar intenção. Quando Ula sai, pego o celular e ligo o aplicativo que rastreia câmeras escondidas. É uma versão gratuita do localizador de grampos, mas funciona. O cursor aponta para o vaso enorme de flores perto da porta. A câmera é da mesma cor do vaso de argila e aponta para a entrada. De acordo com a minha pesquisa, esse pode ser o tipo de câmera com tecnologia de reconhecimento facial.

No andar de cima, Ula está lavando as mãos no banheiro da suíte. Ela vai ter pressa de terminar o jantar. Apago o cigarro, volto para dentro e coloco a bolsa no sofá. Quando Ula desce, eu subo a escada.

— Vou lavar as mãos — digo.

— O curry precisa de mais um minuto, mas podemos botar a mesa.

Deixo a torneira aberta enquanto entro no banheiro de Ula. A porta está fechada, mas não trancada, como eu desconfiava. As persianas estão fechadas. Com meu aplicativo, procuro câmeras. Não tem nenhuma. Quando meus olhos se ajustam, identifico três formas retangulares: uma cama, uma mesa de cabeceira e um armário. Eu abro o armário. Tem vários terninhos escuros e blusas brancas. Os sapatos estão enfileirados no fundo, as caixas deles empilhadas atrás.

A caixa de sapatos de cima contém um par de sapatos de salto preto com aparência de caro. Embaixo tem um par vermelho. A caixa de baixo está cheia de discos marcados com números. Então é lá que Ula guarda suas descobertas, as coisas que ela rouba de empresas enquanto dá conselhos sobre segurança de TI. Esperta.

Pego um dos CDs, mas ele escorrega das minhas mãos e cai no chão. Engatinho no escuro até encontrá-lo e colocá-lo de volta. O sangue lateja entre meus ouvidos quando saio do quarto. Quase espero encontrar Ula parada no corredor, mas está vazio. Fecho a torneira do banheiro e dou descarga mais uma vez.

No andar de baixo, a mesa está posta com dois guardanapos dobrados em forma de leque. Ula está carregando a panela de curry.

— Que bom que eu não estou de dieta — digo.

— Dieta é uma idiotice mesmo — diz ela.

Não sei por que eu sorrio, mas a tensão ondula nas minhas entranhas. Eu traí Ula e botei nossa amizade em jogo, mas seria possível argumentar que ela fez o mesmo muito tempo antes. Ou ela acha que está protegendo os amigos ao se manter longe deles?

— Eu sei que já falei, mas você é uma cozinheira boa pra caramba.

A panela faz barulho quando ela a coloca na mesa. Ela abre a tampa e sai vapor de dentro como uma cortina embaçada.

Tem uma mudança no ar, como se as palavras tivessem ficado eletrificadas, carregadas. Haveria sensores de gravação de movimento e temperatura no quarto? Eu não tinha pensado nisso.

— Pode trazer o arroz? — pede ela.

— Claro. — Eu vou até a cozinha.

Enquanto carrego o arroz para a mesa, Ula está servindo o curry. Ela tira umas folhas de coentro de um potinho na mesa e coloca em cima do prato dela.

— Pra você não, né? — diz ela.

— Não, eu continuo odiando.

— Ao que parece, está nos genes — diz ela sem erguer o olhar.

Eu boto mais vinho nas taças.

— Às velhas amigas e grandes cozinheiras — digo.

Como aos pouquinhos para não queimar a língua. Cada colherada é uma explosão de sabor na minha língua. Mas está picante, a ponto de me deixar com lágrimas nos olhos.

— Está uma delícia, mas não aguento o tempero — digo.

Ula sorri.

— Você está ficando velha — diz ela. — Eu usei menos da metade das minhas pimentas habituais.

— Isso não vai me impedir de comer.

— É por isso que você está aqui — diz ela, sorrindo. — Admite.

Talvez seja a confiança induzida pelo vinho ou minha inclinação natural de continuar xeretando que me faz ir mais longe.

— Eu queria mesmo te perguntar uma coisa.

— Pode perguntar.

— É sobre o meu livro. Uma das minhas fontes conseguiu acesso a

um banco de dados. Um confidencial.

— O hacker?

— Era uma lista de suspeitos. Pessoas listadas como espões em potencial.

Ela segura o garfo, mas não pega mais comida.

— Você quer que eu procure essas pessoas? Você sabe que eu não posso fazer isso. É muito ilegal.

— Seu nome estava na lista.

— Você está brincando, né?

— Seu nick, na verdade. O que você usava antigamente.

Ela repuxa os lábios.

— Qual, Bamb1? Eu não uso desde os anos 1990.

Os ombros dela enrijecem e os nós dos dedos perdem cor. Nós mastigamos em silêncio.

— Sarah, o que você está insinuando, exatamente? — pergunta ela.

Ela não levanta o olhar.

— Eu não estou insinuando nada. Só contando o que eu sei.

— Eu achava que jornalistas sabiam a diferença entre uma dica e uma prova.

A boca do meu estômago começa a formigar. De todas as coisas que quero dizer para Ula, algumas são coisas que eu deveria dizer, como o fato de que eu poderia conectar o nick a pelo menos um dos endereços de IP dela.

— Eu vou conseguir provas. Mas também estou escrevendo o rascunho do livro.

— Parece mais que está escrevendo uma coluna de fofoca.

— Eu nunca pulo a pesquisa. Mas não significa que eu tenha que ficar esperando.

— Acho que você devia escrever um suspense, então.

Quando levanto o olhar, Ula está com um sorriso astuto. Meu pescoço formiga. Normalmente, eu daria de ombros para um comentário assim, faria uma piada, mas, desta vez, não consigo. Se eu der a prova a Ula, ela vai se fechar. Talvez até me expulse. E aí?

Mas o que me incomoda é o deboche e a mentira. Uma parte de mim sabe que eu preciso recuar. Mas essa outra parte precisa forçar, precisa sacudir as mentiras de Ula e apontar uma lanterna diretamente para elas.

— Vou começar com um artigo — digo. — Meu editor acha que

pode agitar as coisas, fazer gente falar.

— Que artigo?

— Uma amostra enquanto eu faço a pesquisa. Pra manter as coisas quentes e interessantes.

— E você não vai precisar de provas pra escrever esse artigo?

— Não se forem pinceladas amplas e coisas genéricas.

— Genéricas como?

— Eu não preciso citar nomes. Posso dar os nicks das pessoas. Digamos que Bamb1, mulher, meia-idade, trabalha com segurança de TI.

O garfo dela escorrega e bate no prato.

— Eu não sou de meia-idade — diz Ula. — Por que você quer me meter em confusão?

— Se eu cutucar na direção certa, talvez as pessoas comecem a falar.

Minha camisa parece estar apertando o peito.

— E se você cutucar demais?

— O que é demais?

— Alguém pode segurar a outra ponta da vareta.

— E daí? Eu teria uma nova fonte.

— Não seria apenas uma fonte, seria? Iam querer te manter por perto de todas as formas possíveis.

Eu pego os últimos pedaços de curry do prato.

— Ainda seria uma fonte.

— Não se você precisar ficar segurando a vareta — diz ela.

Eu dou de ombros.

Ula leva uma jarra de água até a mesa e serve dois copos.

— É verdade que Elena se divorciou? — pergunta ela. — Ouvi falar que a peixaria dela está ótima.

Eu expiro alto e tomo toda a água. Durante a meia hora seguinte, nós trocamos fofocas sobre nossos antigos colegas de escola. Fico surpresa com o tanto de informação que ela tem. Depois, tiramos a mesa e colocamos a louça na máquina.

— Hora de botar o estômago extra em uso — diz Ula.

Eu sopro os lábios. Depois de dois pratos de curry, eu mal tenho espaço para respirar.

— Eu estou satisfeita, gata.

Ula me dá dois pratos.

— Você não pode pular a sobremesa — diz ela, e abre a geladeira.
— É meu novo bolo favorito.

No prato tem um bolo pequeno e escuro com fatias de laranja em cima.

— Chocolate? — pergunto.

— É baseado numa receita famosa de bolo veludo, mas eu improvisei. Você precisa experimentar.

— Tudo bem. Um pedacinho — digo.

— Por que você não corta? — pede ela. — Vou fazer café. Ainda puro? Sem açúcar?

— Pode ser duplo.

Corto uma fatia fina para mim e uma maior para Ula, depois como as migalhas do prato. O sabor de caramelo envolve minha língua como seda.

Eu termino meu pedaço em poucas garfadas. Ula come cada garfada devagar e com deliberação, como se estivesse tentando melhorar a receita em pensamento. Penso em cortar outra fatia pequena, mas solto um espirro inesperado.

— Saúde.

Eu assoo o nariz algumas vezes. Não para de escorrer, e tem uma coceira persistente no fundo da minha garganta.

— Toma mais água — diz Ula, e coloca no meu copo.

Quando bebo, fico mais ciente de uma coceira no rosto, do tipo intenso, que me dá vontade de passar o garfo na cara. Aí, me dou conta.

— Amendoim. Onde tem?

Ula olha para o relógio.

— Não tem amendoim no bolo, Sarah.

Eu começo a tossir.

— No curry, então.

— Não tem amendoim — diz ela com a compostura fria de alguém explicando estatística. — Só creme de amendoim.

O ar fica quente demais. Eu tenho dificuldade de respirar. Minha língua vai ficando maior. Minha garganta parece um incêndio queimando uma ravina. Em pouco tempo, meu rosto vai inchar. Eu não vou mais enxergar direito. E aí, vou começar a sufocar.

Eu pulo para o sofá, pego a bolsa e a viro. O conteúdo se espalha no chão. Olho tudo. Tem o bloco, umas seis canetas, meu batom e

meus cigarros, umas moedas. Meu coração está disparado.

— Está procurando isto? — pergunta Ula, segurando minha EpiPen de adrenalina injetável entre os dedos.

Eu tento pegar, mas o horizonte se distorce em uma miríade de pontos pulsantes. Levo a mão ao pescoço e tropeço no chão.

Ula olha o relógio.

— Você tem tipo um minuto, talvez dois, antes de desmaiar — diz ela. — Posso ir direto ao ponto?

Eu tento falar, mas a única coisa que sai da minha boca é um gorgolejo. Eu faço que sim com vigor.

— Pra fazer o trabalho, você vai ter que aprender quando parar — diz ela.

Minha boca está aberta, algo está bloqueando o ar.

— Por sorte, eu sou uma boa professora. E jornalistas são espões eficientes.

O mundo encolhe para uma faixa estreita de luz. Abaixo de mim, o chão treme. Ou talvez eu esteja tremendo.

Eu caio no chão.

— Parabéns pelo seu novo trabalho — diz Ula, e se ajoelha ao meu lado.

A última coisa que sinto antes de mergulhar na escuridão é uma pontada de dor quando Ula injeta a adrenalina da EpiPen na minha perna.



Amigo travessão

O marido dela cresceu com pontos de exclamação. Ela só descobriu isso quando eles visitaram a família dele. Quando chegaram, a mãe dele ergueu as mãos no ar.

— Você devia ter ligado! — disse ela.

— Nós não queríamos que você se preocupasse, mãe.

O que o pai dele não tinha em altura, ele compensava em barulho.

— Bom, não fiquem parados aí! — disse ele. — Entrem, entrem!

Ele bateu no ombro dos dois e carregou as malas para dentro. A partir do momento em que eles se sentaram, a mãe dele começou a botar comida na mesa.

— Comam, comam! — disse ela.

— Nós não estamos com fome — disse o marido.

— Vocês precisam experimentar meu strudel de abobrinha!

Enquanto eles comiam strudel e biscoitos, ela observou pontos de exclamação pulando da conversa.

Deve ser a empolgação.

O entusiasmo não diminuiu quando eles foram para os quartos. Ela queria ouvir a opinião do marido sobre a questão, mas ele adormeceu antes de ela terminar de escovar os dentes. Seus pensamentos acompanharam o ritmo do ronco dele. Ela examinou todas as manchas na parede e contou as irregularidades do papel de parede florido, depois decidiu trabalhar um pouco. Estava editando um artigo quando pontos de exclamação começaram a cair do outro lado da parede.

Silenciosamente, ela saiu da cama e encostou o ouvido no papel de parede. Palavras em staccato caíam como gotas pesadas numa tempestade de verão, às vezes em tom baixo, às vezes em tom alto. As palavras estavam abafadas, e ela não tinha certeza do que os sogros estavam dizendo, mas o tom era tão sombrio e amargo quanto café no desjejum.

Pelo resto da visita, ela agiu como se nada tivesse acontecido e nem desfez a mala para acelerar a partida. Eles se despediram com

uma abundância de barulho. Ela e o marido mal se falaram no caminho até em casa. Quando eles chegaram, seu marido largou as malas no chão e se sentou na poltrona.

— Está tão gostoso e tranquilo — disse ele, levantando os pés.

Seus olhares se encontraram e eles caíram na gargalhada.

— Eles são sempre assim? — perguntou ela.

— Nem sempre. É bem pior quando meu tio está lá. Ele grita com o céu sempre que chove.

Eles riram até os olhos lacrimejarem e os pulmões chiarem. As barrigas balançando confirmaram que esse tipo de hábito bobo não tinha lugar naquela casa. Eles não tinham necessidade de pontos de exclamação, não do tipo que não fazia rir.

Ela ficou tão tranquilizada pelo acordo que soltou o primeiro sem perceber. Era um ponto de exclamação ou apenas uma piada? Ela não ia querer estragar uma boa piada.

O segundo quase passou despercebido. Eles estavam desempacotando um conjunto de lindos pratos de porcelana, presente dos pais dele, quando um caiu.

Cuidadosamente, ela examinou os desenhos delicados de pássaros azuis e viu uma pequena rachadura da espessura de um cílio.

— Que droga! — disse seu marido.

— A gente ainda pode usar.

— Tem certeza?

— Claro.

Ele a beijou na testa.

— Está tudo bem — disse ela para ninguém em particular. Ele sorriu e a beijou de novo, desta vez nos lábios.

O terceiro ponto de exclamação pulou do nada quando eles estavam saindo para jantar com o chefe dele.

— Eu falei sobre o menu fixo! — disse ele.

— Não o que tem nele.

— A gente não pode cancelar!

— A gente não precisa.

— Você não pode comer a sopa de marisco. Você vai passar mal!

— Eu vou fingir que estou comendo.

— Vão achar que você detestou!

— Vai ficar tudo bem.

Depois daquela noite, ela encontrou mais pontos de exclamação do

que gostava de admitir. Onde estavam escondidos? Cada vez que ela olhava, havia mais, desfilando sem vergonha nenhuma pelas mensagens deles. Tomaram as cortesias como refém. Os cumprimentos matinais, ela não se importava. Sua consciência ainda estava abalada de acordar e ela precisava de tempo até poder habitar integralmente o próprio corpo. Mas os da noite a incomodavam. Tornavam as palavras mais duras, mais permanentes.

— Vou dormir!

— Não precisa me esperar!

Quando ela considerou tocar no assunto com o marido, os pontos de exclamação já tinham infestado conversas inteiras.

— Foi ao mercado?!

— Ainda não!

— Compre mostarda. Não a barata, como da última vez!

Como ela tocaria no assunto? Eles nunca tinham discutido pontuação, não como uma questão séria. Ele talvez desdenhasse da questão como se fosse peculiaridade de editora ou a acusasse de fazer tempestade em copo d'água. Além do mais, eles não tinham banido as pontuações ofensivas de casa? Não tinham combinado isso rindo?

A única forma de ela abordar isso seria na forma de piada. Ela pensou em uma dezena, mas nenhuma parecia certa. A frase final tinha que ser leve o suficiente para não provocar ofensa, mas com substância suficiente para passar a mensagem.

Naquela noite, ela preparou o prato favorito do marido, espaguete carbonara com muito molho. Ele limpou o prato e grunhiu de prazer. Quando ela tinha terminado de lavar a louça, seu marido estava sentado na poltrona com um jornal dobrado no colo.

O coração dela deu um pulo.

— As coisas não estão ficando silenciosas demais?

Ele inclinou a cabeça para o lado.

— O que você quer dizer?

Ela inspirou fundo e gritou:

— A gente quase não grita mais!

O marido apertou os olhos, como fazia quando ela o provocava sobre ter um caso com o carro. Ele abriu o jornal e começou a ler.

— Desculpa — disse ela. — Foi uma piada ruim.

Ele escondeu o rosto por trás da página impressa e não disse nada.

Os pontos de exclamação apareceram com menos frequência

depois disso. Ela aprendeu a ler os sinais: uma leve mudança no ar, uma queda de temperatura, um tipo de silêncio alto que pairava nos cantos. Pouco tempo depois, as narinas do marido se dilatavam e as orelhas se fechavam para tudo, exceto os próprios pensamentos.

À noite, ela refletiu sobre os pontos de exclamação. Havia alguma forma de fazê-los desaparecer? De garantir que não a incomodariam mais? Mesmo de olhos fechados, ela os via, as criaturas severas marchando sem vergonha e nem respeito pelos outros sinais de pontuação.

Ela virou um de cabeça para baixo e o girou, como os ponteiros de um relógio. Fazer isso a acalmou. Quanto mais ela pensava, mais claro ficava que ela via duas criaturas diferentes. Uma era pequena e redonda, como um ponto final, enquanto a outra era comprida e fina, como um travessão.

Vocês dois não formam um par interessante? Um ponto final com o amigo travessão.

A ideia a alegrou. Ela só precisava traduzir os pontos ofensivos para pontuações mais agradáveis.

Na vez seguinte que as narinas do marido tremeram, ela pegou as novas ferramentas.

— Quando vamos nos encontrar com os Walkers de novo? — perguntou ela.

Um silêncio elétrico zumbiu nos seus ouvidos.

— Você esqueceu mesmo?! Nós dissemos pra eles que não iríamos!
Que travessão elegante.

— Ah, desculpa. Eu devo ter esquecido.

— Por que você não anota essas coisas?!

Traduzir sugava tanta energia que ela teve dificuldade de seguir em frente. Poderia ela aprender a não ver os pontos de exclamação? Trincando os dentes, ela começou a limpá-los. Primeiro, o ponto final; depois, o amigo travessão elegante. Este às vezes parecia fino e afiado, outras vezes mais largo e triangular. Ela não gostava de olhar para ele por muito tempo. Por mais que ela o virasse, uma das pontas afiadas sempre parecia estar apontando diretamente para ela.

De vez em quando, o travessão elegante a machucava. Mas ela não reclamava.

É só um arranhão.

Ela refletiu sobre isso enquanto colocava cereal na boca. E

mastigou alguma coisa dura. E cuspiu a comida em um guardanapo.

— O que houve? — perguntou seu marido.

Ela passou a língua pelos dentes e encontrou uma falha.

— Acho que um dente lascou.

— Vai ao dentista.

— Não está doendo.

— Ainda não, mas, quando começar, você não vai parar de falar nisso.

— Tenho certeza de que não é nada.

— Pelo amor de Deus, liga pra ele!

O dentista, um velho cavalheiro com uma barba distinta e óculos caros, soltou muitos “hums” e “ahs” enquanto restaurava o dente lascado.

— Se eu fosse você — disse ele —, faria uma placa para bruxismo.

Ela não conseguia falar de boca aberta, então fez sons de gorgolejo enquanto enxaguava a boca. Mas o dentista entendeu.

— É uma placa de silicone que vai te ajudar a não trincar os dentes.

— Eu não trinco os dentes.

— É bem comum — disse o dentista com a voz aveludada. — Muita gente faz isso dormindo.

— Dormindo? Impossível!

O dentista arregalou os olhos.

— Não é motivo pra vergonha — disse ele enquanto arrumava as brocas. — Eu mesmo uso.

— Bem, eu não vou usar!

A mão dele tremeu, como se ele tivesse tocado num fio desencapado. Na mesma hora, ela se arrependeu de ter usado o ponto final com o travessão elegante. Ela se desculpou profusamente, não tanto com palavras, mas com uma abundância de amabilidades reservadas para bons amigos. No caminho de casa, a mente dela zumbiu e alimentou seus passos com pressa cega e inaptidão.

Quando os pontos de exclamação tinham se inserido sorrateiramente nas frases dela? Como ela não tinha reparado? Seria possível desaprender a fazer isso? Havia algum antídoto para a dupla invasiva? Ela abandonaria com satisfação qualquer pontuação se significasse que ela nunca mais tivesse que ver outro ponto ofensivo.

Naquela noite, seu marido pediu espaguete carbonara, mas o bacon

tinha acabado e ela improvisou com atum.

— Como foi no dentista? — perguntou ele.

— Ele disse que eu preciso de uma placa pra bruxismo.

— Uma o quê?!

Ele botou o garfo no prato.

— Um pedaço de plástico pra botar entre os dentes.

Ele balançou a cabeça.

— Que baboseira! Você não concordou, né?!

— Claro que não!

— Não precisa gritar!

— Eu não estou gritando!

Na manhã seguinte, os pratos ainda estavam na mesa, manchados com os restos de molho. Os pedaços ressecados de atum a lembravam das coisas que os médicos da televisão cortavam dos pacientes.

Enquanto ela raspava os pratos, alguns pedaços teimosos grudavam na parte rachada da porcelana. Relutando em tocar, ela bateu com o prato na lixeira, com mais força do que pretendia.

Ah, não!

A rachadura aumentou e agora ia de um lado a outro do prato. Os pedacinhos acabariam lascando, como o dente dela, e o prato se partiria ao meio. Jogar o prato fora pouparia o problema de ele se desfazer nas mãos dela, possivelmente com uma refeição quente em cima.

Ele não vai gostar disso.

Mas ele notaria? Ele nunca lavava a louça e também não contava os pratos. Ela empurrou o lixo para o lado e colocou o prato rachado no fundo. Mais tarde, tiraria o lixo. Ninguém saberia o que aconteceu.

Enquanto se vestia, ela ouviu um barulho estranho na cozinha. O ar se agitou. Um sopro de algo podre entrou na sala.

— Pode deixar o lixo! — disse ela. — Eu levo pra fora.

O silêncio que veio em seguida ecoou nos ouvidos dela. Quando ela entrou na cozinha, seu marido estava no meio do aposento segurando o prato rachado, ainda brilhando de gordura.

— Você fez isso?!

— Desculpe. Eu não pretendia, mas eu... eu...

Com lábios repuxados, ele examinou a prova junto à luz.

— Não está nem quebrado!

O prato começou a escorregar da mão dele até que se espatifou no

piso de ladrilho.

Ela olhou para os cacos de porcelana e para o marido. Com as bochechas coradas e a mão ainda levantada, ele parecia uma estátua no lugar errado. Ela não queria rir, ela jurava por Deus que não queria rir, mas sua boca se esticou num sorriso.

— Você acha engraçado?!

A veia no pescoço do marido pulsou como a boca de um sapo. Ela devia ter pedido desculpas, dito alguma coisa para acalmá-lo, mas, antes que pudesse, outras palavras saíram.

— É hilário! — ela se ouviu dizer.

Mais palavras saíram, como se com pressa de escapar. Nenhuma delas estava entre as palavras que ela usaria normalmente, mas ela as achou estranhamente adequadas. As bochechas do seu marido ficaram vermelhas.

— De que você me chamou?!

Essa era a hora de recuar, de voltar atrás em tudo. Mas viu que não podia.

— No final, foi você que quebrou!

Ondas de risada a sacudiram como um chocalho. Ela tentou explicar por que tinha jogado a porcaria do prato fora, mas sua voz parecia um apito quebrado, o que a fez rir ainda mais.

— Para de rir!!!

Os olhos dele estavam apertados como os de uma cobra.

— Não consiiiiiiiigo!!!

Quanto mais ela tentava conter a risada, mais forte era o trovão entre seus ouvidos. As lágrimas transformaram o mundo numa explosão de cores. O rosto do marido mudou, mas ela não sabia dizer como. Ele estava rindo ou a luz estava pregando peças nela?

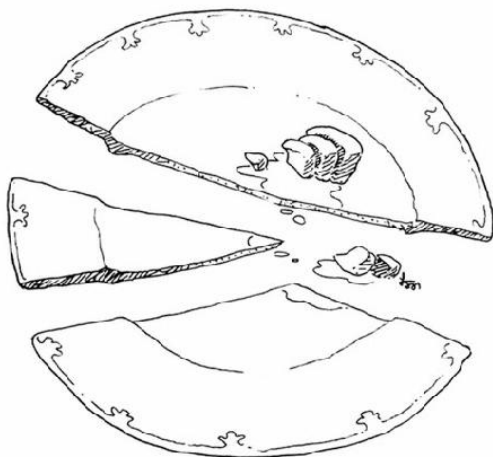
A risada dela foi crescendo até devorar todos os outros sons e pensamentos. Passou por sua cabeça que acabaria devorando-a também se ela ousasse parar de rir.

Enquanto piscava para se livrar das lágrimas, ela teve um vislumbre do marido pegando alguma coisa no chão. Ele estava limpando? O mero pensamento de que um milagre desses pudesse acontecer a fez berrar de tanto rir.

Ela não conseguia mais ficar de pé e se inclinou para a frente, perdeu o equilíbrio e caiu no chão, rindo.

O que ela viu em seguida não fez muito sentido: o travessão

triangular, no formato de um prato quebrado. Estava apontando para ela? Sua única certeza era que parecia uma adaga. E estava chegando cada vez mais perto.



Instinto de jardineiro

Eu gosto de sujar as mãos quando o dia ainda está fresco e imaculado. Com uma xícara quente nas mãos, vou para a cadeira do jardim e vejo as minhas belezinhas despertarem do sono. O orvalho cintila nas folhas como lágrimas noturnas e seca antes do amanhecer.

Quando o horizonte fica dourado e a luz do sol leva a escuridão embora, os primeiros andarilhos aparecem na floresta. Não demora para alguém parar para dizer oi ou bater papo. Aprendi que essa segunda opção costuma ser desculpa para outra coisa, algo que eles querem, como um copo de água, uma dica de onde colher cogumelos ou uma paradinha rápida para o banheiro.

Jack adorava conversar com estranhos. Ele acenava e oferecia um copo de refrigerante de flor de sabugueiro ou um sanduíche caso eles parecessem famintos. Ele sabia como a floresta podia dar fome. Ele ouvia as histórias das pessoas, assentia enquanto elas falavam, sempre agradável, sempre dando apoio. Comecei a desconfiar que as pessoas voltavam só pela conversa. O que mais há para fazer numa cidade pequena como a nossa?

Eu sinto falta dessa época.

O melhor que consigo fazer sozinha é ser educada.

— Como vai? Sim, o tempo está lindo. Você tem razão, as coisas sempre podem mudar.

Eu não tenho a loquacidade de Jack, nem o charme dele, mas isso não quer dizer que eu não sei interpretar o rosto das pessoas. Reparo em seus olhos deslizando de um lado para o outro, como elas começam a amassar os punhos das mangas, como evitam olhar para mim quando falam sobre como as coisas eram. Ninguém quer dizer, ninguém se dá ao trabalho de elaborar, mas eu sei o que pensam. Eu não sou a única que sente falta dele.

Pessoas e plantas não são tão diferentes. É só dar atenção a ambas, tratar com respeito, e elas vão retribuir com amor e lealdade. Se desconsiderar suas necessidades ou cruzar seus limites, pode-se

descobrir um lado completamente diferente nelas.

Quando um problema está plenamente visível, todo mundo consegue vê-lo. O que exige conhecimento e habilidade é detectar os primeiros sinais, entender o que vai acontecer. Um instinto de jardineiro é ao mesmo tempo dom e fardo.

Vejam a hortênsia, por exemplo. Um ano antes, ela estava à beira do colapso, tudo por causa da convenção de orquídeas. Eu tive uma sensação estranha antes de ir, como se algo não estivesse certo. As folhas dela estavam meio murchas, como se do calor, mas eu não tinha como ter certeza. Quando tentei verificar, Jack insistiu que não havia tempo, porque eu perderia o trem. Ele cuidaria disso, ele disse, prometia que ficaria de olho e tomaria conta das minhas belezinhas.

Mas eu não consegui relaxar, não com a chance de as moscas-brancas terem voltado. São uns bichinhos persistentes, difíceis de ver e mais difíceis ainda de exterminar. Sugam o sumo das plantas e infestam as folhas com os ovos pálidos. Não dá para vê-las se você não souber o que está procurando. Quando se repara que tem algo errado, é tarde demais.

Moscas-brancas são tão sorrateiras quanto ávidas. Elas gostam muito dos meus pimentões e tomates, mas, quando têm chance, devoram qualquer coisa com prazer, até flores. Tive que me despedir da minha calêndula e da minha camomila, mas eu que não ia me despedir da minha hortênsia. Isso porque foi meu presente de casamento para o Jack. Eu levei anos para cultivar o tom certo de azul, da cor exata dos olhos dele.

É por isso que não podemos perder tempo ao lutar com moscas-brancas. Se demormos demais para pensar, elas destroem tudo de que gostamos.

No primeiro plano de ataque, é preciso isolar a planta, molhá-la com mangueira e matar qualquer inseto que não caia dela. Não podemos deixar sobreviventes. Esses vampirinhos sugam todo o sumo das plantas até não restar nada. Depois de cuidar disso, é preciso proteger as belezinhas. Eu prefiro usar os meus remédios porque eles são gentis com as plantas, mas eficientes contra as pragas. Para começar, você pode borrifar uma mistura suave de água com sabão nas plantas.

Uma infestação intensa pede remédios mais fortes. Não existe erro com uma mistura de água, sabão de coco e querosene. Espere o sol se

pôr e borriفة nas belezinhas. Depois disso, fique de olho e confie no instinto de jardineiro.

Cuidar de plantas deve ser parecido com cuidar de filhos. É preciso cuidar das necessidades deles e fazer o que puder para protegê-los. Pelo menos as plantas não vão embora, como os filhos. As minhas belezinhas sempre estiveram aqui ao meu lado. É justo que eu retribua o favor.

Acaricio as pétalas brancas macias da hortênsia, beijo-as levemente e jogo água no solo com generosidade.

— Você está com aparência alegre hoje — digo.

É difícil acreditar que as mesmas pétalas antes pendiam de pura tristeza. Se eu não tivesse voltado para casa cedo, se a convenção de orquídeas não tivesse terminado antes, quem sabe o que teria acontecido.

Eu esperava encontrar Jack no jardim, mas ele não estava em casa. Ele gostava de ir para a floresta tanto quanto pudesse, mas eu não achava que ele esqueceria a promessa. Mas não podia culpá-lo. Seus olhos estavam acostumados a apreciar beleza. Ele nunca veria uma coisa pequena e maldosa como uma mosca-branca. Era errado eu esperar que ele cuidasse tão bem das minhas belezinhas quanto eu? Eu não esperava ter que aguardá-lo até de madrugada.

Ele ficou surpreso de me encontrar em casa, ficou até sobressaltado, mas não tanto quanto eu fiquei quando ele se inclinou para um beijo. A fragrância floral no pescoço de Jack não vinha de uma flor. Nenhum perfume consegue replicar o odor gentil e frágil de jasmim. Além do mais, não dá jasmim onde a gente mora.

Nós nos encaramos, Jack e eu, e deixamos nossos olhos falarem em silêncio. Jack foi o primeiro a se afastar. Ingênua, eu esperava que ele pedisse desculpas, que implorasse por perdão. Mas ele não fez isso. O que ele disse não foi o que eu queria ouvir. Depois, não tivemos mais necessidade de palavras. O instinto de jardineiro diz quando devemos lutar, mas também quando é hora de desistir.

Mas eu não podia abandonar as minhas belezinhas. Elas precisavam de mim. Cuidar da saúde delas me ocupava. Uma mente ocupada não tem tempo de se perder. Eu tinha que proteger minhas belezinhas, limpá-las e alimentá-las com nutrientes frescos. Quando o vento frio começou a soprar, a neve cobriu o solo e tudo ficou silencioso. Os galhos das árvores ficaram cobertos de gelo, como

bailarinas com vestidos de diamantes. Eu abracei o silêncio e o vi como a minha chance de me recolher. Não demoraria para o sol trazer o mundo de volta à vida.

Um ano depois, minha hortênsia me agradeceu com flores brancas lindas. As hortênsias são surpreendentes assim. Uma pequena mudança na acidez do solo pode deixar as flores cor-de-rosa, brancas ou roxas. Não são só as pessoas que podem recomeçar. Eu aprendi muito com as minhas belezinhas sobre a vida, sobre mudanças e sobre resiliência.

Assim que sinto uma fragrância doce, eu paro. O perfume de Gemma anuncia a presença dela antes que ela apareça no caminho de lama.

— Ange! Que dia lindo, não é?

Ela se apoia no portão de madeira do meu jardim. O sorriso dela está quase tão largo quanto os quadris.

— Já está voltando? — pergunto.

— Eu tenho que voltar. Tenho muito trabalho.

Os sapatos e os bastões de trilha estão cobertos de lama que, incidentalmente, é da mesma cor dos olhos dela.

— Época movimentada no escritório? — Eu arranco algumas ervas daninhas embaixo da roseira.

— É bem isso mesmo. — Ela seca o suor com a manga. — Está uma loucura com as vendas de verão. E você? Sua loja de flores está indo bem?

— Eu não estou reclamando.

— Você nunca reclama, Ange. Isso não quer dizer que não pode reclamar.

Ela observa o jardim, como se avaliando o estado das minhas belezinhas. Gemma é assim, está sempre procurando uma fofoca nova.

— Não tem novidades, então? — pergunta ela.

Lentamente, eu me empertigo.

— Sobre Jack, você quer dizer?

Nossos olhares se encontram por um breve instante. Ela afasta o dela.

— Não, nada.

— Estranho ele ir embora assim — diz ela —, sem falar nada.

— Não deixou bilhete nenhum em casa.

Os olhos inchados dela se apertam.

— O que você ouviu? — pergunto.

Ela enfia um bastão de trilha no chão.

— Eu não acredito em boatos. Você sabe disso.

Tiro algumas folhas amareladas da roseira.

— Isso não impede que eles se espalhem, né?

Gemma abre a cerca de madeira e entra no jardim. Os bastões ficam pendurados nos braços dela como pulseiras.

— Então você também ouviu? — pergunta ela.

— Ah, não é novidade. A cidade toda acha que Jack me abandonou por uma novinha.

— Então é verdade?

Sacudo a roseira para tirar o orvalho e corto alguns ramos.

— Não sei, mas não é impossível.

Gemma encosta nos botões de rosa como se estivesse tocando num prato quente.

— Não se preocupe — digo. — Essas não têm espinhos.

— Ah, eu talvez experimente plantar essa — diz ela, acariciando uma das rosas.

Mas não vai. Eu conheço gente como ela. Ela gosta da ideia de rosas no quintal, mas não está disposta a ter o trabalho. É por isso que ela nunca se casou.

— São todos iguais, né — diz Gemma. — Os homens.

— Se com isso você quer dizer que não são confiáveis, acho que você está indo pelo caminho certo. — Corto mais algumas rosas e ofereço o buquê a ela.

— Angela, você não devia.

Quando ela me abraça, eu prendo o ar para não inspirar o odor enjoativo do perfume dela.

— Não é tão ruim, sabe — diz ela. — Ser solteira.

Ela cheira o buquê uma, duas, três vezes. Mas o cheiro de jasmim na pele dela é tão sufocante que eu ficaria surpresa se ela conseguisse sentir algum outro cheiro.

Eu ando até minha hortênsia.

— Como estão os gêmeos? — pergunto.

— Cheios de energia, como sempre. É cansativo.

— Tenho certeza de que eles vão partir muitos corações com aqueles lindos olhos azuis.

As rugas nas têmporas dela ficam mais fundas. Ela aponta para a

hortênsia.

— É nova?

— Ah, não. Só a cor que é nova.

Gemma se mexe de leve.

— Como você a mudou?

— Acrescentei enxofre, deixou o solo mais ácido.

— Mas por quê? Você não gostava de azul?

— Me lembrava demais os olhos de Jack.

Ela afasta o olhar e ergue o buquê de rosas.

— É melhor eu botar isto num vaso.

— Vão aguentar alguns dias.

— Obrigada, Ange. Tenho que ir agora para não me atrasar.

— Se cuida, Gemma.

Ela acena antes de segurar os bastões de trilha e seguir pelo caminho. Eu espero. Quando o contorno de Gemma vira um pontinho na terra, eu coloco os óculos. Examinar a hortênsia em busca de pragas vai levar tempo. Eu não quero mais arriscar. Não depois do que passamos.

Para inspecionar os galhos mais baixos, preciso ficar de joelhos. O solo ainda está frio, mas não me importo. As flores mais perto da terra são as mais bonitas.

— Querida, você está simplesmente linda hoje.

Seguro uma flor branca entre as palmas das mãos e inspiro o aroma intenso.

— O branco fica bem melhor pra você do que o azul.

Meus lábios tocam o chão quando inspiro o odor almiscarado da terra, o odor primitivo de criação e decomposição.

— Você não acha, Jack?



Momentos

Sombras compridas dançaram para longe dos faróis quando Victoria e Oliver dirigiram mais para dentro da floresta. Victoria lutava contra uma dor de cabeça que estava vindo. Não ajudou em nada duas estações de rádio estarem disputando o mesmo lugar. Ela girou o sintonizador até encontrar um som claro, mesmo que significasse que ela tinha que sofrer com a música clássica. Se dependesse dela, desligaria o rádio de uma vez, mas dirigir em silêncio e no escuro era mais do que ela era capaz de suportar.

Oliver tentou evitar os buracos na estrada de terra, mas, quanto mais eles percorriam, mais parecia haver buracos e calombos na estrada em vez de o contrário.

— Cuidado — sibilou Victoria.

— Desculpa, amor. Meus óculos embaçaram — disse Oliver.

Ele não queria dizer para a esposa que não sabia se eles estavam no caminho certo. Ela já estava com coisas suficientes na cabeça.

— Liga o farol alto.

— Não sei se é uma boa ideia — disse Oliver. — Numa estrada pequena assim.

Victoria limpou a garganta.

— Chamar isso de estrada...

— Você sabe como o pessoal daqui dirige rápido quando acha que está sozinho.

Victoria franziu a testa, mas Oliver estava concentrado demais para notar.

— Se por pessoal daqui você quer dizer ursos e raposas, acho que estamos seguros.

Oliver sorriu.

— É meio rural, admito.

O barulho vigoroso dos limpadores de para-brisa tentava superar o barulho da chuva. Victoria bateu no GPS.

— Nós estamos perdidos, né? — disse ela.

— Nós não estamos perdidos.

— Essa estrada nem está no mapa.

— Não se preocupe, amor. Eu estudei o mapa antes de sairmos.

— Desde que a gente não se atrase — disse Victoria.

— Por quanto tempo seguram nossa mesa?

Oliver se concentrou na estrada e não viu a expressão ultrajada no rosto de Victoria.

— Não vão segurar — disse ela, ainda olhando para ele.

— Por que não? Devem saber que leva tempo pra chegar lá.

Victoria repuxou os lábios.

— Você leu as coisas que eu te mandei?

Apesar de Oliver não conseguir ver o rosto da esposa, ele conhecia bem os diferentes graus de frieza na voz dela. Ele acendeu os faróis altos.

— *The Times*, você quer dizer?

— *The Times* e todos os jornais que valem alguma coisa — disse Victoria. — Tem uma lista de espera pra lista de espera lá. Você acha que um restaurante exclusivo como o Momentos vai nos esperar?

— Não vão precisar, amor.

Ele não queria dizer mais, pois só tinha lido os detalhes da reserva, e só isso abrangia mais de quarenta páginas de baboseira legal. Ele teve dificuldade de passar da página seis. Oliver ficaria igualmente feliz se eles tivessem ido ao restaurante italiano de sempre ou a algum lugar menos glamouroso, mas Victoria falava sobre o Momentos havia meses e ele não queria parecer ingrato.

— Eu tive que quase implorar à minha diretora para ter a indicação — disse Victoria. — Com todos os dias que ela tirou por causa das dores de barriga do filho, ela deveria ficar feliz de eu não a demitir.

“O Amor das Três Laranjas”, de Prokofiev, começou a tocar no rádio.

— Por que mudaram? — Oliver aumentou o volume.

Victoria repuxou os lábios. Não era a primeira vez que seu marido continuava uma conversa na cabeça e esperava que ela lesse a mente dele.

— Mudaram o quê? — perguntou ela, sem tentar esconder a irritação.

— O sistema. Não era assim quando começaram, era?

— As referências? — disse Victoria. — Subiu à cabeça, foi por isso.

— Você não acha que tem a ver com um plano para deixar Masterson longe dos holofotes?

— Como deveria funcionar se todo mundo está escrevendo sobre esse novo restaurante?

— Sobre o restaurante, claro, mas não estão escrevendo sobre Richard Masterson, não desde que ele vendeu todas as outras empresas.

Victoria franziu a testa. Se Richard Masterson quisesse atenção, ele só precisava esticar o dedo para fora da janela e a imprensa iria correndo. Ele era um viúvo rico, um sobrevivente de câncer e tal. O que ele tocava, os jornais transformavam em ouro. Se ela andasse por aí num carro caro e levasse para casa homens com a metade da idade dela, os jornais a esfolariam viva e a deixariam limpa como um osso. Os jornais não estavam interessados nos perfumes que ela fazia, só nos fracassos de vida.

Victoria moveu as unhas pintadas de vermelho.

— Ele não está sofrendo, exatamente, está?

— Eu quis dizer a tragédia com a morte da esposa dele.

Victoria soprou alto. Será que Oliver conseguia dirigir mais devagar? Claro que as condições estavam longe do ideal, mas dirigir em segunda?

— Não foi uma tragédia. Se ela tivesse ido de carro com as pessoas normais e não em um helicóptero, ela estaria viva e bem. Se você pensar bem, foi o dinheiro dele que a matou.

— Você não acha que a morte dela o afetou com força? Quase não houve notícias sobre ele desde o acidente.

— Só na imprensa marrom.

— Eu achava que isso era só fofoca. — Oliver engatou a primeira e contornou um buraco grande que ocupava boa parte da estrada.

— Você dá crédito demais às pessoas — disse Victoria. — Masterson é um homem vaidoso. Não deve querer ver a cabeça careca nos jornais.

Os cintos de segurança travaram e os empurraram na direção do banco quando as rodas atolaram na lama. O motor continuou girando.

— Você vai resolver isso, né?

— Claro, amor.

Victoria esticou os pés como se quisesse chamar atenção para os

sapatos altos novos que combinavam com o esmalte. O carro balançou para a frente e para trás, espirrando lama para todo lado.

— Nós vamos parecer que saímos da selva — disse ela.

Oliver foi acrescentando mais força no carro até voltar para a estrada sólida.

— Pronto — disse ele quando o motor acalmou.

Uma linha comprida de árvores com luzinhas enroladas nos troncos apareceu à frente. Oliver estacionou e correu para o outro lado do carro com um guarda-chuva. Victoria retocou o batom e segurou a mão de Oliver. A casa à frente era uma construção simples com fachada creme e janelas marrons. Acima da porta havia uma placa com iluminação suave que dizia “Momentos”.



A música suave de fundo foi sufocada pelos aromas voluptuosos. Na entrada, um homem de terno preto e luvas brancas deu um passo na direção deles.

— Bem-vindos ao Momentos — disse ele. — Sou Ian, seu recepcionista da noite. — O olhar dele se desviou para o tablet na mesa alta de carvalho. — Vocês devem ser o sr. e a sra. Evans.

— Isso mesmo — disse Victoria. — Nossa reserva é para...

— As oito horas?

— Nós não estamos atrasados, não é? — perguntou Oliver.

— Nem um pouco — disse Ian, e esticou a mão. — Me permitam pegar seus casacos. É sua primeira vez?

— Cuidado. — Victoria apontou para a pocinha aos pés de Oliver. — Você está pingando.

Ian guardou o tablet.

— Nossa recepção está pronta para vocês — disse ele. — Nós gostamos de começar explicando nossa abordagem e nossa filosofia.

Victoria deu uma risadinha.

— Não vai estragar a surpresa?

Ian sorriu.

— Nossa política não permite que sirvamos comida se o cliente não conhece nossa forma de trabalhar.

Victoria mordeu a língua. Ela não comia nada desde o café da manhã e não estava com humor para assistir a vídeos nem para ouvir

apresentações de PowerPoint. Era só um restaurante, pelo amor de Deus. Atualmente, qualquer negócio que encontra um nicho age como se tivesse reinventado a religião.

Ela inspirou fundo e abriu um sorriso largo para Ian.

— É sobre as quarenta e duas páginas? — perguntou ela. — Eu assinei o termo de concordância, como exigido.

— Claro, mas nós só discutimos os detalhes em pessoa. Tenho certeza de que a senhora entende.

Victoria estava prestes a protestar quando Oliver apertou a mão dela.

— Talvez a gente devesse...

Victoria se soltou da mão de Oliver e deu um passo à frente. Ela não queria saber dessa baboseira de filosofia.

— Claro, eu entendo — disse ela. — Eu assino contratos todos os dias. Posso assinar um agora se necessário.

— Então a senhora entende a natureza única da nossa abordagem — disse Ian.

— Naturalmente — disse Victoria.

— E por que é impossível tornar os detalhes públicos — disse Ian.

— É justo — disse Victoria. — Seus termos declaram claramente que não vamos poder falar sobre eles.

O estômago de Victoria começou a reclamar. Ian abriu um sorriso bobo, como se ela fosse uma criança perdida. Ele bateu com o dedo no tablet.

— Certo — disse ele, e virou a tela para ela. — Se a senhora insiste.

Victoria passou os olhos no texto e parou apenas nas palavras-chave. Sistema único... moeda própria... acordo vinculante... legalmente responsável...

— Onde eu assino?

Ian ofereceu um pedaço de plástico pontudo para ela e desceu até o pé da página.

— Agora, o sr. Evans — disse Ian, puxando o tablet.

Oliver pegou o tablet.

— Eu não posso assinar pelos dois? — perguntou Victoria.

— Devo entender que você quer assumir o custo pelos dois? — perguntou Ian.

— Eu vou pagar o jantar, sim.

Ian subiu a tela e clicou em uma caixa. Victoria acrescentou outro rabisco ao documento. Ian fez sinal para um dos garçons e abriu um sorriso digno de um comercial de pasta de dente. O garçom parecia Paul Newman jovem.

— Walter, você pode levar essas pessoas simpáticas até a mesa?

Enquanto Walter os levava pelo piso de mármore, eles absorveram a elegância discreta da decoração. As mesas de madeira escura e as cadeiras de marca, as pinturas abstratas dignas de museu, a sensação de luxo que permeava o salão.

— Aquilo é ouro? — Oliver apontou para uma maçaneta de janela.

— Para de apontar. Você está nos fazendo passar vergonha.

A mesa deles estava perfeitamente arrumada. Um vaso simples de porcelana com peônias rosa-claras e folhagens ocupava o centro. Havia o logo de um designer japonês muito admirado gravado no vaso. Os pratos tinham o mesmo logo.

Walter serviu água nos copos de cristal e voltou com uma cesta de pães e duas conchas cheias de uma porção de purê verde e marrom.

— Vamos começar com o *amuse-bouche*. Cortesia da casa — disse ele. — Um marisco jovem em uma cama de cogumelos selvagens braseados com missô.

Cada palavra intensificava o prazer de Oliver. O pão tinha cheiro de ter sido assado recentemente.

— Que maravilha. E a gente nem viu o cardápio ainda.

Walter abriu a boca, mas Victoria já tinha colocado a mão no joelho de Oliver, seu jeito de dizer para ele parar de falar.

— Meu marido gosta de brincar — disse ela. — Nós sabemos que vocês trabalham com um menu-degustação.

Walter assentiu e esticou a mão, como se estivesse apresentando uma orquestra.

— Hoje, vamos preparar sete pratos para vocês, cada um combinado com uma taça perfeita de vinho. Algumas pessoas preferem escolher seu próprio vinho. Ambas as opções estão incluídas no preço.

— A combinação perfeita parece ótima, obrigada — disse Victoria.

Quando Walter estava longe a ponto de não conseguir mais ouvi-los, Oliver se inclinou para perto da esposa.

— Eu achava que você odiava menus-degustação.

— Não em um lugar assim — disse ela. — Você leu alguma das

coisas que eu te mandei?

— Me desculpa, amor. Eu não pretendia...

— Tudo bem — disse Victoria, e pegou o restinho do *amuse-bouche* na concha. Era um êxtase do tamanho de uma mordida, com uma certa doçura, mas também salgado com notas amargas no final. Seu estômago suplicou por mais. Ela precisou se segurar para não enfiar os pedaços de pão na boca.

Pela primeira vez desde que eles chegaram, Oliver olhou para os outros clientes. A mulher e o homem jovens perto da janela não pareciam muito glamourosos. As camisetas eram pelo menos dois tamanhos grandes demais e as calças jeans estavam rasgadas nos joelhos. Os dois usavam tênis brancos e bijuteria feita à mão. Oliver não tinha opinião forte sobre moda, só tinha perguntas. Gente jovem não tinha dinheiro para comprar uma calça nova?

Na mesa grande no centro, havia um grupo de sete pessoas, sendo cinco adultos e duas crianças. As caixas embrulhadas e as roupas brilhantes fizeram Oliver acreditar que eles estavam comemorando alguma coisa. Havia também um homem de meia-idade com cabelo oleoso que parecia não lavar as roupas havia um tempo. Se Oliver o tivesse visto do lado de fora, teria achado que ele era uma pessoa em situação de rua, mas ali estava ele, comendo o jantar e tomando vinho como o resto.

Era assim que aquele tipo de espaço funcionava? Aceitando todo mundo que ia lá? Oliver nunca teria considerado gastar assim, principalmente depois que perdeu o emprego quase um ano antes. Mas Victoria tinha conseguido um contrato grande e queria comemorar. Como ele poderia recusar se ela trabalhava tanto?

Ele se virou para a esposa e ficou surpreso de encontrar o olhar apertado dela.

— O que foi? — perguntou ela.

— Nada, amor.

— Você está com aquela cara.

— Que cara?

— De que tem alguma coisa errada.

— De jeito nenhum. É só que...

— É só que o quê?

Aos olhos de Victoria, estragar o clima era um crime sério, e Oliver tomou um gole de água.

— Eu estou feliz de estarmos aqui — disse ele.

— Você precisa confiar mais em mim — disse Victoria.

— Eu confio em você, amor.

Ele não estava mentindo. Oliver não tinha nem o conhecimento de Victoria, nem a percepção imediata de pessoas e situações que ela tinha, e sabia muito bem disso.

— O que acharam do *amuse-bouche*? — perguntou Walter quando foi recolher as conchas vazias.

— Estava divino — disse Victoria.

— Fico feliz de saber — disse Walter sem esperar a resposta de Oliver. — Vamos continuar com couve-de-bruxelas macia, marinada em vinagre balsâmico com ervas finas, acompanhada de queijo cremoso assado no forno com mostarda e uma taça de Chablis de 2018.

— Maravilha — disse Victoria.

— Ele disse couve-de-bruxelas? — sussurrou Oliver.

— Marinadas em vinagre balsâmico, sim.

— Mas couve-de-bruxelas?

Victoria piscou do jeito que fazia os olhos dela trovejarem.

— Para — disse ela. — Couve-de-bruxelas é uma iguaria para quem sabe preparar.

Ela nunca tinha comido couve-de-bruxelas tão delicada, mas acreditava que existia.

Walter voltou com uma garrafa de vinho e serviu uma amostra para Victoria provar. Ela assentiu com aprovação. Enquanto eles bebericavam o Chablis, ele chegou com as couves-de-bruxelas.

Oliver comeu o primeiro pedaço com cautela para o caso de precisar cuspir. Victoria não aprovaria, então ele comeria o pedaço pequeno e deixaria o resto, mas as couves-de-bruxelas estavam com um gosto totalmente diferente de qualquer verdura que ele já tivesse comido. Na verdade, não estavam com gosto de verdura. O pedaço na língua dele estava macio e salgado. Victoria o observou com a sobrançelha erguida.

— Você tinha razão — disse Oliver, e comeu outro pedaço. — Este lugar é diferente.

— Eu não teria me esforçado tanto se não fosse.

O prato ficou vazio bem mais rápido do que Oliver gostaria. Quando um garçom diferente passou pela mesa deles com couve-de-

bruxelas, Oliver olhou para os pratos, impressionado. Ele esperou Victoria olhar o celular, pegou o que restava de molho com o dedo e lambeu tudo.

— Como fazem o gosto ficar assim? — perguntou ele.

— Duvido que nos contem — disse Victoria.

— Um dos artigos que você mandou — disse Oliver, tomando o cuidado de não revelar que foi o único que ele leu — dizia que Masterson tinha reunido os melhores chefs do mundo.

— Ele tem dinheiro para isso.

Victoria tentou parecer descolada, mas sempre que um prato era levado na direção deles, seu coração tremia. Ela deixou o vinho amaciar a boca. Quando voltou a erguer o olhar, Walter vinha carregando pratos novos cheios de delícias.



Victoria lambeu os lábios ao pensar no peito de pato saboroso que não existia mais: a pele crocante e a carne macia, a farofa de castanha-decaju crocante polvilhada sobre o molho de damasco. A explosão de prazer foi intensa demais para aguentar.

— Foi a melhor ave que eu já comi — disse Oliver.

Desta vez ela tinha que concordar. Cada prato levado à mesa era excepcional, inesquecível até. Claro que ela esperava um padrão alto, mas aquilo?

— Nós temos que voltar — disse ela. — Semana que vem, se possível.

— Se não estiverem lotados.

— O acordo diz que temos prioridade depois de virmos aqui porque não precisamos ler todo o...

As palavras murcharam na boca quando ela viu Walter com dois pratos.

— Nosso bolo de chocolate — disse Walter. — Setenta por cento de cacau e cem por cento de prazer.

As fatias marrons aveludadas tinham um pó branco em cima e vinham acompanhadas de uma colherada amarelada.

— E o sorvete? — perguntou Victoria.

— Parece baunilha — disse Oliver.

— É yuzu — disse Walter. — Ácido e fragrante para complementar

a doçura do bolo.

— O que é yuzu? — perguntou Oliver.

— É um tipo de limão, como o que nós comemos em Kyoto.

— A sra. Evans entende de comida — disse Walter.

Victoria abriu um sorriso.

— Por favor, me chame de Victoria.

Walter serviu duas taças de vinho do Porto.

— Esta bela garrafa é da reserva particular do sr. Masterson.

Victoria comeu pedaços pequenos, desejando que a sobremesa durasse mais. O bolo, o vinho, o jantar todo era muita coisa, mas também era o suficiente. Uma pessoa podia morrer de excesso de prazer? Victoria esperava que não, mas, se morresse, ao menos ela morreria feliz.

Depois do bolo, veio o café com macarons em miniatura rosa e azul com recheio verde. Nenhum dos dois estava com vontade de conhaque, mas recusar significaria que eles teriam que ir embora.

— Espero que tenham gostado da experiência — observou Walter enquanto tirava a mesa.

— Gostado? Nós vamos voltar amanhã — disse Victoria.

— Muita gente diz isso — respondeu Walter.

Ele colocou o tablet na mesa.

— Podemos confirmar os itens antes de eu fechar a conta?

Com relutância, Victoria passou os olhos pela tela e assentiu. Para ela, o jantar podia custar seu salário do mês todo.

— Está tudo aí — disse ela.

— Se você puder assinar, vou trazer o coletor — disse Walter.

— Ah, claro.

Depois que ela assinou, Walter levou o tablet.

— Não fica olhando assim — disse Victoria para Oliver. — Ele vai achar que a gente não pode pagar.

— Quanto foi o total? — perguntou Oliver.

— E importa? A gente tem que pagar mesmo.

Walter voltou com uma conta. Era bem curta, como contas de postos de gasolina. Victoria tomou uma nota mental para pegar a ideia emprestada. Era sempre melhor fazer o cliente pensar que não tinha exagerado. Ela espiou o pé da nota e piscou.

— Esse é o valor total? — perguntou ela.

— Isso mesmo — disse Walter.

Ela apontou para o número seis na tela.

— Aquele ali?

— Usar nossa própria moeda nos ajuda a economizar papel. Zeros demais confundem as pessoas — disse Walter.

Com um olhar de incompreensão, Victoria pegou o cartão de crédito. Fossem seiscentos ou seis mil, ela teria que pagar.

— Você poderia facilmente cobrar o dobro — disse Oliver.

Walter abriu um sorriso.

— Nós não queremos exagerar. A maioria das pessoas acha o preço... suficiente.

— Não é pelo preço, né? — disse Oliver.

— Isso mesmo — respondeu Walter.

Victoria olhou para o aparelho nas mãos de Walter. Parecia um *smartwatch* com uma telinha de televisão. Ele ofereceu o dispositivo a ela.

— A maioria das pessoas prefere que ajudemos a colocar o coletor — disse Walter.

Victoria arqueou uma sobrancelha, sem saber se o dispositivo era um presente de despedida ou uma forma inovadora de conseguir feedback.

— E como funciona?

— É bem simples — disse Walter. — Você coloca no pulso e eu vou ligar. Algumas pessoas sentem uma coceirinha, mas não dói.

O estômago de Victoria ficou embrulhado.

— E como exatamente ele... coleta?

Ela jamais admitiria que não tinha lido todas as 42 páginas do acordo. Com um negócio para gerenciar e apenas duas mãos, não podiam esperar que ela lesse tudo.

Oliver sentiu o desconforto dela, mas não soube o que fazer.

— Se não for problema demais — pediu Victoria —, você poderia converter o seis de volta para todos os zeros? Só pra me agradar?

— Certamente — disse Walter. Pareceu a Oliver que ele se importava sim com o trabalho extra. Eles eram as últimas duas pessoas no restaurante.

— São dois menus de degustação com vinho, o serviço... sim, aqui está.

Walter clicou no tablet e mostrou a tela.

— Corresponde a cento e quinze mil vezes três... vezes dois...

Oliver olhou para a fileira de zeros.

— Entende por que nós preferimos mostrar dias em vez de batimentos individuais?

Uma partícula de poeira entalou na garganta de Victoria. Ela começou a tossir.

— Você está bem, amor? — perguntou Oliver. — Aqui, tome um pouco de água.

Victoria abanou o ar na frente do rosto.

— Minha alergia está atacando — disse ela, tomando tudo que havia no copo.

— Então o coletor vai recolher isso? — perguntou ela.

— Foi o que ele disse, amor.

— Vai coletar a soma total, os seis dias de uma vez — disse Walter.

— Seis dias da vida dela — disse Oliver numa tentativa de esclarecer, como se fosse necessário esclarecer. Uma olhada para o rosto de Victoria deixou claro que não era.

— Claro, da *minha* vida — disse Victoria. Eu me ofereci pra pagar, não foi?

Ela deixou que Walter colocasse o coletor em volta do pulso. Quando ele fechou a fivela, a tela exibiu seus batimentos.

— Se vocês indicarem dez clientes novos, ganham quinze por cento de desconto — disse Walter.

— Ouviu, querida? — disse Oliver, mas Victoria não queria ouvir nada. Só queria se deitar na cama e olhar para o teto. Mas ela ficou olhando para a tela do dispositivo ridículo.

— O que vocês fazem com todos os batimentos? — perguntou Oliver.

— Mesmo que eu soubesse, não poderia contar — disse Walter.

— Claro que não — disse Victoria. — É informação exclusiva.

O número seis apareceu na tela do coletor.

— Infelizmente, está guardada com segurança — disse Walter. — Nem o círculo mais próximo do sr. Masterson conhece essa informação.

— Você quer dizer que ninguém sabe?

— Só Richard Masterson, imagino — observou Victoria.

Ela prendeu o ar enquanto Walter apertava um botãozinho no coletor. A pressão na mão dela aumentou. Ela se sentiu como um pneu de carro prestes a explodir. Os números na tela começaram a descer

até zero. Victoria fez uma careta e fechou os olhos.

— Pronto — disse Walter, e soltou o dispositivo. — Espero que não tenha sido desagradável demais.

Victoria trincou os dentes e sorriu.

— Vou pegar os casacos de vocês — disse Walter, esfregando a mão dela.

— Doeu?

— Agora não, Oliver.

Quando Walter ofereceu ajuda com os casacos, Victoria pegou o dela e o vestiu, apesar de ainda estar com a mão dolorida. Walter os acompanhou até a porta.

— Espero que tenhamos valido seu tempo e que vejamos vocês em breve — disse ele.

Eles andaram até o carro em silêncio. À frente, a escuridão se prolongava como uma cortina infinita. Sedutora. Voraz.



Oliver não disse nada quando a esposa se sentou no banco do motorista. Ela não estava em condições de dirigir, mas depois de perder seis dias da vida, ele não podia tirar aquilo dela. Talvez dirigir ajudasse a tirar a mente dela da noite.

Victoria tirou os sapatos e os jogou no banco de trás. Oliver sentiu necessidade de falar. Se eles continuassem agindo como se nada tivesse acontecido, um arrepio se estabeleceria entre eles e envolveria cada palavra em gelo, como nitrogênio líquido.

— Foi muito ruim? — perguntou ele, baixinho. — O coletor?

Victoria mexeu no sintonizador do rádio. Novamente, eles tiveram que ouvir música clássica composta por um russo.

— Ele disse que podia coçar — disse Oliver.

Victoria mordeu a bochecha por dentro. Por que Oliver queria discutir aquilo? Quando eles se conheceram, ela achou a atenção dele aos detalhes encantadora: como ele captava coisas que os outros não notavam. Agora, isso a exauria.

— Foi desagradável — disse ela. — Como se estivessem sugando ar dos meus pulmões.

Por alguns instantes, Oliver não disse nada.

— Nós não precisamos voltar.

Victoria acelerou o motor.

— Por que não? Eu não preciso ser quem vai pagar a conta sempre.

Oliver prendeu o ar. Decidiu não dizer nada. Sua esposa exagerava quando estava chateada. O que o preocupava era a neblina que estava ocupando a estrada.

— Nós não estamos com pressa, né? — perguntou ele.

Victoria apertou o volante. Se dependesse do marido, ele dirigiria em primeira e eles chegariam em casa depois da meia-noite. Claro que não era ele quem tinha que acordar cedo na manhã seguinte. Não era a vida dele que tinha ficado mais curta como a barra de uma calça.

— Eu estou cansada — disse ela. O carro tremeu quando ela mudou para quarta. — Nós estamos sozinhos mesmo.

— Por enquanto — disse ele.

— Nós vamos ver os faróis, né?

Para descansar a mente, Victoria começou a compor uma lista mental de todas as pessoas que ela podia indicar para o Momentos. Talvez pudesse até convencer alguns a pagarem a conta toda. Aquela Christina horrível, por exemplo, com o cachorro fedorento que cagava o gramado todo, ou o contador do terceiro andar que fazia comentários sexuais sempre que via um par de pernas.

— Quem você traria ao Momentos? — perguntou ela.

Oliver inclinou a cabeça para o lado, sem saber se tinha ouvido direito. A neblina à frente ficou densa como creme.

— O que você quer dizer?

— Seus antigos colegas. Primos, tias, gente que você conhece.

— Não sei se iam querer ir quando soubessem o preço — disse Oliver.

— A gente não pode contar, né? Eu assinei aquele papel por nós dois.

A neblina se movia arrastada, mas Victoria não reduziu. Ela se recusava a ser atrapalhada por uma coisa tão ridícula quanto a umidade. O motor estava alto o suficiente para assustar qualquer animal que pudesse pular no caminho.

— A gente não está indo rápido demais? — perguntou Oliver.

Victoria enrijeceu o pescoço. A última coisa de que precisava eram instruções do marido. Ela abriu a boca para soltar as palavras que estavam ardendo lá dentro, mas houve um barulho alto, e a frente do carro caiu em um buraco enorme cheio de água de chuva. Ela tentou

sair apertando o acelerador, mas o carro nem se moveu.

— E aí? Não vai olhar? — perguntou Victoria.

Oliver soltou o cinto. Saiu do carro e o contornou, protegendo os olhos dos faróis. Victoria pegou o celular. Já estava cansada daquela noite. Se tivesse algum sinal, ela ligaria para o seguro e deixaria que eles cuidassem daquele problema. Era o mínimo que podiam fazer pelo preço que cobravam.

Não havia sinal.

Uma sombra brilhou na frente dos faróis. Victoria ergueu o rosto e viu Oliver balançando as mãos para ela e gritando alguma coisa. Não dava para ouvir por causa do rádio, mas ela supôs que ele queria que ela saísse e olhasse o buraco de lama enquanto explicava que eles precisavam ligar para alguém. A única coisa que Oliver não era capaz de fazer era consertar coisas.

Ela soltou o cinto e se esticou entre os dois bancos da frente para pegar os sapatos. Ficariam destruídos pela lama, mas a irritação dela tinha começado a borbulhar, e o jeito de pôr fim nela era dizer para Oliver parar de criar caso e procurar um lugar que tivesse sinal de celular.

Ela precisou ficar de quatro para pegar o salto de um dos sapatos. Houve uma batida na janela e a voz enrolada de Oliver gritou alguma coisa acima do rádio.

— Pelo amor de Deus, Oliver, espera um segundo — gritou ela.

As batidas continuaram. Ela tinha conseguido pegar o sapato e estava se virando para dizer a Oliver exatamente o que achava quando uma luz a cegou. Ela entrou em um espaço branco que pulsava de angústia.



O odor pungente de álcool gel absorveu os outros cheiros do hospital. Oliver esfregou a mão de Victoria e se perguntou quanto tempo demoraria para ter cheiro de creme de novo. Ele precisava sentir o calor de Victoria e ver o movimento no peito dela para lembrar que o pior não tinha acontecido.

Um monitor acima da cama exibia os batimentos dela. Pelo segundo dia seguido, Oliver ficou sentado ao lado dela, cuidando para que nenhum tubo se desconectasse e nenhuma das máquinas parasse

de trabalhar. Os médicos e enfermeiras faziam o que podiam, mas eles não podiam estar presentes o tempo todo.

Os hematomas roxos no rosto de Victoria lembravam sanguessugas. Ela parecia tão pequena debaixo da coberta branca. Pequena e frágil. Ele apertou a mão dela. Estava inerte, mas quente.

Uma enfermeira entrou, diferente da do dia anterior. Oliver sabia que ela não o consolaria nem ofereceria atualização. A médica tinha dito isso depois da operação, mas estava com olhos transbordando esperança.

A enfermeira olhou o prontuário no pé da cama e passou o lápis pelo papel. Seus lábios se moveram silenciosamente. Ela olhou para o monitor e para Victoria.

— Ela já não devia ter acordado? — perguntou Oliver.

Não havia novidades desde o dia anterior. A médica tinha dito que ela estava estável, mas eles teriam que esperar para ver.

— Ela vai acordar, não se preocupe — disse a enfermeira. Ela acrescentou um travesseiro aos dois debaixo da cabeça de Victoria, escreveu no prontuário e o pendurou de volta no pé da cama.

— A médica disse... — Oliver não sabia como terminar. O que poderia dizer? Que precisava saber que Victoria sobreviveria? Que ela não sofreria muito quando voltasse a si?

— Ela está se recuperando — disse a enfermeira. — Você não tem motivo para se preocupar.

— O que eu faço quando ela acordar? — perguntou Oliver.

— Chame a médica — disse a enfermeira. — Ela vai estar confusa e provavelmente não vai se lembrar de muita coisa.

— E se ela perguntar o que aconteceu?

— Fale por alto, mas sem detalhes. Deixe essa parte para a médica. Outro choque pode fazê-la apagar de novo.

— Mas ela vai acordar, não vai?

A enfermeira abriu um sorriso tranquilizador, como se ele estivesse perguntando se ainda ganharia o presente de Natal, apesar de não acreditar mais no Papai Noel.

— Não houve dano permanente à cabeça. Quanto às outras partes...

A mão de Victoria tremeu.

— Ela está acordando — disse Oliver.

A enfermeira olhou para o relógio na parede e para Victoria.

— Vou avisar à médica — disse ela. — Ela está terminando com outro paciente e talvez demore um tempo.

Os olhos de Victoria ainda estavam fechados, mas sua cabeça estava se movendo de um lado para o outro. Seus lábios se moveram num murmúrio. Oliver se sentou na cama e acariciou o rosto dela, tomando o cuidado de evitar os hematomas.

— O que é isso? — Victoria protegeu os olhos da luz.

Oliver beijou a bochecha e as mãos dela, ciente de que os minutos seguintes antes de a médica chegar talvez fossem os últimos que ele passaria com a esposa como ela estava.

— Eu estou bem aqui, querida — disse ele.

— Onde eu estou?

Delicadamente, ele tirou a mão de Victoria do próprio rosto. Ela piscou e olhou em volta.

— Em um hospital?

— Um dos melhores, amor. Curaram Richard Masterson de câncer...

Oliver parou no meio da frase, ciente de que não devia ter mencionado Masterson. Talvez desse uma dica a Victoria do que tinha acontecido no caminho de casa. Lembrar-se de coisas demais poderia provocar um choque.

Victoria tentou se apoiar nos cotovelos, mas os tubos nos braços a impediram. Ela percebeu o zumbido e os apitos das máquinas.

— Por que estou aqui? — perguntou ela.

— A médica vai chegar a qualquer momento. Ela vai explicar.

— Por que você não pode me contar?

— Não tem nada com que se preocupar — disse Oliver. — Só descanse e melhore.

Victoria afastou a mão dele.

— Não fala comigo como se eu fosse criança.

Ela descobriu os botões na lateral da cama, ergueu o apoio de cabeça e inspecionou o quarto.

— Foi a comida, né? Eu tive intoxicação alimentar.

Oliver considerou quais pistas inocentes poderia dar sem revelar demais. Se Victoria começasse a desconfiar que havia algo de errado, não havia como esconder a verdade dela. Ele olhou para a porta, mas o corredor estava vazio.

— Oliver? — disse Victoria. — Foi a comida? Deve ter sido aquele

marisco.

— Foi um bom jantar, não foi?

Ele pegou um dos travesseiros e o colocou numa cadeira. Em seguida, afofou os travesseiros nas costas dela e protegeu a vista da parte inferior da cama.

— A estrada estava ruim — disse Victoria.

— A chuva não ajudou — disse ele.

Uma sombra caiu sobre o rosto de Victoria. Ela olhou para o outro lado.

— Eu queria pegar meus sapatos, mas aí...

Ele apertou a mão dela com força demais.

— Cuidado!

— Desculpa, amor. — Ele beijou a mão dela. De quanto tempo mais a médica precisaria?

— Houve luzes — disse ela. — Machucaram meus olhos.

— Quer água? Comida? Você deve estar com fome. Vou pedir à enfermeira para trazer um lanchinho.

Enquanto colocava água num copo, ele se perguntou o quanto Victoria lembrava. Ela não podia tê-lo ouvido gritando para ela desligar o farol alto. Se ela tivesse feito isso, nada daquilo teria acontecido. Oliver colocou o copo de água nas mãos dela.

— O nosso carro — disse ela. — Onde está?

— Estão cuidando dele. Não se preocupe.

Tecnicamente, não era mentira; ele tinha encomendado o mesmo modelo e cor. O velho não teria muita utilidade depois que tiveram que abrir um buraco para tirar Victoria de dentro.

Ele se levantou.

— O importante é que você está se recuperando. O médico disse que em poucos meses...

— Meses!

A mão de Victoria tremeu e ela derramou água no colo. Oliver demorou um segundo a mais para reparar que estava escorrendo pelas pernas dela, ou por onde as pernas ficavam antes. O contorno dos cotocos abaixo dos joelhos ficou claro. Victoria arregalou os olhos. E começou a respirar rápido, como se estivesse correndo.

— Tira — disse ela.

— Não se aborreça, amor.

— Tira essa coisa maldita!

As mãos dela estavam tremendo quando ela puxou a lateral do cobertor, que nem se mexeu porque estava preso por baixo.

— Oliver!

O copo vazio caiu da cama e se quebrou em pedacinhos.

— A médica disse que você não devia...

— Tira!

A garganta de Oliver parecia um ralador destruindo cada palavra antes de chegar à língua. Ele não ousou olhar para as pernas de Victoria.

— Foi um dano estrutural — disse ele.

A máquina acima da cabeça de Victoria começou a apitar mais rápido. Ela enfiou as unhas no braço dele.

— Minhas pernas!

Se ele mentisse para ela, ela ficaria ressentida pelo resto da vida.

— O motor — disse ele. — Foi empurrado quando o outro carro bateu no nosso. Você estava sem cinto, então...

O grito de Victoria soou como uma sirene. A cor voltou às bochechas, mas lembrou a ele o sangue que ela tinha perdido. Ele poderia explicar que tudo daria certo, que nada precisava mudar, mas ela veria a mentira na cara dele.

— A médica vai te dizer quais são as opções — disse ele. — Como podemos tornar tudo mais fácil.

— Eu estou aleijada!

A voz de Victoria atravessou o quarto e foi até o corredor. Oliver esperava que a médica se apressasse.

— Querida, nós vamos superar isso — disse ele.

— Nós? Pra você é fácil falar. Olha só pra mim! Eu devia ter morrido.

— Não diz isso.

— Eu preferia estar morta a ser aleijada.

— Você não é aleijada. É uma pessoa maravilhosa e merece...

Victoria balançou a cabeça e chorou mais.

— Eu devia ter morrido.

Pedaços do peito de Oliver pareceram arrancados, alguns que ele até considerava inquebráveis. Em todos os anos de casamento, ele tinha visto Victoria chorar duas vezes: a primeira quando a mãe dela morreu e a segunda quando ela encontrou o filho de três dias gelado no berço. Ela não merecia aquilo. Richard Masterson, por outro lado...

Pensar naquele magnata rico despertou uma chama nas entranhas de Oliver. Por que ele estava dirigindo tarde daquele jeito? Ele não tinha helicóptero? Não tinha um restaurante para gerenciar, mulheres para correr atrás, batimentos cardíacos para coletar?

Os dedos de Oliver se fecharam.

— Eu vou ser uma pedra no seu pescoço — gritou Victoria. — Um fardo!

— Você nunca vai ser um fardo, amor — disse ele, e falou sério. — Você vai andar de novo, você vai ver. Só vai levar um tempo. Vou fazer tudo que puder pra ajudar.

Ele desejou ter tomado nota quando a médica explicou as opções de Victoria.

— Eu deveria cair da escada e quebrar o pescoço, como o vovô na cadeira de rodas.

Victoria fez uma pausa, como se tivesse pensado em alguma coisa.

— Você faz qualquer coisa?

— Qualquer coisa — disse Oliver.

— Você me leva ao Momentos?

— Amor?

— Vou comer lá todos os dias, até os meus dias acabarem — disse ela. — Vou levar o escritório inteiro e pagar a conta de todo mundo. Quanto tempo eu tenho, você acha, até chegar a zero?

Oliver apertou o botão vermelho ao lado da cama.

— Por que você não descansa um pouco, amor? Quando você sair, nós podemos ir a um lugar legal. Posso fazer uma reserva naquele hotel que você gosta, na frente da praia.

O rosto de Victoria se iluminou.

— Reserva, Oliver. Reserva e me afoga lá.

Oliver apertou o botão vermelho mais uma vez e abraçou Victoria. Ela murmurou alguma coisa, mas sua boca estava pressionada no peito dele e ele não conseguiu ouvir o que ela estava dizendo. Ele nem queria ouvir. Ela o empurrou.

— Se você não me ajudar, eu faço sozinha. Eu tenho mesmo que fazer tudo sozinha sempre.

Naquele momento, a médica empurrou a porta e entrou no quarto.

— Eu tentei, doutora — disse Oliver. — Tentei mesmo.

A última coisa que Oliver ouviu quando estava sendo empurrado para fora do quarto foi Victoria repetindo a mesma frase.

— Eu me casei com um banana, doutora. Eu me casei com um banana.



As palavras de Victoria ricochetearam nas paredes estéreis e no piso polido do hospital. Ela não podia estar falando sério, pensou Oliver enquanto olhava para o líquido marrom pingando da máquina. Era o choque, a raiva falando.

A médica explicaria tudo, acalmaria Victoria e a convenceria de que a vida não tinha acabado. Por mais que Oliver quisesse acreditar nisso, ele também sabia como sua esposa podia ser teimosa.

Ele andou de um lado para o outro no corredor e tomou o café com gosto horrível. Se ao menos eles nunca tivessem ido ao Momentos... Como ele poderia impedir Victoria de tirar a própria vida indo comer lá? Poderia ele convencer Richard Masterson a bani-la do restaurante? Seria o mínimo que ele poderia fazer depois que o SUV novinho esmagou as pernas de Victoria. Masterson saiu com uma concussão leve e um braço quebrado. Mesmo que tivesse havido alguma lesão mais séria, o futuro do sujeito estava garantido com os batimentos. Um homem como Richard Masterson poderia viver para sempre.

Oliver parou na frente de um elevador. Um dos médicos não tinha mencionado uma suíte no quarto andar? Devia ser onde Masterson ficava, possivelmente protegido por seguranças especiais. Ninguém podia tirar o sono do homem nem por um segundo.

Com o canto do olho, Oliver viu dois médicos saindo da sala de funcionários. Ele tinha visto gente saindo e entrando nos fins de turno.

Jogou o copo vazio de café no lixo e comprou outro. Se ficasse por ali, mais médicos entrariam na sala. Ele esperou o momento certo e correu para botar o pé entre a porta e a moldura.

Depois que entrou na sala de funcionários, Oliver procurou nos armários. O aposento estava vazio, mas alguém podia entrar a qualquer momento, então Oliver pegou o primeiro jaleco que viu. Não estava limpo, mas tinha um crachá que dizia dr. Nathan Wesley, neurocirurgião. Ele o vestiu.

O elevador o levou para o quarto andar. Ele verificou o corredor e encontrou um quarto com o nome de Masterson.

Seu coração disparou quando ele fechou a porta depois de entrar.

O quarto era bem maior e mais bem equipado do que o de Victoria, com banheira, uma mesa grande e quatro cadeiras. Richard Masterson estava deitado de lado. O braço quebrado estava com gesso e a mão estava segurando um controle remoto. A outra mão estava debaixo de um travesseiro. Ele estava dormindo profundamente, talvez devido a um coquetel de remédios caros.

Se Oliver o acordasse, Masterson precisaria de um tempo até entendê-lo. E se ele chamasse a segurança? Oliver não tinha condições de lutar com gente da estatura de Masterson. Por outro lado, que escolha ele tinha? Mais ninguém sabia como aquele maldito restaurante funcionava, o garçom tinha sido bem claro.

E se Masterson não quisesse ajudá-lo?

Oliver afundou nas almofadas empilhadas em uma poltrona e expirou alto. Ele não podia perder aquela chance. Talvez não tivesse outra. Só Richard Masterson poderia ajudá-lo, mais ninguém.

O olhar de Oliver se desviou e seu queixo caiu. Um pensamento grudou na mente e fez sua pele se arrepiar.

Mais ninguém poderia fazer aquilo além de Richard Masterson. Se alguma coisa acontecesse com ele, teriam que fechar o Momentos. Victoria sempre disse que Masterson era um homem vaidoso, e era improvável que tivesse compartilhado o segredo ou os batimentos com qualquer pessoa. Mais ninguém sabia coletar batimentos.

Ele conseguiria? Deveria?

Oliver se levantou e puxou a cortina em volta da cama. Virou-se e bateu as almofadas na poltrona. Eram mais fofas e mais firmes do que no quarto de Victoria.

O peito de Richard Masterson subia e descia enquanto Oliver ia nas pontas dos pés até a cama.

Eu não sou um banana, pensou Oliver, segurando as laterais da almofada. Ele provaria.

Lentamente, ele ergueu as mãos. Quando apertou a almofada no rosto do homem, Oliver imaginou os batimentos coletados diminuindo em disparada até o zero.



Minha amiga Betty

De longe, a casa pendia como um salgueiro, mas a paisagem ao redor compensava. A grama verde-clara brilhava como uma esmeralda, e as margaridas balançavam ao vento. Fiona apertou os olhos para observar tudo.

— Olha, mamãe. Árvores!

Antes que Fiona pudesse reagir, a filha correu na direção do pomar, segurando o coelho de pelúcia.

— Não tão rápido, Mandy!

Foi um aviso não muito entusiasmado: Mandy devia ter percebido, porque não parou. Havia só uma campina, árvores e a casa ao lado. Seria uma mudança da cidade e do apartamentinho no centro. Não seria a única mudança.

Depois que Fiona alcançou a filha, elas se deitaram na grama e inspiraram o ar úmido e doce. As folhas verde-escuras das árvores cintilavam de orvalho e o céu estava azul e limpo.

Quando eles voltaram para a casa, Fiona olhou para o jardim descuidado, perdido em meio a arbustos e espinhos. Ela teria que arrancar tudo, plantar algumas coisas e dar forma às cercas vivas. No verão, a casa se tornaria uma villa encantada. Ela a venderia pelo dobro do que pagou.

Era com a parte de dentro que ela se preocupava. Quando tirasse todas as tralhas, a casa ficaria decente, mas uma camada de tinta não resolveria a atmosfera sombria. Havia espaços na casa aonde não chegava luz. A sala era escura e não esquentava, por mais que Fiona abrisse as janelas.

E havia a cozinha. Apesar de toda a limpeza, o ambiente parecia gasto como uma joia antiga que não era apreciada e tinha sido esquecida. Devia ter sido por isso que o preço foi tão baixo.

— Olha, mamãe! Essa árvore é maior do que eu!

Mandy envolveu um carvalho velho com os braços e dançou em volta dele.

— Cuidado, Mandy. Vai entrar uma farpa.

Mandy continuou por um tempo, depois se sentou.

— Por que o papai não está aqui? — perguntou ela.

Fiona engoliu o ar.

— Você sabe o motivo, docinho.

— Porque ele está em outro lugar?

De repente, os olhos arregalados de Mandy foram demais. Azuis demais, inquisitivos demais, parecidos demais com os de Rob.

— Nós conversamos sobre isso, lembra?

— Porque ele está no céu agora?

— Isso mesmo, docinho.

Fiona baixou o olhar e pegou a mão de Mandy. Apesar do esforço para afastar a ardência na garganta, uma lágrima escorreu pela bochecha. Ela a secou com a manga.

— Não fica triste, mamãe. Pode ser que ele volte.

Fiona fez uma expressão severa. Ela não choraria. Não de novo, não ali. Ela pensou em dizer alguma coisa sobre o coelho quando uma sombra cortou a luz. Quando Fiona se virou, viu duas figuras se aproximando, uma alta e uma pequena. Fiona protegeu os olhos. Elas estavam de mãos dadas. Uma mulher e uma criança. A mulher estava sorrindo.

— Me desculpe — disse a mulher.

Ela parecia mais nova do que Fiona e estava com uma sacola plástica com cheiro de pimentão.

— Eu queria vir um pouco mais tarde, mas Ben não aguentou esperar pra conhecer as novas vizinhas. Peço desculpas por ele. Faz muito tempo que ninguém mora aqui.

— Tudo bem — disse Fiona. — A gente ainda está desabalando as coisas, então espero que vocês não se importem com a bagunça.

Era mentira, mas ela não podia contar a verdade. Desembaralar as coisas significaria que ela teria que abrir as caixas e enfrentar os restos da vida. Ela teria que desempacotar as coisas de Rob, tirar as coisas que tinha tentado tanto afastar. Ela tinha finalmente chegado ao estágio em que não chorava todos os dias.

A mulher esticou a mão.

— Sou Meg. A gente mora ali.

A casa do outro lado do pomar era pequena e fofa e parecia uma casa que Fiona compraria se não fosse tão distante.

Ela apertou a mão de Meg.

— Fiona. E esta é minha...

Mandy não esperou ser apresentada. Ela já tinha arrastado o menino e o coelho para o carvalho e se sentado. Fiona esqueceu o que queria dizer. Havia menos perigos ali do que na cidade. Além do mais, o menino devia conhecer o jardim melhor do que elas.

Ela encarou o olhar expectante de Meg.

— Me desculpe, é que é tudo ainda tão...

Assustador? Solitário?

— Novo — disse Fiona. — Nós estamos acostumadas com a cidade.

Fiona indicou as cadeiras cinza de metal que já tinham sido brancas e elas se sentaram.

— Não posso me esquecer disto. — Meg colocou a sacola na mesa.

— São pra você. Pimentões e tomates frescos do nosso jardim.

— Obrigada — disse Fiona. — É muita gentileza.

— Ben e eu não aguentamos comer tudo. Principalmente agora que ele está na fase de só comer cores específicas. Vermelho e verde ele come, mas não amarelo.

Fiona riu.

— Quantos anos ele tem?

— Cinco.

— A Mandy tem quatro.

Elas se viraram para os filhos, que estavam envolvidos numa brincadeira.

— A vida é fácil pra eles, né? — disse Meg.

— Eu quase tinha esquecido que pode ser.

Fiona não tinha pretendido dizer aquilo, não na frente de uma estranha. Mas falar com estranhos era bom. Não havia pena nos olhos deles. Os amigos de Fiona ofereciam pena como remédio. Deixava tudo amargo.

Meg devia ter sentido alguma coisa na voz de Fiona, pois se inclinou para a frente e sorriu para ela.

— Nós estamos planejando um churrasco este fim de semana. Nada chique, só uns legumes grelhados, frango, biscoitos se Ben não comer tudo até lá. Nós adoráramos se você e Mandy pudessem ir.

Fiona estava prestes a responder quando Mandy gritou de longe.

— Mamãe! O Ben tem um navio pirata. Posso brincar na casa dele?

Elas riram.

— Acho que isso é um sim — disse Fiona.

— Eu preciso mesmo olhar meu pão. — Meg acenou para Ben, mas ele fingiu não reparar.

— Eu posso levá-lo depois se você quiser. Não sei se Mandy vai deixar que ele vá. Ela é bem teimosa.

Fiona se controlou antes de dizer “Como o pai”.

— Ah, você se importa?

— Nem um pouco.

— Vou ficar feliz em retribuir o favor — disse Meg. — Se houver alguma coisa que eu possa fazer pra ajudar...

Quando Meg se virou para a casa, uma sombra recaiu sobre o rosto dela. Passou pela cabeça de Fiona que, se Meg tivesse concluído o pensamento, ela não teria feito a oferta. Ela teria dado um aviso.



— Vem, docinho. Calça o sapato.

Fiona tinha levado a manhã toda para preparar Mandy para brincar na casa do amigo. Depois que o entusiasmo inicial passou, Mandy pareceu menos interessada em passar tempo com Ben. A paciência de Fiona estava acabando.

Mandy se sentou no chão e abraçou o coelho de pelúcia.

— Não esse — disse Mandy. — Eu quero a galocha com as margaridas.

Fiona tentou enfiar o pé de Mandy na sandália.

— Galocha é pra dia de chuva. Hoje está sol.

Mandy cruzou os braços.

— Eu quero as margaridas.

— Ainda estão sujas de lama. Você não quer sujar a casa da Meg, né?

— A Betty disse que margaridas são melhores — disse Mandy.

Fiona prendeu a primeira sandália no pé da filha. Ela pegou a segunda, mas Mandy empurrou a perna no chão com firmeza.

— Você não quer dizer Ben?

— Não, mamãe, a Betty. Você precisa ouvir.

— Quem é Betty?

— Betty é minha amiga. A gente brinca todos os dias.

Depois de uma certa dificuldade com a sandália, Fiona a prendeu

no pé de Mandy. O que queria mesmo era dormir. O trabalho todo tinha sido exaustivo, e ela estava com dificuldade de dormir. Era como se aquele lugar não a quisesse lá. Não era surpresa a filha ter inventado uma amiga para aguentar.

— Você vai ter que me apresentar para ela. Quando ela vem visitar?

Mandy se levantou e revirou os olhos.

— A Betty não visita, mamãe. Ela mora aqui.

O peito de Fiona tremeu. A imaginação de Mandy era fértil. Outra coisa que ela tinha herdado do pai.

— Que prático. Você vai poder brincar com ela a qualquer hora.

— Não a qualquer hora. Só de manhã e antes de eu ir dormir.

— O que Betty faz durante o dia?

— Dorme.

Fiona expirou alto. Estava cansada demais para apreciar a criatividade de Mandy para inventar desculpas. De manhã, Mandy levou horas para se arrumar e, depois, não conseguiu fazê-la dormir. Ainda assim, a filha insistia em dormir no próprio quarto.

— Tudo bem, docinho. Vamos para a casa do Ben?

Mandy assentiu e saiu correndo, como se tivesse sido Meg quem a impediu de ir para lá. Se as coisas fossem bem, Fiona poderia terminar o jardim da frente e pintar os banheiros. Mas, depois que deixou Mandy lá, ela estava com pouca energia e precisou se deitar para se recuperar.

Sua terapeuta de luto tinha dito que ela teria que viver um dia de cada vez. Por mais que Fiona tentasse, havia dias com pouca luz, dias em que ela desejava que fosse ela e não Rob quem tivesse morrido naquele acidente.

Ainda assim, à noite, ela tinha terminado uma boa quantidade de trabalho, o suficiente para ganhar um tempo só para si. Na cidade, ela poderia ter saído, levado Mandy ao spa ou ao cinema. Mas ali o melhor que ela podia fazer era tomar seu café no sol e olhar Ben e Mandy brincando.

Mais tarde, depois de Mandy ir para a cama, Fiona ouviu um murmúrio atrás da porta da filha. As luzes estavam apagadas, mas Mandy não estava dormindo. Fiona encostou o ouvido na porta.

Mandy deu uma risadinha.

— Não seja malvada, Betty. Ela *não* fala assim.

Depois de um momento de silêncio, Mandy falou de novo.

— Ela ia ficar com medo se eu contasse. O Ben também não ia gostar.

Se não estivesse tão exausta, Fiona entraria para dar uma olhada em Mandy e ler uma história. Mas Mandy tinha dado boa noite rapidamente. Desde que Rob morreu, sua filhinha começou a se fechar. Não ia mais dormir com Fiona com tanta frequência, como se tivesse construído um mundo dela e preferisse ficar lá.

Fiona arrastou os pés pesados até o quarto. Antes de fechar os olhos, ela imaginou a casa que compraria depois que vendesse aquela. Seria uma casinha cheia de luz. A única coisa com que ela teria que se preocupar seria se lembrar de comprar leite.



O sol mudou tudo. Narcisos surgiram debaixo do céu azul, e o mato, antes descontrolado, agora era um lindo jardim. Fiona estava cuidando dos lírios e monitorando Ben e Mandy, que estavam fazendo tortas de lama.

Cuidar do jardim afastava os pensamentos sombrios. Tinha havido muito disso nas semanas anteriores. Eles tinham vindo com tudo, como se tivessem ficado escondidos o tempo todo. A casa estava quase pronta para ser mostrada. Depois que a vendesse, ela poderia voltar para a cidade ou se mudar para uma cidadezinha próxima, algum lugar que tivesse bibliotecas, spas e cafés.

Ainda assim, Fiona não queria chatear Mandy. Ela tinha se acostumado com a casa nova e provavelmente relutaria em se mudar. Quando as coisas estivessem certas e ela tivesse recebido uma proposta, ela daria a notícia.

Depois de terminar de tirar as ervas daninhas do jardim, Fiona fez limonada e pegou alguns biscoitos no pote. Ben e Mandy estavam correndo pelo jardim, mas, assim que a viram carregando um prato, Mandy gritou de alegria.

— Biscoito! — Ela esticou a mão para o prato.

— Lava a mão primeiro — disse Fiona.

— Eu vou comer o biscoito.

— Só depois de lavar a mão.

— Eu quero agora!

— Pode lavar ali. — Fiona apontou para uma torneirinha que ela usava para molhar o jardim. — Não se esquece de usar sabonete.

Enquanto via Mandy e Ben se afastarem, seus olhos pararam numa boneca que estava caída no chão. Era velha e estava toda suja. Depois que Mandy lavou as mãos, ela quis pegá-la.

— Deixa a boneca descansar um pouco — disse Fiona.

— Mas ela vai pegar um resfriado e vai ficar doente.

— A gente pode preparar um belo banho pra ela, está bem?

Isso satisfaz Mandy. Eles comeram os biscoitos e tomaram limonada. Mandy tentou pegar o último biscoito.

— Hã-hã — disse Fiona. — Nós vamos jantar daqui a pouco e já comemos demais.

— Por quê?

Mandy piscou e ficou emburrada. Outra coisa que ela tinha em comum com o pai. O peito de Fiona se apertou.

— Você já comeu muito, Mandy.

— Não é pra mim — disse Mandy. — É pra Betty.

Fiona percebeu que tinha perdido a briga e deixou Mandy pegar o último biscoito. Mas ela não o comeu. Ela o colocou no bolso.

Essa história de amiga imaginária estava saindo do controle. Se Fiona vendesse a casa até o verão, elas conseguiriam encontrar uma casa nova até o outono.

A sensação pulsante no fundo do estômago de Fiona a instigou. Ela não sabia explicar de onde tinha vindo o pensamento e nem o porquê, mas tocou o ouvido dela como um sussurro.

Até o outono talvez fosse tarde demais.



A boneca provocava arrepios em Fiona. Mandy a tinha tirado ninguém sabia de onde, insistindo que tinha sido presente da amiga Betty. Como ela tinha entrado no sótão? Talvez tivesse desenterrado a boneca no jardim. Estava imunda e tinha um fedor podre e úmido.

Depois de a esfregar com sabão, Fiona desinfetou as partes quebradas dos dedos e das pernas da boneca. O cabelo preto estava queimado nas pontas e partes tinham sido cortadas. As mãos e as pernas da boneca gemiam quando eram movidas. Mas os olhos eram o pior. Eram verdes e sinistros e se fechavam atrasados, como se a

boneca a estivesse observando.

Fiona a virou e a deixou mergulhada na água, mas ver a boneca com a cara virada para baixo incomodou Mandy. Ela disse para Fiona que a boneca não conseguia respirar e que Betty ficaria chateada se descobrisse. Maldita Betty. Naqueles dias, Mandy usava a amiga imaginária como desculpa para tudo. Principalmente se quisesse mais um pedaço de bolo ou mais um biscoito.

— A Betty gosta de biscoito — disse Mandy.

Fiona não discutiu. Ela mal tinha energia para sair da cama no momento. Se um biscoito ou um pedaço de chocolate a mais lhe desse paz, que fosse. Exceto pela amizade com Betty, Mandy era uma criança tranquila. Até demais. Tinha herdado isso de Fiona, ou pelo menos era o que ela esperava.

Os ombros de Fiona se contraíram quando ela desceu para o porão. A última coisa a fazer era tirar o lixo deixado pela dona anterior. Uma velhinha, dissera a corretora, que não tinha mais ninguém na vida. Depois de consertar o encanamento e o piso, Fiona queria economizar dinheiro. Ela mesma tiraria tudo do porão. Não podia ser difícil se livrar daquelas caixas.

O cheiro intenso de mofo a deixou enjoada. Fiona acendeu uma luz, uma única lâmpada pendurada num fio. Passou por cima do ralo enferrujado e tentou ignorar as camadas grossas de poeira.

Fiona prendeu o ar e contou as caixas. Eram dezoito, mais algumas latas velhas de tinta, pincéis e uma escada. Sua garganta se fechou. As janelas trancadas eram altas demais. Não daria para abri-las sem usar uma escada, o que não parecia muito seguro.

Fiona não tinha intenção de tocar nas coisas sem luvas de borracha. Faria uma estimativa de coisas de que se livrar, pegaria um balde e água sanitária e um montão de sacos de lixo. Teria pedido a ajuda de Meg, mas não ousava levar a amiga para aquele lugar sufocante.

Um raio de sol cortou a escuridão e fez as partículas de poeira subirem e dançarem. Uma sensação peculiar de que alguém a estava observando tomou conta de Fiona. Ela balançou a cabeça. Era besteira. A única coisa viva fora ela era o mofo. Até as aranhas penduradas nas teias eram pálidas e murchas.

Ela empurrou uma caixa com o pé. Algo se moveu e o coração de Fiona saltou. Ela correu para a escada e parou no meio do caminho.

Tudo estava imóvel. Talvez fosse só um rato. Seria melhor contratar um profissional, pedir que queimasse as coisas se necessário. Ela não podia correr o risco de ter ratos e camundongos correndo de um lado para o outro quando clientes em potencial fossem ver a casa.

Sua respiração ficou mais funda quando ela subiu a escada. Não havia nada de que ter medo, exceto os olhos invisíveis que a seguiram bem depois que ela já tinha fechado a porta.



Isso é bom, pensou Fiona enquanto esticava os pés para perto da lareira. A casa de Meg era quente e aconchegante. Os móveis eram velhos e não combinavam, mas havia uma sensação de lar e conforto, uma coisa que Fiona não sentia havia um tempo.

É o luto, disse ela para si mesma, uma mistura de substâncias químicas que seu corpo estava produzindo. Por que exatamente, Fiona não sabia dizer, mas parecia que os humores oscilantes e as explosões inesperadas de emoções eram uma tática. Se ela não soubesse o que esperar, não havia escolha além de ir em frente.

— Mais vinho?

Meg não esperou a resposta de Fiona para completar a taça. O Cabernet estava com gosto suave e pesado e envolvia a mente de Fiona nos lugares certos.

— Não, *eu* sou o pirata com tapa-olho! — gritou Mandy no quarto de Ben.

Fiona estava se inclinando para a frente para botar a taça na mesa quando Meg a fez parar.

— Relaxa — disse Meg. — Debbie vai cuidar disso. Ela é uma ótima babá.

Fiona expirou e se encostou. Onde o tempo tinha ido parar? O verão estava quase acabando e ela não tinha terminado a reforma. O vazamento no telhado não estava consertado; ela teria que trocar as telhas quebradas. A semana anterior pareceu um mês, e as exigências cada vez maiores de Mandy não ajudavam.

Pelo menos ela tinha parado de arrastar aquela boneca horrenda para lá e para cá. Fiona a tinha subornado com uma xícara de chocolate quente e alguns biscoitos, que Mandy alegou serem para Betty.

— Você parece cansada. — Meg encolheu as pernas.

— É a minha noite de folga — disse Fiona. — Normalmente eu estou na cama às nove.

— Um brinde. — Meg ergueu a taça. — A gente devia sair de verdade qualquer noite dessas.

— Pra onde? Acho que a gente podia botar a mesa no pomar.

Meg riu.

— Não, eu estou falando da cidade. Minha amiga vai dar uma festinha na sexta.

— Não sei — disse Fiona. — Eu não ia querer voltar dirigindo no meio da noite e...

— A gente pode dormir no quarto de hóspedes dela. Deve ter mais gente que vai ficar, mas eles são legais. O que você acha?

Fiona girou o vinho no copo.

— E a Mandy?

Meg arqueou uma sobrancelha e sorriu.

— A gente pode pedir pra Debbie. Ela não se importaria. Ela vai ficar de babá do Ben mesmo.

— Então você vai mesmo?

— Eu preciso. Pensa bem. Há quanto tempo você não sai só com adultos?

Tempo demais para lembrar, pensou Fiona. Ela tomou outro gole.

— Não é tão fácil.

— Você quase não sai de casa desde que se mudou. No mínimo, tem...

Meg fez uma pausa, como se tivesse mudado de ideia.

— Tem alguma coisa errada com a casa, não tem? — perguntou Fiona.

Meg desviou o olhar. Talvez ela não quisesse falar da casa, mas o ar já estava maculado, a atmosfera agradável, destruída.

Elas tomaram um gole generoso do Cabernet.

— Sempre tem alguma coisa errada com uma casa velha como a sua.

— Você não está falando de canos rachados e telhado ruim, né?

Meg contraiu a mandíbula; desviou o olhar. Também houve uma leve mudança no tom.

— Por quê? Aconteceu alguma coisa? — perguntou Meg.

— Não sei. É um lugar estranho. Às vezes, eu sinto...

Ela olhou para Meg e fez uma pausa. Podia dizer que sentia como se estivesse sendo observada? Por quem? Não havia ninguém em volta por quilômetros. Ela não queria dar a entender que Meg a estava espionando.

— Sente o quê? — perguntou Meg.

Fiona suspirou e tomou mais vinho.

— Solidão.

Ela nem estava mentindo.

— Mais motivo para sair e se divertir um pouco, né? Pelo menos pensa na ideia.

— Tudo bem.

— Promete?

Fiona ergueu o copo.

— Precisamos de mais.

Quando Meg foi pegar a garrafa, Fiona pensou no cara que tinha contratado para esvaziar o porão. Ele tinha chegado assobiando, tomou café com ela e contou sobre seus filhos gêmeos e o cachorrinho novo. Depois que terminou, ele mal parou para se despedir. Estava com as bochechas desprovidas de cor e os olhos ausentes.

— Quem morava lá antes de mim? — perguntou Fiona.

Meg apertou os lábios enquanto enchia a taça dela.

— Wendy. Ela era dançarina de jazz e não sei mais o quê, mas teve umas lesões e precisou parar.

— Quantos anos ela tinha?

Meg se sentou.

— Era só um pouco mais nova do que a casa. Setenta e dois, eu acho.

— Aposto que a casa não ajudou com a saúde dela. É fria e úmida.

— Wendy não se importava.

Meg queria dizer mais, mas elas ouviram Ben e Mandy gritarem. Não demoraria para eles as chamarem para ver o que eles tinham feito. Se Fiona quisesse saber sobre a casa, ela teria que perguntar agora.

— Mandy encontrou uma boneca. Deve ter sido da Wendy. Ela não tinha filhos, tinha?

— Não, mas tinha uma irmã gêmea. Elizabeth.

— Que não está mais viva, imagino?

— A pobrezinha morreu quando elas eram pequenas. Uma história

tão triste.

Uma gota de suor desceu pelas costas de Fiona como uma ponta de dedo gelada.

— O que houve?

— Wendy não tinha certeza. Elas estavam correndo e ela achou que tinha ouvido a mãe chamar pra comer biscoito. Betty desceu a escada correndo, caiu e quebrou o pescoço. Ela só tinha sete anos, a pobrezinha.

Fiona engoliu em seco. No outro aposento, Ben e Mandy bateram palmas.

— Mamãe! Vem ver! — disse Ben.

— A gente encontrou um tesouro — disse Mandy.

Meg botou a taça de vinho na mesa.

— Uma coisa estranha — disse Fiona, segurando a taça. — Mandy tem pedido biscoitos ultimamente. Diz que são pra Betty.

Meg abriu a boca, mas voltou a fechá-la. Ben e Mandy correram para a sala segurando várias peças de Lego juntas.

— O que quer que ela peça, não diga não — disse Meg.



Fiona largou a pá. Tinha borrifado as plantas com inseticida. Ainda assim, a praga persistia. Seus lírios tinham sido comidos por ácaros e as outras folhas estavam cheias de filhotes. A praga tinha se espalhado por todo o jardim, e ela não tinha energia para resolver.

Sua camiseta estava encharcada de suor e o chapéu não estava ajudando muito no sol escaldante. O local não era o paraíso agradável que ela tinha imaginado. Era seco, insuportavelmente quente, e o solo era pobre demais para plantar legumes e verduras.

Ela olhou a hora. Meg logo levaria as crianças, e ela não tinha terminado o trabalho. Fiona limpou o suor da testa, arrancou as flores e as colocou em um saco de lixo. Alguns arbustos tinham sobrevivido, então o jardim continuaria lindo. Quando foi levar o saco para a lata de lixo, ela viu uma coisa clara e redonda caída na grama. Um prato de papel, no fim das contas, com alguns biscoitos de chocolate.

Estava cheio de formigas. Fiona jogou o prato e os biscoitos no lixo. Quem teria deixado comida ali e por quê? Nunca era uma boa ideia atrair insetos. O local era lotado de bichos, e ela preferia que

eles ficassem do lado de fora.

Teria sido algum andarilho? Fiona teria reparado em alguém que não fosse Meg, Mandy ou Ben. Quando foi levar o lixo para a lixeira, Fiona pensou no motivo de os biscoitos terem sido deixados na parte de trás da casa. Talvez não quisessem que fossem encontrados? A única outra pessoa que poderia ter deixado o prato era Meg, mas por que ela faria isso?

Quando voltou para o jardim, viu Meg se aproximando com as crianças, carregando uma bolsa.

— Oi — disse Fiona, e a abraçou.

— Obrigada, sua linda. Você é demais.

— Não é nada. Quanto tempo você vai demorar?

— Eu devo voltar pouco depois do jantar.

— Tudo bem. Espero que você consiga resolver tudo.

Meg abriu um sorriso cansado.

— Ele sempre faz isso. Invade a minha vida, causa uma confusão e some.

— São as coisas dele? — perguntou Fiona.

— O que restou. Depois disso... — Meg deu de ombros.

— Se cuida.

Fiona apertou o ombro de Meg. Não tinha nenhum conselho para dar sobre homens. Por mais que quisesse perguntar a Meg sobre os biscoitos, aquela não era a hora certa. Meg olhou o relógio.

— Certo. O que eu estou esquecendo?

— Nós vamos ficar bem — disse Fiona. — Verde e vermelho para o Ben?

— Qualquer coisa se você botar em um sanduíche tostado — disse Meg antes de seguir pela rua.



À noite, os membros de Fiona pareciam chumbo. Ela tinha deixado de lado a ideia inicial de fazer macarrão. Ben e Mandy pareciam felizes brincando com o coelhinho. Ben até pegou a boneca sinistra algumas vezes e tentou deixá-la bonita.

Fiona fez queijo-quente e botou na sanduicheira. Cortou alguns tomates de Meg e os serviu num prato. Ben pegou um pedaço.

— Primeiro, nós lavamos as mãos.

Fiona levou as crianças ao banheiro. Quando eles voltaram, Ben atacou a comida. Mas não Mandy.

— O que foi, docinho? Você sempre gostou de queijo-quente.

— A Betty quer bife — disse Mandy.

— Sei que a Betty pode fazer o bife dela — disse Fiona.

— A Betty não cozinha — disse Mandy. — Ela não sabe.

— Então tá.

Fiona mordeu seu sanduíche na expectativa de isso encerrar a discussão sobre Betty.

— Não seja grosseira, mamãe. A Betty quer comer com a gente.

— Eu achei que a Betty só comia biscoitos e aparecia quando você ia dormir.

— Ela sente mais fome agora — disse Mandy.

— Come sua comida, Amanda.

Mandy cruzou os braços.

— Eu não vou comer se você não fizer alguma coisa pra Betty.

Fiona encolheu os dedos dos pés. Jogaria a boneca fora logo de manhã cedo. Sem a boneca, sua filha esqueceria Betty e todas as exigências ridículas.

— A gente não tem bife — disse Fiona.

Mandy balançou a cabeça.

— Você não pode deixar a Betty com fome!

— Ela pode comer um pedaço de tomate. Que tal?

— A Betty não gosta de vegetais.

— Ah, que pena. Come sua comida porque depois só vai ter o café da manhã.

— Mas, mas...

— Nada de mas, nada de se. Agora, coma sua comida.



Quando Fiona foi botá-la na cama, Mandy fingiu estar dormindo. A garota guardava ressentimento igual ao pai. Os cílios dela tremeram quando Fiona deu um beijo na bochecha dela.

— Boa noite, docinho.

Mandy não respondeu.

Fiona sentiu vontade de se deitar com a filha, de sentir o calor do peito dela subindo e descendo, mas precisava demais se deitar na

cama e tomar o restinho de vinho para ajudá-la a pegar no sono.

Uma hora depois, ela estava deitada, a porta entreaberta para ela poder ouvir Mandy caso ela acordasse. As pálpebras estavam pesadas, mas o sono não vinha. As sombras das árvores no jardim se moviam com o sopro do vento. Lembravam mãos compridas se esticando.

Em pouco tempo, sua mente começou a desligar. Ela estava quase mergulhando em sonhos quando a luz no corredor mudou. Uma sombra na porta tinha o formato de uma pessoa. Não de uma pessoa, de uma criança.

— Mandy? — perguntou Fiona.

A sombra chegou mais perto. Quando Fiona piscou, ela viu uma garotinha de vestido verde. Era pálida. O pescoço estava inclinado para o lado. Seus olhos brilhavam.

Fiona tentou gritar, mas foi impossível. Ela estava com dificuldade de respirar. A garota colocou a mão na cama e abriu a boca. Com todos aqueles dentinhos, parecia a bocarra de um tubarão. A escuridão no meio se expandiu. Fiona não fechou os olhos, mas tudo que ela viu era da mesma cor. Preto.



A receita

Minha mãe coloca um prato cheio de tortinhas na mesa. Mesmo com sessenta anos, ela fez os doces tradicionais de Natal. Os biscoitos de limão que derretem na boca, os rolinhos de canela e o bolo fofinho, uma nuvem deliciosa de felicidade. Tem também pão de Natal.

— Seu favorito, com amêndoa e figo seco — diz ela.

Era, até o meu médico me mandar parar, mas não tenho coragem de dizer para ela, então pego um pedaço e mergulho no chá. Algumas migalhas se soltam e afundam, espalhando açúcar de confeitiro na toalha.

— Amanhã, vou fazer crumble de laranja. Receita nova — diz minha mãe. Ela está pedindo desculpas por não fazer o suficiente? Ela sabe que alguns dos meus amigos ficaram no campus e que eu também pensei em ficar, mas não consegui. Apesar de tudo que aconteceu, pensar na minha mãe sozinha com as comidas de Natal é demais para mim.

— Está bem, mãe.

O amor dela sempre veio por meio da comida. Ela cozinhava quando estava feliz. Quando não estava, também dava para saber pelo gosto. Meu pai sempre comia um biscoito com o café, ou só tomava café se ela estivesse chateada com ele. E havia a torta de damasco. A favorita do meu pai. Minha mãe fazia no aniversário dele ou para animá-lo.

Eu examino a toalha de mesa vermelha com os desenhos de flocos de neve dourados. Quase não dá para ver embaixo de todos os pratos e travessas. O número de biscoitos continua o mesmo de quando ainda éramos quatro.

Meus olhos escapam para o lugar vazio do outro lado da mesa. Na frente dele há um pratinho com um único biscoito amanteigado em formato de coração. A sensação amarga na minha boca se expande. Pego outro pedaço de pão para encobri-la. Por mais que eu tente não pensar em Sally, ver o biscoito favorito dela me leva por esse

caminho. Foi a morte dela que mudou tudo.



Minha mãe parou na frente da porta de Sally de avental, as mãos unidas.

— Mas você ama macarrão com queijo! — disse minha mãe.

— Eu não estou com fome! — disse Sally.

O cartaz de “NÃO ENTRE” parecia nos olhar e debochar de nós.

Os passos pesados do meu pai ecoaram no corredor. Eu me escondi atrás da minha mãe quando a música por trás da porta de Sally ficou mais alta.

— Ela não quer dizer qual é o problema — disse minha mãe, a voz trêmula pelas lágrimas.

— Abre a porta, Sally! Isso não é jeito de falar com a sua mãe. E abaixa isso. Você está assustando sua irmãzinha.

— Se chama industrial — gritou Sally. Quando o volume da música ficou insuportável, o desespero ficou evidente no rosto da minha mãe.

— Ela já não almoçou — disse minha mãe.

A veia no pescoço do meu pai saltou, como fazia quando estávamos atrasados e o carro não ligava. Ele bateu à porta várias vezes com a palma da mão, em sucessão rápida.

— Já chega, Sally. Ou você sai ou eu vou tirar o trinco da sua porta.

Depois de alguns momentos, a música foi diminuída, e a porta foi aberta. Sally saiu de calça jeans skinny, maquiagem escura e a camiseta preta desbotada com uma caveira enorme. O tecido esgarçado pendia dos membros finos e pálidos.

Ela ficou emburrada na mesa enquanto nós comíamos e empurrou o macarrão pelo prato, como se fosse um competidor numa corrida.

— Você só vai sair quando comer alguma coisa — observou meu pai.

— Eu também fiz biscoitos — disse minha mãe.

— Ela pode comer os biscoitos *depois* de jantar — afirmou meu pai.

A primeira garfada do macarrão com queijo da minha mãe arrancou a cara amarrada de Sally. No fim, ela sempre raspava o prato e desaparecia no quarto com uma cumbuca cheia dos biscoitos da

minha mãe.

— Você acha que ela vai ficar bem? — minha mãe perguntou ao meu pai.

— É coisa de adolescente — disse meu pai. — Ela vai sair dessa.

Eu só tinha sete anos e achava que “coisa de adolescente” era um vírus e que Sally só precisava de chá e descanso.

Se eu soubesse, as coisas teriam sido diferentes?



— Você acha que vai nevar na véspera de Ano-Novo? — pergunta minha mãe.

No sofá, Bola de Neve ergue as orelhas. Ele era um filhotinho quando a minha mãe o encontrou, uma bolinha de pelo branco que miava e a seguia para todo lado. Agora, Bola de Neve está tão grande que, quando se estica no sofá, quase não sobra espaço para mais ninguém.

— Ele gosta de ir lá pra fora, mas está frio demais pra ele agora — diz minha mãe.

Ela dá um beijo na cabeça do Bola de Neve e ele encosta a cabeça peluda nela antes de voltar para a posição no trono do sofá.

— Ele não parece tão a fim de sair — digo.

Eu tomo outro gole de chá. As migalhas do bolo dançam no fundo da minha xícara. Eu a mexo e as vejo girarem.

— Você vai aos fogos de artifício? — pergunto, mas me arrependo na mesma hora.

Era o papai que gostava de ir, mas ele não está mais entre nós. Um nó no meu estômago se aperta. Tento desfazê-lo com mais chá.

— Acho que não. Está muito frio — diz minha mãe.

Ela se levanta e começa a mexer no armário.

— Eu fiz geleia pra você. Você ainda gosta de mirtilo, né?

— Obrigada, mãe. Não precisava.

Os braços finos me envolvem e me abraçam por alguns momentos, mesmo depois que eu a solto. Ela perdeu peso. Os anos anteriores não podem ter sido fáceis para ela. Primeiro Sally, depois meu pai. Nós nunca falamos sobre o meu pai.



Sally parou no meio da sala com os braços cruzados e o rosto vermelho.

— Mas minha garganta está doendo — disse ela.

— O ar fresco vai te fazer bem, querida — disse minha mãe. — Lembra o que o médico disse.

— Eu nem terminei meus mônios!

Mônios era como Sally chamava seus desenhos de dragões, criaturas deformadas e monstros míticos.

— Leva com você. Não existe lei que proíba desenhar nas montanhas — disse meu pai.

Sally olhou para a minha mãe como se esperasse que ela dissesse alguma coisa, pegou o bloco de desenho e os lápis e os enfiou na mochila.

— Eu fiz sanduíches de atum com maionese — disse minha mãe.

Uma pontada de inveja apertou meu peito quando vi meu pai botar roupas na mala e pegar uma garrafa térmica de chá fresco.

— Calça as botas de trilha — disse minha mãe para Sally.

— Eu também quero ir. Por que eu não posso ir, mamãe? — perguntei.

— Você vai quando for um pouco maior, Daphne — disse minha mãe.

— Tem pedras grandes lá, bonequinha. Você não vai querer se machucar. Além do mais, alguém tem que ficar em casa e cuidar da mamãe — disse meu pai.

Ele piscou para mim e eles foram embora. Eu senti tanta inveja de Sally nessa ocasião. Parece absurdo agora que sei a verdade.



Por alguns momentos, minha mãe para a exploração do armário e se vira para mim.

— Talvez você tenha acabado com ela — digo.

Ela balança a cabeça. Seu olhar para na cadeira vazia com o biscoito em forma de coração e seu rosto é tomado por uma sombra que desperta uma fome vazia que ameaça engolir nós duas.

É difícil não pensar em Sally. Muitas vezes eu quis perguntar à minha mãe se ela guardava algum dos mônios ou se tinha se livrado deles, como se livrou das coisas do meu pai. Na nossa casa, as

lembranças estão grudadas nos objetos como roupa gruda em pele molhada. Não culpo a minha mãe por não querer desabar sob o peso.

— Mãe?

— O quê, meu amor?

O silêncio se fecha sobre mim de novo. É frio e duro, como uma armadura que não dá para tirar. Eu já me acostumei com ele. Se tentasse quebrá-lo, minha mãe e eu não conseguiríamos mais andar em volta do abismo entre nós.

— Você faz os melhores biscoitos.

Pego outro e o deixo descansar na boca. O aroma doce de manteiga traz Sally de volta. Quando ela morreu, eu só tinha nove anos. Durante semanas, eu ficava me sentando na frente do quarto dela, pensando que ela ia sair e me pedir para olhar os mônios dela.

A primeira vez que Sally me deixou entrar no quarto dela foi como ser convidada para entrar em um reino mágico.



Nas raras ocasiões em que minha mãe e meu pai estavam fora, o odor de cigarro permeava o corredor. Quando Sally abria a porta, a fumaça escapava pelo ar.

— Quer conhecer meus mônios novos? — perguntou ela.

O quarto dela parecia uma câmara secreta. Eu só tinha visto pedacinhos antes, e, quando ela abriu a porta, eu entrei em outro mundo.

No quarto de Sally não havia paredes pêssego com adesivos de fadas, como no meu. Ela tinha tirado o papel de parede e coberto tudo de pôsteres e desenhos. Um candelabro de metal jogava sombras na cortina roxa.

Irradiando orgulho, Sally abriu o bloco de desenho. Um dragão verde com olhos vermelhos me encarou.

— Pode tocar nele.

— Dá medo.

— Ele só parece dar medo. Aqui, vou te mostrar.

Ela passou os dedos na cabeça do dragão e desceu até as primeiras chamas que saíam da boca.

— Está vendo? É um dragão amigo.

— Mas ele cospe fogo.

— Isso é porque ele precisa se proteger e proteger os amigos.

Eu segurei a mão de Sally e deixei que ela guiasse meus dedos na direção do papel. A superfície era mais lisa do que parecia, e a sensação foi agradável debaixo dos meus dedos.

— Você gostaria de ter um amigo dragão? Ele poderia te proteger também.

Minha mão pairou sobre a cauda do dragão. Por um momento, eu quis acreditar que os mônios da Sally poderiam ajudar a me proteger.

— Se você for amiga dele, pode visitá-lo pra ele não ficar solitário — disse Sally.

— Os dragões ficam solitários? — perguntei.

— Às vezes, sim.

Sally virou a página do bloco e me mostrou um monstro roxo e amarelo. Tinha três pés e uma cauda amarela comprida que ficava verde e vermelha na ponta.

— Este pode fazer veneno com um movimento da cauda — disse Sally.

— Não acredito!

— É verdade.

Puxei a mão do papel, o que fez Sally rir. Ela acendeu um cigarro e deixou a fumaça sair pela lateral da boca.

— Ele não vai te machucar, boba.

— Você disse que ele tem veneno.

— Muitas coisas têm veneno. Tipo isto. — Ela bateu o cigarro. — Algumas plantas e animais também.

— Eu não gosto de veneno.

— Os dragões também não gostam, mas a cauda dele faz mesmo assim, pra ele poder se defender.

— Ninguém pode simplesmente fazer veneno.

— Pode, sim.

Eu balancei a cabeça. Sally passou o braço em volta de mim. Naquele momento, pareceu que a gente poderia enfrentar o mundo, só Sally e eu. Se nós tivéssemos conversado mais, será que ela teria dito alguma coisa?



Foi o meu pai quem encontrou Sally pendurada em uma corda

amarrada no candelabro no quarto dela. Quando minha mãe e eu voltamos da caminhada, a ambulância já tinha a colocado na cama. Ela só tinha dezesseis anos. Eu me lembro do pijama listrado, do cabelo comprido cor de mel preso atrás, os lábios escuros. Os olhos verdes estavam saltados, como os dos peixes que meu pai trazia às vezes do mercado.

Que momento estranho para decidir acabar com a vida. Logo cedo, depois de acordar. Só um ano depois foi que me dei conta de que Sally não devia ter dormido naquela noite. Como poderia?

Meu pai encontrou o jeito dele de lidar com a morte de Sally. Ele recolheu todas as cordas que encontrou em casa e fez uma fogueira. Cordinhas de casacos de moletom, cabos velhos, fitas de presente, até a lã de tricô da minha mãe. A minha mãe só olhou as chamas lambendo a pira como se pudessem trazer minha irmã de volta.

Minha mãe parou de comer nessa época, como se ela também tivesse decidido que era hora de ir. Todas as noites, eu me deitava na cama com ela e passava o braço pela cintura dela. Eu tinha medo de que, se soltasse, ela desapareceria, como tinha acontecido com Sally. Ela levou mais de três semanas para comer uma refeição completa, um frango queimado com batatas no forno que meu pai tinha feito.

— Você é uma menina grande agora, Daphne — disse meu pai. — Por que não deixa a mamãe descansar?

Ter que dormir sozinha no meu quarto pareceu uma punição na época, mas a minha mãe melhorou. Em pouco tempo, o aroma de açúcar e temperos trouxe vida de volta à nossa casa. Novamente, havia torta de limão e arroz doce, mas não haveria mais biscoito amanteigado.

Aos domingos, a minha mãe fazia torta de damasco.

— Não é meu aniversário, é? — perguntava meu pai enquanto comia.

Minha mãe sorria, dava um beijo na bochecha dele e botava outra fatia grande no prato. Ele gemia de prazer enquanto comia. Na época, eu achava que o pior tinha ficado para trás. Que, enquanto nós estivéssemos juntos, tudo ficaria bem. Eu não tinha ideia de que a morte de Sally não era o fim das coisas ruins. Era o começo.

Uma movimentação no sofá me traz de volta. Bola de Neve boceja. Por um breve momento, a carinha peluda fofa se estica e se distorce. Ele estica as patas compridas para a frente antes de se encolher em uma bolinha. Eu poderia fazer o mesmo, me esconder por um tempinho. Mas pego mais um pedaço de pão de Natal para alimentar as sombras. Elas só se afastaram quando meu pai morreu, mas nunca desapareceram.

A morte dele também foi inesperada. Ele caiu duro depois de almoçar, do nada. Ataque cardíaco, disseram. Minha mãe limpou obsessivamente a casa por uma semana inteira, mas não emitiu uma palavra. Quando nós voltamos para casa depois do enterro, ela apertou a minha mão com tanta força que a dor subiu até os olhos. Eu quis contar naquele momento. Cheguei bem perto de contar tudo, mas, quando abri a boca, nada saiu. Mesmo agora, na minha mente, as palavras resistem a surgir.

Eu afundo na armadura e deixo que o crocante das amêndoas na minha boca mascarem meus pensamentos soltos. A única forma de acabar com isso é rompendo o silêncio. Eu preciso segurar a mão da minha mãe e levá-la para a beira do nosso abismo para olhar o que tem lá dentro. Mas a minha mãe é tudo que eu tenho. Além do mais, que diferença faria? Sally morreu e o meu pai também.

Minha mãe deixa o armário fechar com um estrondo. Eu tremo.

— Lembrei — diz ela. — Está no porão.

— Mãe, está tudo bem. Não precisa...

Antes que eu possa terminar a frase, ela já sumiu. Alguns minutos depois, ela volta com uma caixinha cheia de potes.

— Pegue quantos quiser, meu amor.

— Você anotou a receita? — pergunto.

Ela coça a cabeça.

— Anotei! Mas onde está?

É a mesma coisa todos os anos.

Eu pego quatro potes cheios de geleia azul-escura e admiro a caligrafia no rótulo. É caprichada e curva, sem nem uma linha fora do lugar, como se tivesse sido impressa. Minha mãe procura em pilhas de papel, o cabelo grisalho desgrenhado e espalhado, o corpo inquieto.

— Tudo bem, mãe. Só se sente um pouco, que tal?

— Deve estar em algum lugar.

— Eu posso copiar do seu caderno.

Ela arregala os olhos quando olha para o caderno verde surrado na prateleira. E coça a bochecha.

— Não sei se está nesse.

— Mãe. Você sempre só teve esse — digo.

Ela treme quando eu me levanto e coloca a mão ossuda na minha. Tem alguma coisa nos olhos dela que faz com que eu queira abraçá-la, mas só fico ali parada.

— Não se preocupe, mãe. Eu não vou estragar nada.

Eu beijo a mão dela e pego o caderno. Quando o abro, o braço da minha mãe se sacode e derruba minha xícara da mesa. O líquido deixa uma mancha escura na toalha e começa a escorrer. Quando o limpo com uma toalha de papel, bato com o pé no sofá. Bola de Neve me olha com irritação.

A escrita no caderno está um pouco apagada, mas é difícil não ver as voltas perfeitas em volta dos Ls e os As e Es lindamente curvos.

— Eu queria saber escrever como você, mãe.

Ela ri com nervosismo e se inclina para a frente para ver o que estou olhando. Eu encontro a receita. Geleia de damasco.

— Pronto. Acho que deve funcionar pra mirtilo também — digo, e começo a copiá-la em um pedaço de papel.

Pensar em damascos contrai meu estômago. A lembrança dos gemidos do meu pai enquanto enchia a cara de torta é demais para aguentar. Ele nunca dizia não quando a minha mãe oferecia outra fatia e a devorava como se fosse o último pedaço de torta na face da Terra.

A mania de damasco da minha mãe não ajudou. Eu tinha doze anos quando, por uns três meses, nós comemos tudo de damasco. Torta, bolo, geleia e até molho. Todos os dias de manhã, um pedaço de torta aguardava meu pai ao lado do café. Eu continuo não suportando o cheiro e o gosto de damasco. Eu achava que, depois de tantas semanas, meu pai também ficaria cansado. Mas nunca aconteceu.

Minha mãe só parou depois que ele morreu. Fiquei aliviada, e não só porque não precisava mais comer, ver e sentir cheiro de damasco.

Durante as semanas depois da morte do meu pai, eu fiquei deitada na cama olhando para a porta, esperando uma libertação que nunca veio. A maçaneta não girou. Não me acordou, e eu não precisei sentir o cheiro do suor do meu pai na minha pele. Fui inocente de achar que

estaria livre, que conseguiria esquecer o que ele fez comigo, o que fez com Sally.

Nada podia levar a vergonha embora. Nem ficar debaixo do chuveiro quente até a pele dos meus dedos ficar branca e enrugada. Eu me sentei no chão do banheiro, abraçando os joelhos e deixando a água bater na pele. Nenhuma quantidade de água conseguia fazer com que eu me sentisse limpa o suficiente e levar embora o gosto horrível na minha boca.

Nosso segredinho, meu pai chamava, como se fosse um vaso quebrado. Ele dizia que ninguém acreditaria em mim. Eu acreditava nele. Uma parte de mim ainda acredita.

A minha mãe bota a mão dela na minha. Será que sente o incômodo? Ela me olha e eu acho que vai dizer alguma coisa, mas ela só aperta os lábios. Seus olhos brilham com lágrimas.

— Está tudo bem?

— Só está meio frio.

Ela sempre cuidou de tudo. Eu esqueço que ela também precisa de ajuda.

— Vou fazer um chá — ofereço.

— Você é um amor.

Ela pega o caderno verde na mesa e enfia embaixo do braço.

— Os filmes de Natal já vão começar — diz ela. — Quer ver?

— Pode ir na frente. Eu vou quando o chá estiver pronto.

Ela sai. Quando estou prestes a botar a água para ferver, vejo um pedacinho de papel antiaderente no chão. Está bem dobrado, como um pedaço de chiclete enrolado para não grudar no cinzeiro.

Quero jogar fora, mas, quando pego, vejo que tem alguma coisa escrita nele. Eu o abro. Lá estão de novo, as curvas e linha perfeitas. Levo um instante para entender o que estou olhando.

— Está começando! — grita minha mãe da sala, tentando falar mais alto do que o barulho da televisão.

— Já vou — digo, e estico o pedaço de papel na mão. Meu coração dispara quando leio as linhas mais uma vez.

160 carochos de damasco



— Viu? Eu falei que é possível — disse Sally, e bateu com o dedo em

um recorte de jornal no caderno de desenho. Eu me inclinei para perto e tentei ler. Minha língua quase desmontou quando li em voz alta a palavra impressa em letras grandes e gordas.

— Ci-a-nu-re-to.

— Foi acidente, mas agora você vê que eu não estava mentindo.

— Como assim, acidente? — perguntei.

— Eles comeram partes que não deviam ter comido — disse Sally.

— Frutas não são venenosas.

— Algumas partes são, como o miolo da maçã e o caroço do damasco.

— Eu posso morrer se comer?

Sally riu.

— Não, boba. Você teria que comer dezenas, e o gosto não é tão bom.

Achei a ideia toda ridícula. Mesmo que desse para fazer cianureto, por que alguém faria isso? Além do mais, para que serviriam tantos damascos?



Dobro o papel antiaderente e o guardo no bolso. Semana que vem, meus amigos vão fazer uma fogueira. Sempre é bom ter mais papel para ajudar o fogo a pegar.

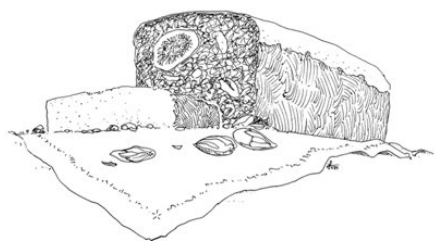
Eu afasto o gosto salgado de lágrimas. Talvez aquele abismo fosse uma boia o tempo todo.

— Está começando! — diz minha mãe e ri.

— Estou indo!

Dou a ela uma xícara de chá e um beijo na bochecha. Ela me abraça. Desta vez, eu não a solto.

Esta história entrou no concurso de contos Fish Publishing de 2018/2019.



Passa o ketchup

Hanneke olhou o telefone, mas ainda não havia nenhuma mensagem da mãe. Ela não tinha respondido à sua, perguntando “Ei, viu meu vídeo novo?”, nem respondido o e-mail com os links de todos os vloggers falando de como o trabalho dela era inspirador.

Na mesa à frente, uma fatia de bolo de abacate e coco esperava pacientemente. Hanneke reposicionou o pano de prato rústico e a colher de cobre ao lado do prato, subiu em uma cadeira e polvilhou algumas flores roxas sobre o arranjo. Em seguida, moveu algumas flores e começou a tirar fotos.

O bolo estava firme o suficiente para aguentar a sessão de fotos, diferentemente do de manga e castanha, que virou uma gosma amarela e marrom. Depois que tinha tirado fotos de todos os ângulos possíveis, ela as verificou no celular. Não ia querer perder um detalhe importante. Seus fãs amavam tudo que ela publicava, mas, ultimamente, tinha recebido alguns comentários ferinos.

“Esse bolo é limpo? Parece que você usou farinha branca E creme TAMBÉM, hahaha.”

“O prato está desfocado.”

“É IDÊNTICO ao suco detox da WV, mas com decoração.”

Era verdade que suas receitas não eram tão diferentes das receitas da Wendy Vegana, mas eram dela. Se seus fãs soubessem como é difícil elaborar uma coisa completamente original, uma coisa que mais ninguém fez, e fazer com que seja deliciosa.

Hanneke pareou o teclado bluetooth com o celular e digitou: Esse fabuloso bolo de coco e abacate é prova de que comer de um jeito limpo serve também pra quem é formiguinha. Só tem cinco ingredientes. Clique na minha bio para ver a receita completa. #boacomida #dietalimpa #vidalimpa #semglúten #veganismo #vidasaudável #vidaautêntica #Hannana

Um momento depois que ela publicou a foto, seu telefone começou a apitar. Dezenas de likes chegaram. Embora sua mãe não tivesse

curtido as últimas fotos, Hanneke esperava que ela ao menos as tivesse visto.

Hanneke fez chá de ervas e, pela primeira vez naquela manhã, se sentou para comer. O primeiro pedaço foi meio decepcionante. Ela esperava que o acréscimo de castanhas-de-caju deixasse o gosto do bolo melhor, mas o gosto principal ainda era de abacate.

Depois da terceira colherada, Hanneke jogou o bolo no lixo e abriu o armário para procurar outra coisa para comer. Não havia quase nada de comida. Ela não tinha feito as compras da semana, mas também não estava com vontade de fazer. Nos últimos três dias ela tinha acordado com um desejo inexplicável de cereal com gotas de chocolate encharcado de mel. Em seus sonhos aparecia bolo de chocolate com chantili com frequência, mas não tanto quanto pizza com anchova ainda estalando por ter acabado de sair do forno.

Hanneke olhou seu reflexo num espelho. Ela estava em melhor forma do que nunca. Sua pele estava firme, e os músculos, tonalizados. Seus fãs diziam que ela estava reluzente. Ela não podia discordar. A única coisa que faltava era a sensação quente e gostosa na barriga, como se ela tivesse sido abraçada por dentro.

Não pensa nisso.

A ideia já estava lá, agarrada aos pensamentos. Só havia uma coisa a fazer. Hanneke correu até a mesa e pegou seu esmagador de desejos, uma pasta com fotos selecionadas da vida antiga. Ela abriu a que mais odiava porque seu rosto estava quase irreconhecível e coberto de camadas adicionais de pele e gordura.

Você quer voltar pra isso?

Ela está sorrindo para a câmera, alheia aos pedaços de pesto de azeitona presos entre os dentes. Na sua frente, há um prato com uma fatia grande de pizza. O olhar de Hanneke foi da pizza para a papada, para os dentes sujos de azeitona, para a mancha de ketchup no vestido amarelo e de volta para a pizza. Sua mãe não tinha dito alguma coisa antes de tirar a foto? Pelo menos naquela época sua mãe ainda ia aos seus aniversários.

O cabelo de Hanneke na foto estava um horror, mas seus olhos estavam estranhamente vibrantes, como um par de pérolas escuras. Depois de fechar o computador, ela pulou no elíptico. Um exercício físico a ajudaria a tirar a pizza da cabeça. Quando ela começou a malhar, novos likes foram entrando. Pelo menos, seus fãs se

importavam. O que sua mãe estava fazendo, afinal? Ela não podia estar *tão* ocupada.

Os pensamentos de Hanneke foram na direção do freezer de delícias congeladas do mercado próximo. Ela não ia lá havia anos, mas ainda conseguia se lembrar da maioria das coisas com clareza incrível. Havia sorvete, batata frita e hambúrguer congelado, e bolos de sorvete e pizza.

Só uma fatia com queijo duplo e anchova.

O pensamento se infiltrou na mente de Hanneke. Quem poderia ajudá-la? Não Irma, com certeza. Ela amava a Hannana antes de ela virar vegana. Agora, não parava de glorificar a Wendy Vegana, a principal rival de Hanneke. E, se isso não fosse suficiente, Wendy era inteligente, bonita e mais popular do que todo mundo.

Não, Irma não a ajudaria, nem Quintain. Ele ficou muito entusiasmado com a comida de Hanneke quando a comida limpa ainda era novidade para ele e ele gostava de puxar o saco de influenciadores. Mas ele estava distante, ignorando suas postagens e mensagens, como a mãe. São sempre os mais quietos que enfiam uma faca entre as costelas.

Até uma margherita serviria.

Não havia como Hanneke comer uma fatia de pizza ou de qualquer outra coisa que não fosse limpa. Era questão de dias até seus fãs ouvirem os boatos. Depois do que aconteceu ao Paul Ervas, ela sabia como eles podiam ser implacáveis.

Mas, se ela pudesse enfiar os dentes na borda, ainda quente e tomada daquele aroma intoxicante de molho de tomate e queijo...

Hanneke fechou os olhos e se imaginou segurando uma fatia com a massa queimada do forno. Quando mordesse, o queijo se esticaria como chiclete e encheria sua boca com o gosto único de tomate, orégano e azeite, um êxtase na língua.

A imagem foi tão vívida na sua cabeça que ela quase conseguia sentir o cheiro dos tomates e lambar o sal das anchovas. A saliva se acumulou no fundo da garganta dela.

Ninguém vai descobrir. Eu prometo.

A duas ruas dali, havia uma lojinha onde Hanneke comprava lanches. Ela não ia lá havia anos e tinha quase certeza de que nenhum dos seus fãs ia querer chegar perto de um lugar daqueles. Era perfeito. Mas ela precisava tomar cuidado. Um disfarce leve seria perfeito.

Hanneke entrou no depósito, um lugar onde suas roupas de gorda e suas tralhas antigas estavam isoladas em caixas. Não demorou para ela pegar uma calça jeans velha, agora com o dobro do tamanho dela e manchada de tinta branca. Ela precisaria de um cinto para que a calça não caísse, só que não tinha um, então pegou um lenço velho e o enrolou na cintura. Tirou uma camiseta da caixa de roupas para dar, que tinha a imagem de um hambúrguer dizendo “Me come”. Ela a ganhou de presente quando eles abriram uma hamburgueria nova.

Hanneke se trocou e se olhou no espelho. Prendeu o cabelo em um coque e o enfiou embaixo de um boné vermelho que dizia “Brigada de Incêndio”.

Ela deu uma última olhada no espelho e colocou os óculos de sol. Não havia fãs esperando na porta dos fundos. Ela ainda não era esse tipo de influenciadora, mas nunca dava para ter certeza de que não havia alguém por perto, esperando que ela fizesse uma aparição. Depois do rompimento entre alguns blogueiros de comida, a imprensa marrom estava precisando de material de constrangimento.

A loja tinha a mesma iluminação triste de que Hanneke se lembrava. As paredes antes azuis estavam agora cinzentas e cobertas de poeira. Hanneke não se deu ao trabalho de pegar um carrinho, mas também não podia simplesmente andar até o balcão e pedir uma fatia de pizza, então pegou algumas barras de chocolate de caramelo e as enfiou no bolso.

O mercado estava praticamente vazio, exceto pelo casal que estava brigando sobre qual marca de cerveja comprar e o homem de bigode fazendo estoque de kombucha. Ela tinha sido boba de ter medo de alguém a ver. Hanneke se aproximou da bancada de massas e grudou o olhar numa bela fatia de pizza. Só havia três, uma maior do que as outras.

Na prateleira abaixo havia rolinhos de canela de aparência cansada e donuts de aparência convidativa com cobertura de creme. Seu peito disparou.

Uma jovem veio dos fundos e botou um sanduíche na bancada.

— O que posso servir pra você? — perguntou ela ainda de boca cheia.

— Eu queria aquela fatia ali, por favor — disse Hanneke, e apontou para a fatia do meio.

A mulher não prestou atenção e pegou a fatia mais próxima.

— Não — disse Hanneke. — Aquela ali.

A mulher olhou para Hanneke como se ela fosse louca. Talvez para ela não importasse. Não era a única fatia de pizza dela em mais de dois anos. Havia pelo menos meio centímetro a mais de pizza na do meio. Se ela só poderia comer uma, seria aquela.

Com relutância, a mulher colocou a primeira fatia de volta e pegou a que Hanneke tinha mostrado. Ela revirou os olhos quando a botou num prato de papel.

— Isso é tudo? — perguntou ela.

— E isto — disse Hanneke, tirando as barras de chocolate do bolso. A pergunta pareceu retórica, pois a mulher já estava ocupada colocando a pizza no micro-ondas. Esquentar a pizza a deixaria úmida, mas Hanneke não queria reclamar. Ela pegou o papel que registrava a pizza e foi até o caixa, onde um jovem descolado estava olhando o celular. Ele olhou para o papel e para Hanneke.

— Só a pizza? — perguntou ele.

— Sim, e...

Hanneke fez uma pausa. O que ela ia dizer mesmo? O homem olhou para ela de verdade pela primeira vez.

— Ei, eu não te conheço? — Ele olhou para o queixo de Hanneke, o que a deixou inquieta.

— Acho que não. — Hanneke ajustou os óculos. Dava para ver seus olhos através deles? Claro que não. Ela estava sendo boba.

Hanneke colocou as cédulas na bancada. Foi uma ideia brilhante, para que ninguém pudesse encontrar rastro dela pelo uso do cartão. Ela se lembrou do chocolate.

— Ah, sim — disse ela, e tirou as barras do bolso. — Eu quase me esqueci disto.

O homem digitou o preço e devolveu as barras de chocolate para Hanneke, que as colocou de volta no bolo. Ele ficava olhando para seu pescoço.

Foi nessa hora que ela se lembrou do colar. Suas costas ficaram cobertas de suor. Como podia ter esquecido de tirar? A letra H dourada com estampa de colmeia e pedras brilhantes era seu logo. Ela fez a maior campanha de promoção. Contou para todo mundo que sua mãe tinha comprado aquele colar para ela, mas, na verdade, foi Hanneke quem pagou com seu dinheiro. Ela levou a mão ao pescoço.

A mulher se aproximou com uma caixa com a pizza e colocou na

bancada. A mancha oleosa no papelão indicava que o queijo devia estar grudado na tampa, mas não era hora de criar caso. O homem e a mulher trocaram algumas palavras sussurradas. A mulher olhou na direção de Hanneke, disse alguma coisa baixinho e foi até uma sala nos fundos.

— Eu sabia que já tinha te visto — disse o homem. — Você é aquela blogueira de comida, né? Hannana? Minha namorada é louca pelas suas coisas.

Hanneke balançou a cabeça furiosamente.

— Não sou eu, não.

O homem estava pegando o celular.

— Ah, cara, ela vai morrer de inveja quando vir a foto — disse ele.

— Ela vai morrer.

A garganta de Hanneke travou. Antes que ela pudesse levantar a mão e esconder o rosto, o cara tirou uma foto dela, e uma nada lisonjeira. Seus fãs não a reconheceriam, mas reconheceriam o colar.

— Mais uma — disse o cara, e se virou para ficar mais perto de Hanneke.

— Para — disse ela. — Chega de fotos.

O homem parou e riu, como se ela tivesse dito alguma coisa engraçada, e tirou algumas outras. As bochechas de Hanneke foram inundadas de calor. Que se fodesse a pizza. Ela pegou o dinheiro e correu para a saída.

— O que é isso, cara! Por que você é tão vaca?

Hanneke ouviu passos, mas não parou para olhar.

— Ela roubou os chocolates? — perguntou alguém nos fundos.

— A gente pode verificar — disse outra pessoa. — Eu filmei.

O peito de Hanneke parecia um martelo. O sol estava alto e parecia ter manchado o mundo de prazer visual. Correr chamaria atenção, então ela andou com passos rápidos. Sua calça jeans estava escorregando pelos quadris. Embora ficasse puxando para cima, ela não sabia quanto tempo aguentaria.

Ela não podia ir direto para casa porque isso confirmaria quem ela era. Mais tarde, ela sempre poderia inventar uma história sobre um colar igual. Enquanto andava rapidamente, ela ficava olhando o reflexo no celular. Algumas pessoas estavam indo atrás dela. Pelo menos, pareciam estar andando no mesmo ritmo. Duas estavam com os celulares nas mãos e pareciam estar filmando.

Hanneke puxou o boné sobre os olhos e acelerou o passo ainda mais. Quase derrubou um grupo de adolescentes na rua.

— Olha! É a Hannana!

Alguns gritinhos e mais movimentos de passos atrás dela. Mais gente estava filmando. Hanneke tinha certeza.

A bile começou a subir no estômago. Ela enfiou o colar dentro da camiseta.

— Ei, Hannana! — gritou alguém atrás dela. — Para de se comportar como uma vaca do caralho!

— Você roubou a pizza mesmo? — gritou outra pessoa.

— É, seus fãs querem saber!

O celular de Hanneke apitou. Ela o enfiou mais fundo no bolso e correu na direção do mercado da cidade. Quando entrou, ela se misturou com as pessoas, jogou o boné numa lixeira e enfiou as mangas da camiseta para dentro. Uma das lojas vendia roupas baratas. Ela pegou uma camiseta feia e um par de óculos barato.

— Fica com o troco. — Ela entregou uma nota de vinte para a mulher.

— Deu trinta e cinco — disse a mulher.

Hanneke pagou e perguntou:

— Onde fica o provador?

— Não tem aqui — disse a mulher. — Tenta ali. — Ela apontou para o bar do outro lado do corredor.

Pontos piscaram na visão de Hanneke. Ela botou os óculos novos e entrou no bar. Era um bar hipster que parecia um armazém, exceto pelo expositor de comida extravagante e pela bancada. Embora Hanneke só conseguisse um vislumbre dos bolos, pareciam exatamente os dos sonhos dela.

Não limpos, só gostosos.

Ela se trancou no banheiro e olhou o celular. Mais de setecentas notificações e duas chamadas perdidas: uma de Wendy Vegana e a outra da mãe. O estômago de Hanneke parecia uma pedra de formato estranho rolando para lá e para cá.

Ela verificou a mensagem da Wendy Vegana primeiro.

“Parabéns por viralizar! Indo buscar um autógrafo ;)”

Abaixo da mensagem havia dois links. O primeiro era um vídeo do YouTube. Não podia ser coisa boa, não se Wendy o mandou.

Os joelhos de Hanneke ficaram bambos quando ela viu o título:

Hannana rouba uma loja do bairro. O vídeo trêmulo mostrava Hanneke tentando evitar ser filmada. O segundo link era um clip montado de Hanneke levantando a mão e o homem atrás do balcão dizendo “Por que você é tão vaca?” O vídeo e a voz do homem ficavam se repetindo com uma música digna de provocar dor de cabeça. Cada vez que ela levantava a cabeça, seu logo piscava na tela.

Ela expirou alto. Não era tão ruim quanto ela pensava. Pelo menos, ninguém tinha mencionado a pizza. Elaborar uma explicação plausível não deveria ser muito difícil. A câmera se fechou no colar dela antes de a imagem ficar preta. Devia ser a mulher da pizza filmando dos fundos.

O vídeo tinha milhares de visualizações. Hanneke vomitou a gosma verde do bolo de abacate, a única coisa que tinha comido naquele dia, e ficou tendo ânsia na frente da privada. Sua cabeça parecia que ia explodir.

Quando ficou claro que mais nada sairia do estômago, Hanneke se sentou e verificou a segunda mensagem. Sua mãe não acompanhava redes sociais. Ela não tinha como saber de nada.

A mensagem era curta.

“Que porcaria é essa que você está vestindo? Mande um dinheiro. Bj”.

Abaixo da mensagem havia um link para um story do Instagram de Hanneke pedindo uma pizza, seguido dela pegando o dinheiro e saindo correndo da loja. A câmera se fechou na bunda dela, exceto pela cintura da calcinha. Era branca, caramba. O XG estava visível porque a etiqueta da calça jeans tinha virado para fora.

Hanneke escondeu o rosto nas mãos. Era isso, então, a queda de Hannana, uma blogueira estelar e defensora da comida limpa. Dali em diante, a vergonha e a infelicidade penetrariam na vida dela. Não haveria mais entrevistas, não haveria mais conferências de blogueiros. Mesmo que ela continuasse a publicar vídeos e a fazer novas receitas, as pessoas não confiariam nela. Todas migrariam para a Wendy Vegana. Já estavam migrando. Os comentários ficariam mais cruéis, até ela ter que sair da internet.

Hanneke esfregou os olhos e sentiu pontinhos de rímel debaixo dos dedos. Que borrasse. Quem se importava? Não as pessoas que a filmaram. Obviamente, nem sua mãe.

E daí se não houvesse mais presentes e cortesias? A única coisa de

que ela sentiria falta seriam as mensagens dos fãs sobre o quanto ela era inspiradora e a diferença que ela fazia nas vidas deles. Eles não teriam dito essas coisas se não ligassem para ela.

Hanneke limpou as lágrimas com as costas da mão. Talvez seus fãs a defendessem, talvez elaborassem uma explicação, diriam que foi um teste, uma brincadeira de celebridade feita pela blogueira de comida favorita deles. Hanneke prendeu o ar e olhou os comentários abaixo do vídeo.

No flagra!

Que desastre, hahaha!

Vou deixar de seguir!

O que ela tá vestindo? Ela roubou de um mendigo?

Eu falei que ela era fake! Vida Autêntica, meu cu!

Hanneke assoou o nariz com papel higiênico. Ninguém tinha ido defendê-la; ninguém se importava. O comentário mais generoso dentre as primeiras dezenas foi “Ah, merdas acontecem”. Ela não ia ler o resto.

Ela já tinha passado por aquilo. Ser indesejada era familiar. Que importância tinha, no fim das contas? Ela tinha tido alguns bons anos. Sua vida não tinha acabado. Atualmente, muitas coisas podiam ser resolvidas com a ajuda de um botão de deletar. E aí, seria como se a Hannana nunca tivesse existido.

Nas configurações, ela selecionou “apagar conta”. Nada mais de Instagram. Ela também não precisava de YouTube. Não ter conta significava não ser marcada e não receber notificação. Apagar! Em seguida, ela entrou na conta do Facebook. Seus dedos tremeram por alguns segundos, mas ela deletou tudo. Seu peito pareceu mais leve.

E daí se ela não recebesse mais convites e descontos? A maioria era de coisas ruins que ela nem usava mesmo. Ela não sentiria falta de bolos de abacate, nem de canapés de repolho grelhado com hortelã. Na verdade, ela nunca mais teria que comer repolho.

Seus olhos se arregalaram.

Pizza.

Ela comeria uma fatia enorme. Nada de fatia, ela comeria uma pizza inteira.

Ela sorriu. Sim, pensou ela, vou fazer exatamente isso. Ela reservaria uma mesa em sua antiga pizzeria favorita e convidaria a mãe para ir junto. Pizza era a única coisa para a qual sua mãe não

conseguia dizer não.

Hanneke abriu a cabine e lavou as mãos. Tirou as manchas de rímel do rosto e soltou o coque, para que o cabelo caísse sobre os ombros.

Seus olhos estavam vermelhos e inchados, mas cintilavam, como naquela antiga foto tirada no aniversário.

Quando Hanneke saiu do banheiro, havia algumas pessoas na área do bar com os celulares nas mãos, os dedos prontos para gravar. Hanneke andou até o bar e leu o quadro que listava os especiais. Ela não voltaria para casa com fome, principalmente porque quase não tinha comida na geladeira.

O garçom limpou o balcão e se inclinou para a frente, exibindo uma tatuagem de costela-de-adão no braço esquerdo.

— O que posso servir pra você? — perguntou ele.

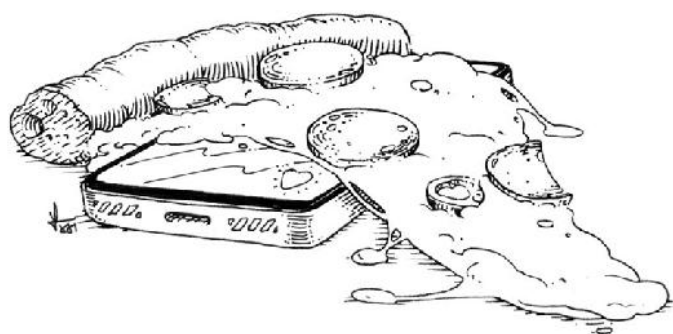
— Um cappuccino — disse Hanneke, e botou umas cédulas amassadas no balcão. — Vocês têm algo tipo pizza?

— Hum, sim, nós temos focaccia.

— Quero uma, por favor — disse Hanneke.

Alguns ofegos soaram quando ela se virou para uma das câmeras. Então Wendy Vegana tinha mesmo ido se gabar.

— Ei, Wendy. — Hanneke esticou a mão. — Pode passar o ketchup?



Que apodreça

A maioria das calças e saias antigas fazia um arredondado estranho em volta da curva da sua barriga de agora. Desde que o filho tinha nascido, ela foi alvo de baba, vômito e um monte de cuspe. Mas não naquela noite. O vestido azul novo a fazia se sentir bonita. Ela penteou o cabelo e passou o batom cereja. Mesmo assim, sempre que passava por um espelho, seus olhos desenhavam linhas invisíveis em volta dos quadris, da barriga arredondada e dos seios.

Porções menores, um pouco menos de vinho.

Quando se livrasse da gordura teimosa, o marido a puxaria para perto de novo e beijaria seu pescoço como antes.

Ela esperou que ele chegasse em casa, passou as mãos no pescoço dele e o beijou. Ele passou a mão em volta da cintura dela e beliscou.

— Guardando pra dias mais difíceis, é? — disse ele.

Chega de vinho, doces e barras de cereal.

Ele botou a pasta na mesa.

— Vou trocar de roupa antes do jantar — disse ele.

Ela olhou para o calendário para ter certeza de que não tinha confundido as datas.

— A gente não vai comer fora?

Ele franziu a testa, e seus olhos gravitaram para a data circulada no calendário.

— Ah. Sim, vamos.

Era a primeira vez que ele esquecia o aniversário de casamento, mas ela não o responsabilizou.

— Eu reservei nosso restaurante de sempre — disse ela.

— E se a gente experimentasse uma coisa nova?

— Tipo o quê?

— Tem um lugar novo da moda um pouco pra fora da cidade — disse ele. — Meus colegas acham que vale a pena conhecer.

Ela encolheu a barriga e abriu um sorriso.

— Acho ótimo.

Enquanto eles iam para o restaurante, ela ficou preocupada se tinha dado todas as informações para a babá e fez uma lista de coisas que se permitiria comer. Uma salada, pensou ela, com um bife pequeno ou um filé de peixe, grelhado, não frito. Talvez um biscoito se acompanhasse o café, mas ela não pediria sobremesa.

O restaurante tinha cheiro de comida frita e cerveja. Seu marido pediu massa carbonara e uma garrafa do vinho tinto mais barato do cardápio. Quando o garçom quis servir um pouco na taça dela, ela balançou a cabeça.

— Só água com gás, por favor.

A salada estava com gosto de grama molhada e o bife estava borrachudo. Ela ficou empurrando a comida no prato. Seu marido arqueou as sobrancelhas.

— Qual é o problema?

— É muito.

— Você só comeu um pouco.

— Já estou cheia.

Ele fez uma pausa, como se estivesse pensando.

— Talvez você seja respiratorianista — disse ele depois de alguns momentos.

— O quê?

— Gente que come ar ou energia, sei lá.

— Isso é impossível.

— É bem possível — disse ele. — Eu li sobre uma mulher que se alimenta de luz do sol. Não é legal?

Ela não quis deixá-lo de mau humor e por isso assentiu.

— Pode ser.

— Você deveria tentar — disse ele. — Se eu estiver certo, e eu acho que estou, seria incrível.

— Por quê?

— Você sabe como isso é raro? Ter uma capacidade dessas?

O marido olhou para o prato dela. Ela o empurrou na direção dele e pediu café. Não veio biscoito, só uma bala dura de café embrulhada.

— Você acha mesmo que essa coisa de comer ar funciona?

— Seria bem prático e a gente economizaria dinheiro — disse ele.

Quando eles chegaram em casa, o filho acordou e começou a chorar.

— Você se importa de cuidar disso? — pediu ele. — Eu tenho

trabalho pra terminar.

Ele falou como se o filho também não fosse dele. Ela se deitou na cama do filho e cantou para ele até que adormecesse. Ouvir a respiração tranquila dele a acalmou. Antes de adormecer, ela pensou em comer luz. Parecia errado, mas interessante ao mesmo tempo. Ela decidiu pesquisar.

Comer luz só funcionou por metade do dia, quando ela estava ocupada demais para se dar conta de que estava com fome. Assim que seu filho fez a primeira soneca, seu estômago começou a roncar. Como já tinha anunciado a nova dieta para o marido, ela não podia comer nada da geladeira. Ele repararia. Ela foi para o porão e inspecionou as raízes e os vegetais que eles guardavam lá.

Qual era mais parecido com ar? Não cenoura, com certeza. Cenoura era doce e deliciosa. Beterraba era traiçoeira, mancharia seus dedos. A última caixa continha umas raízes verde-pálidas. Ela as tinha comprado com desconto e planejado fazer sopa. Ela cheirou e não sentiu odor nenhum. Quando descascou uma, a parte interna era branca e com aparência aquosa. O gosto era discreto, quase inexistente. Ela decidiu que aquilo era perfeito, a coisa mais parecida com ar que ela poderia encontrar. Seu marido só ia ao porão se ela pedisse que ele consertasse alguma coisa. Na maior parte das vezes, ele esquecia.

Nas semanas seguintes, ela leu mais sobre respiratorianismo e encheu as prateleiras do porão de couve-rábano, em conserva e doce e fresca. A nova dieta teve um efeito quase imediato, apesar de a deixar com uma sensação permanente de fome.

— A alimentação de ar cai muito bem em você — disse ele.

— Você acha?

— Espera só até os meus colegas saberem. Eles vão sentir tanta inveja.

— Ah, não sei. Talvez seja melhor não contar pra ninguém, para o caso de não dar certo.

— Você devia sentir orgulho. Uma esposa que se alimenta de ar? Isso sim é manchete.

Ela sorriu porque gostou do jeito como ele olhou para ela e do jeito como ele a beijava cada vez que chegava em casa. Por sorte, a porta do porão se trancava automaticamente, mas ela conseguia entrar sempre que precisava comer alguma coisa. Só que couve-rábano não

era suficiente, e ela encontrou formas criativas de comer escondido. Seu corpo começou a ficar firme de novo e suas roupas mais novas começaram a ficar largas. Quando podia, ela saía e comprava comida de verdade em lugar onde ninguém a conhecia, mas com o marido ela só tomava água.

— Nós temos que comemorar — disse ele.

— Não precisa, de verdade.

— Claro que precisa. As pessoas podem aprender com você.

Apesar da relutância dela, ele reservou uma mesa no restaurante favorito deles. Ela comeu antes, mas continuou tendo dificuldade de ver o marido comer uma pizza inteira.

— Sobremesa? — perguntou o garçom.

— Não pra ela. — O marido pegou o cardápio de sobremesas. — Ela se alimenta de ar.

O sorriso do garçom ficou congelado, como se ele não tivesse reagido.

— Você não precisa contar pra todo mundo — disse ela.

— Por que não?

Se seu marido continuasse assim, ela nunca conseguiria sair da dieta. Naquela noite, ele beliscou a bunda dela quando a ajudou a entrar no táxi. As mãos pareciam estar em todo o corpo dela, como se fossem quatro e não apenas duas. Quando eles chegaram em casa, ele a devorou, como tinha feito antes com a pizza.

Noites assim ficaram mais frequentes. Cada vez que pensava em contar para ele que queria parar, ela pensava nas coisas que podia perder, tipo como ele falava sobre ela e como demorava a sair de manhã, antes de ir trabalhar.

Alguns meses depois, seus seios começaram a ficar arredondados e macios. Eles conversaram sobre ter outro filho. Ela sentia saudade de beijar a cabecinha do bebê e inspirar o cheiro de leite, mas seu marido estava convencido de que era cedo demais.

Naquela noite, ela sentou o marido numa cadeira e preparou uma refeição: purê de batata, salada e couve-rábano grelhada. Ele franziu a testa quando viu dois pratos vazios na mesa.

— Pra quem é o outro? — perguntou ele.

— Para o nosso novo bebê.

O marido esticou a mão para as batatas.

— E se ele conseguir se alimentar de luz?

— Ele não consegue, está bem?

Ela se serviu de couve-rábano grelhada. Ele olhou com nojo.

— Que porra é isso aí?

— Vitamina — disse ela, e encheu o prato. Era um alívio não ter que se esconder mais, e ela pegou uma porção grande e saboreou cada pedaço.

— Por que a gente fica dizendo “ele”? — acrescentou ela. — Pode ser menina.

Ele não pareceu impressionado com a ideia, e ela não quis discutir mais. Ele teria tempo de se adaptar, sem dúvida. Mas ela não tinha certeza de que ele se adaptaria à ideia de comer couve-rábano. Ele não tocou na comida e só foi para a cama tarde.

Desde que o filho tinha passado a ir à creche, ela começou a reparar em umas coisas. Que o marido levava o celular para o banheiro sempre que tomava banho e a frequência com que saía rindo enquanto olhava para o aparelho. Ele adormecia antes de ela ir para a cama e, de manhã, tomava só um café e saía correndo. Era quase como se comer com ela o repugnasse. Como se *ela* o repugnasse.

Mas não havia tempo para ponderar com aquela nova vida para resolver. Ela ainda se aventuraria no porão para um lanchinho ocasional. Estar em um lugar fresco a ajudava a pensar melhor. Ela fez couve-rábano em algumas outras ocasiões com esperança de que o marido mudasse de ideia. Uma vez frita, uma vez salteada e uma vez marinada. Ele não tocou na comida.

— Tira isso daqui — disse ele.

— Pelo menos experimenta.

— Se você quer comer *isso*, eu não vou te impedir — disse ele. — Mas nunca mais coloca no meu prato.

Na vez seguinte em que ela desceu para o porão, a escada pareceu meio bamba. Havia uma rachadura no cano de água e alguns azulejos soltos precisavam ser presos. Antes que pudesse pedir ao marido que consertasse qualquer coisa, ela teria que esconder o estoque secreto de lanchinhos, sem mencionar a couve-rábano. Como ele se recusava a comer, algumas raízes tinham apodrecido. Soltavam um odor acre, como se alguma coisa tivesse morrido ali.

Quando sua barriga ficou bem redonda, o marido pegou o hábito de beliscar a carne embaixo do queixo dela.

— Pode ser uma boa hora pra começar a dieta de ar de novo —

disse ele.

Pode ser uma boa hora pra você parar de falar.

Só de raiva, ela comprou mais alguns quilos de couve-rábano e guardou nas prateleiras.

Que apodreça.

De vez em quando, ela escondia couve-rábano na sopa e no purê de batata. O marido fazia pausas enquanto mastigava, mas não sabia dizer o que havia de diferente. Como poderia se nunca tinha provado?

Quando ele saía para trabalhar, ela fazia todos os pratos favoritos dela, tipo panqueca de forno e strudel de abobrinha. Congelava os restos e comia quando ele não estava em casa.

Por causa da barriga, ela precisava de apoio quando subia a escada. O corrimão também estava bambo, como muitas outras coisas no porão, e a escada suspirava como tábuas numa ponte suspensa. Um dos pregos tinha se soltado. Ela tomou uma nota mental para falar com o marido.

No dia seguinte, ela deu a ele uma lista de coisas que precisavam ser consertadas. Ele murmurou qualquer coisa sobre “olhar depois” e foi trabalhar. Nada aconteceu por duas semanas. Quando a entrega de compras chegou, ela esvaziou a bolsa de latas na escada e as viu cair. Algumas ficaram nos degraus. A parte de cima de um degrau parecia que estava se soltando, mas, sempre que ela tocava no assunto, o marido murmurava baixinho e declarava que tinha trabalho a fazer.

Pouco antes de a filha nascer, ela o ouviu a comparando a um animal. Mas não era um animal fofinho, mas um animal de fazenda, alimentado para o abate. Naquele dia, ela foi escondida para o porão e chutou as latas na escada. Desceu alguns degraus, apoiada no corrimão bambo, e chutou a tábua quebrada. Em seguida, se sentou e chorou por um tempo.

Depois que a filha nasceu, ele começou a chegar em casa tarde de novo. Às vezes, se deitava na cama no meio da noite fedendo a fumaça e suor.

— Você quase não vem mais pra casa — disse ela de manhã enquanto aninhava a filha bebê no colo.

O filho estava batendo com a colher na tigela de cereal, espirrando leite na mesa toda.

— Nós precisamos do dinheiro. A não ser que você queira não tirar mais férias.

— Férias? Pra onde? — perguntou ela.

— Teriam que ser curtas e não muito longe, para o caso de acontecer alguma coisa urgente no trabalho.

— Mas deve dar pra gente passar duas semanas em algum lugar, né? Não me importo que seja perto. Será que a gente pode ir pra praia?

— Pelo amor de Deus. — O marido tirou a colher das mãos do filho.

O rosto do garoto ficou paralisado e ele começou a chorar.

— Posso tirar no máximo uma semana — disse o marido. — Não posso tirar mais do que isso. Estou com trabalho demais.

— A gente poderia alugar um apartamento. Economizar um pouco. Eu posso cozinhar pra nós.

— Não me parece boa ideia — disse ele, arrumando a gravata. — Mas, se você quiser algo mais longo, você pode visitar sua mãe, ficar com ela na semana anterior.

— Sozinha?

— Com as crianças, obviamente. Eu não posso cuidar delas com o trabalho.

Ele pegou a pasta e foi na direção da porta.

— Não esquece as coisas do porão — gritou ela.

Ele levantou a mão e saiu.

Ela separou alguns momentos da rotina diária para planejar as férias. Sua mãe ficou feliz com a ideia de recebê-la com as crianças. Ela precisava pegar algumas coisas no porão, mas não queria muito ir lá, e ficou adiando até a semana antes das férias.

Ela mal tinha chegado ao meio da escada, tomando cuidado para não pisar em nenhuma das latas, quando a lâmpada soltou um zumbido e ficou toda escura.

Que droga. Mas ele tem mesmo que consertar.

Lentamente, ela se virou, esperando que seus olhos se ajustassem ao escuro antes de se mover. Com passos cuidadosos, ela subiu, e estava quase no alto quando a chave girou. Ela ouviu a voz do marido falando em um tom sussurrado. Ela não o teria ouvido se ele não tivesse parado bem na frente da porta do porão.

— Nesta sexta — disse ele. — A semana toda, é.

Algo atrás dos olhos dela se contraiu. Não era a voz seca que ele usava com os colegas.

— Não esquece as camisinhas. Eu não tenho nenhuma.

As palavras dele arderam na barriga dela como carvão. Ela teve dificuldade de respirar. Quando o marido subiu a escada para se trocar, ela saiu discretamente e fingiu estar chegando do mercado.

A primeira coisa que ela fez foi pedir dez quilos de couve-rábano. Naquela noite, ela fez ensopado e serviu no jantar. Seu marido franziu a testa.

— Eu falei que não queria nunca mais tocar nessa merda.

— Não come, então.

Ele empurrou o prato, pediu pizza e comeu em frente à televisão.

Ela jogou o resto da couve-rábano na escada do porão e fechou a porta até travar com um clique.

Ele vai ter que tocar agora.

Na manhã da viagem, ela se levantou cedo para arrumar as crianças. Cada vez que passava pela porta do porão, ela cheirava o ar para confirmar que o odor tinha ficado mais pungente. Já havia alguns pedaços podres e o novos apodreceriam em breve.

— Pronta pra ir? — perguntou o marido.

— Eu não consegui pegar as coisas de piscina — disse ela. — Ainda estão no porão.

Ele contraiu as bochechas.

— Eu vou consertar as coisas. Eu falei que ia.

— Mas eu preciso agora, né?

Seu marido olhou para o relógio de pulso.

— As crianças vão ficar mal-humoradas se não puderem ir à piscina — disse ela, segurando a filha. — E a minha mãe não pode esconder uma piscina.

— Tudo bem. Onde no porão?

— Onde ficam as coisas de jardim. — Ela passou a filha para o outro braço. — Lá no fundo.

Ele se aproximou do porão com passos pesados. Ela esperou o estrondo de quando a porta aberta batesse na parede.

— Está fedendo pra cacete aqui — disse ele.

— Prende a respiração — disse ela, segurando a mão do filho.

A porta se fechou com um clique.

— Porra! Está sem luz!

— Espera um segundo — disse ela. — Seus olhos vão se ajustar.

— Que se foda, eu não vou fazer isso.

— Não vai demorar nadinha.

— Abre a porta.

— Vou primeiro botar as crianças no carro. Não quero elas correndo por aí. Eu deixei uma lanterna na escada.

— Onde?

— No meio.

Houve um estalo de madeira quebrando e um baque alto, seguido de um som de rolagem e gritos abafados de dor. Ela levou as crianças até a porta. Do lado de fora, o sol estava brilhando. Os vizinhos acenaram para ela quando passaram com o poodle.

Ela se virou para a casa.

— Eu também vou sentir saudades — gritou ela. — Não esquece sua sunga. Te vejo semana que vem!

Depois de trancar a porta, ela prendeu as crianças nas cadeirinhas no carro. Ligou o motor e foi assobiando o caminho todo.

Os coletores

De: theodor.windman@vub.ac.be

Para: gregory.mason@vub.ac.be

Data: 20 Maio 2018, 14:10

Gregster!

Cheguei à Áustria. Aliás, adorei o schnitzel. Valeu pela dica. Eu teria caído direto num coma alimentar se não fosse o schnapps.

O pessoal daqui é simpático, mas não muito prestativo. Ninguém pareceu entender o que eu estava dizendo. Tinha até uma avó balançando a cabeça. Ela deve ter achado que eu ia subir as montanhas de chinelo, sei lá.

Má notícia sobre a segunda metade daquele artigo de Alex Schmidt: pesquisei loucamente no Google, mas não encontrei. Nem Alex Schmidt, aliás. Vamos torcer pra ele não ter tido a mesma ideia que a gente, para a gente poder reivindicar toda fama e glória.

Como está sua perna, aliás? Ainda não acredito que você está perdendo isso (schnitzel, cara!). Chega de shot de vodca com gelatina pra você. Talvez você esteja ficando velho ;)

Não sei se vai ter sinal lá em cima, mas ligo quando voltar pra cidade. Não deve levar mais do que poucos dias. Dedos cruzados!

Um abraço,

Theo

≈

De: gregory.mason@vub.ac.be

Para: theodor.windman@vub.ac.be

Data: 20 Maio 2018, 18:23

Nerdão,

Eu e a minha perna estamos ótimos. O gesso é bem útil quando eu

preciso de apoio pra um cinzeiro ou pendurar um casaco, ou se quero uma desculpa pra não ter que lavar a louça.

Não acredito que você foi derrubado por um schnitzel! Você morreria de fome na natureza, haha. Nem tente algo mais pesado como knödel. É um bolinho de pão que pode te matar.

Que se foda Alex Schmidt! Eu tinha muitas esperanças de que você fosse chegar mais longe com aquele artigo do que eu (falando sério: só versão em papel na época atual?). Você não acreditaria no tanto que a bibliotecária me encheu o saco por não relatar o “vandalismo”, como ela chamou. Como se tivesse sido eu quem arrancou metade e depois enviou um vírus para o arquivo de lá.

E por que eles só pediriam um exemplar? Espero que quem o pegou não esteja fazendo pesquisas sobre covas coletivas no Neolítico nem sobre esqueletos com tíbias fraturadas.

Pega leve no schnapps, Nerdão. Você sabe que não aguenta álcool, e eu não quero ter que arrecadar dinheiro pra trazer essa bunda magrela de volta pra casa. Nós vamos fazer uma peregrinação decente por bares quando você voltar.

Eu sei que você vai ficar sem conexão, mas vou mandar umas coisas úteis hoje. Pra começar, acrescentei algumas frases à nossa proposta de pesquisa. Vê o que você acha:

Todas as provas encontradas nas covas coletivas do Neolítico demonstram crenças antigas em vida após a morte. Nas matanças para adquirir territórios, os soldados quebravam as tíbias das vítimas para impedi-las de voltarem como fantasmas. Entretanto, escavações recentes na Alemanha e na Áustria provam que nem todos os cadáveres têm tíbias quebradas. Portanto, podemos supor que essa crença não era ampla.

Boa sorte pra você ;)

Greg

P.S.: Sua mãe ligou de novo. Posso dizer pra ela que você está vivo? Já que estamos falando nisso, tenta pedir pra ela enviar mais daquele salame. Pensa no seu pobre colega de apartamento com a perna quebrada.

<anexo: Antropologia da morte, metodologia de pesquisa.pdf>

≈

De: theodor.windman@vub.ac.be

Para: gregory.mason@vub.ac.be

Data: 21 Maio 2018, 07:04

Eu finalmente tenho sinal. Só levei meia hora andando pelo meio do nada. Só tem pedra e grama e grama e pedra. Quase parece que estou num outro planeta.

Falando nisso, você devia ter visto os moradores daqui que estão me hospedando. Chris e Sandra ficariam ótimos na capa do livro *Misery*, do Stephen King. Ela tem aquela expressão atordoada da Kathy Bates e corta o próprio cabelo, e ele está sempre escrevendo alguma coisa. Ela também é obcecada por cozinhar. Não sei se consigo comer muito mais, mas acho que vou descobrir.

Chris conhece um cara que desenterrou uns ossos um tempo atrás (não por hobby, espero). Vou ficar pra ver se ele sabe alguma coisa. Tentei tocar na história do vilarejo fantasma, mas Chris e Sandra só querem falar de comida. Talvez eu tenha que embebedar os dois (nós dissemos que queríamos uma metodologia nova e criativa, né?).

Se eu não chegar a lugar nenhum nos próximos dois dias, vou voltar. Amanhã, Sandra vai fazer a famosa sopa dela. Ela não para de falar disso, como se fosse um prato nacional, sei lá. Não tem knödel nessa sopa, eu perguntei.

Obrigado pelas coisas que você mandou. Vou olhar melhor quando voltar pra civilização.

Um abraço,

Theo

<anexo: localização Theo Windman.jpg>

≈

De: gregory.mason@vub.ac.be

Para: theodor.windman@vub.ac.be

Data: 22 Maio 2018, 14:08

Estou sentindo um cheirinho de bolsa da Fulbright (a não ser que a tal

Sandra planeje ficar com você e te alimentar até você virar lutador de sumô!).

Se você encontrar o cara dos ossos, siga os protocolos e deixe a escavação para os profissionais. Você não ia querer estragar o material por acidente.

O mapa que você mandou não faz sentido. Não tem nada ali: o vilarejo mais próximo fica a uma hora de caminhada. Tem certeza de que seu GPS não estava desligado?

A propósito, eu finalmente tive notícias sobre Alex Schmidt (e agora entendo por que não conseguimos encontrá-lo). Não é ele, é ela. Dá pra acreditar? Alex é apelido de Alexandra. Ninguém sabe pra onde ela foi depois do Erasmus.

Manda notícias.

Greg



De: gregory.mason@vub.ac.be

Para: theodor.windman@vub.ac.be

Data: 24 Maio 2018, 01:12

Theo,

Está tudo bem aí? Tentei ligar, mas diz que o número está fora da área de cobertura. Você esqueceu de pagar a conta de novo?

Sorte sua! Eu adoraria ter alguém cozinhando pra mim. Acho que você já voltou. Divirta-se com seus moradores daí e me avise quando estiver no aeroporto (e liga pra sua mãe, ela já me ligou três vezes hoje!).

Nos vemos em quatro dias. Não vai perder o voo!

Greg



De: fiona.windman@gmail.com

Para: gregory.mason@vub.ac.be

Data: 27 Maio 2018, 14:05

Querido Gregory,

Tentei te ligar hoje, mas estava ocupado. Alguma notícia do nosso Theodor? Ele tinha que ter voltado pra casa, mas não tive notícias dele. Ele mencionou se ia visitar amigos? Não consigo falar com ele pelo telefone. Sinceramente, estou preocupadíssima. Ele nunca desapareceu assim.

A conta dele foi paga agora (obrigada pela imagem digitalizada). Eu liguei pra polícia. Se você tiver notícias dele, por favor, me ligue imediatamente no número +44 797 130019.

Um abraço,
Fiona

≈

De: gregory.mason@vub.ac.be
Para: fiona.windman@gmail.com
Data: 27 Maio 2018, 19:37

Prezada sra. Windman,

Peço desculpas por não ter atendido suas ligações. Eu esqueci o celular no escritório. Como falei, não tenho notícias do Theo desde 21 de maio. Ele ainda estava nas montanhas austríacas e estava indo bem. Estou enviando o mapa que ele me mandou.

Ele não mencionou se ia ver amigos. Pode ser que ele tenha encontrado algo útil pra nossa pesquisa e tenha decidido ficar mais. O sinal nas montanhas costuma ser bem ruim.

Ele estava hospedado com duas pessoas chamadas Sandra e Chris (caso ajude em alguma coisa).

Amanhã, temos uma reunião com o nosso mentor, e espero vê-lo lá. Tem chance de ele pegar o avião e ir direto pra lá. Ligo assim que souber mais. Vou falar com a polícia hoje.

Um abraço,
Greg

<anexo: localização Theo Windman.jpg>

≈

De: gregory.mason@vub.ac.be

Para: SOS_resgate@bergen.at

Cc: fiona.windman@gmail.com; theodor.windman@vub.ac.be

Data: 28 Maio 2018, 13:02

Prezado senhor/Prezada senhora,

Meu amigo Theodor Windman desapareceu nas montanhas austríacas no dia 21 de maio de 2018.

Ele tem 27 anos, cerca de 1,80 m, é magro, tem cabelo castanho curto e olhos verdes (foto recente anexa). É provável que estivesse usando botas de montanha, um casaco azul-marinho e um chapéu cinza. Ele é cidadão britânico e estudante em Bruxelas.

A viagem foi parte da nossa pesquisa acadêmica sobre covas coletivas do Neolítico. O plano dele era visitar vários lugares para coletar dados.

Na última vez que tive notícias dele, ele estava hospedado com dois moradores da região (Sandra e Chris — ver última localização anexa).

A passagem de volta não foi usada, e eu nem a mãe dele (copiada aqui) conseguimos falar com ele. A polícia foi informada e está em contato com as autoridades austríacas.

Agradeço por qualquer informação que você tenha.

Atenciosamente,

Gregory Mason

<anexo: localização Theo Windman.jpg>

<anexo: Theo Windman foto.jpg>

≈

De: SOS_resgate@bergen.at

Para: gregory.mason@vub.ac.be

Cc: fiona.windman@gmail.com; theodor.windman@vub.ac.be

Data: 29 Maio 2018, 10:41

Herr Mason,

Agradecemos seu e-mail. Infelizmente, não conseguimos localizar Theodor Windman nem obter informações sobre o paradeiro dele.

A localização que você nos enviou não é habitada há 50 anos.

Apesar de ainda existirem três cabanas antigas na região, ninguém mora lá.

Entretanto, há um caso similar no nosso banco de dados com data de sete anos atrás: um jornalista desapareceu mais ou menos no mesmo local. O nome dele é Christopher Stieglitz.

A esposa dele pediu para ser informada em caso de algum evento similar, pois ela talvez possa ajudar. Com consentimento, incluo aqui o contato dela (mariastieglitz@reflex.at) caso você queira obter mais informações.

Nós o informaremos em caso de qualquer desenvolvimento.

Mit freundlichen Grüßen,

Heinrich Puller

SOS resgate Áustria



De: gregory.mason@vub.ac.be

Para: fiona.windman@gmail.com

Data: 31 Maio 2018, 21:45

Prezada sra. Windman,

Me desculpe por não ter atendido suas ligações. Preciso ver o que consigo descobrir sobre Theo, e por isso vim para Viena hoje de manhã.

Não se preocupe comigo. Minha perna está bem melhor e eu já estive na Áustria. Amanhã de manhã, vou para as montanhas. Há um bonde que pode me levar até a montanha a partir do vilarejo onde Theo foi visto pela última vez.

Eu também escrevi para uma mulher chamada Maria Stieglitz e enviei para ela todas as informações que temos. Tomara que ela possa nos ajudar a encontrar Theo.

Espero voltar com boas notícias.

Um abraço,

Greg



De: mariastieglitz@reflex.at
Para: gregory.mason@vub.ac.be
Cc: fiona.windman@gmail.com
Data: 2 Junho 2018, 15:06

Prezado Gregory,

Obrigada pelo seu e-mail.

Como você sabe, meu marido, Chris, desapareceu nas montanhas fazendo uma pesquisa para um livro sobre folclore local. Ele estava especialmente interessado em histórias folclóricas sobre um vilarejo fantasma. Ele nunca a concluiu.

Chris estava em contato com o instituto arqueológico para falar sobre evidências de corpos sem tíbias quebradas. Eu achava que a teoria dele sobre fantasmas de aldeões assassinados buscando vingança era só uma história. Já não acho mais isso.

Uns cinco anos atrás, outra estudante fez contato comigo, também de Bruxelas. Ela queria muito chegar lá primeiro e não quis esperar alguns dias por um montanhista local. Ela perdeu o celular no mesmo local em que meu Chris e seu amigo foram vistos pela última vez. O nome dela era Alexandra (Sandra) Schmidt. Talvez valha a pena fazer contato com ela.

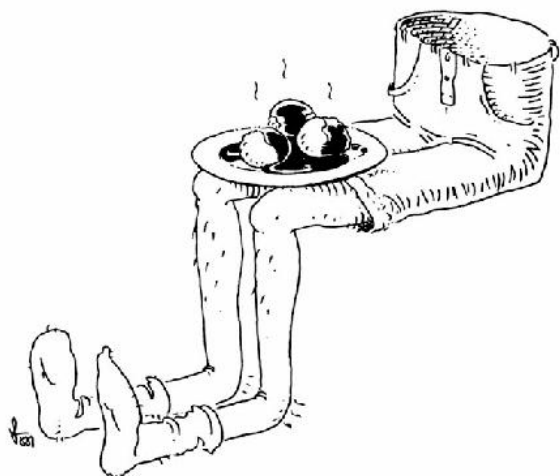
Sei que você está preocupado com o desaparecimento do seu amigo. Por mais tentado que você fique de ir até lá procurá-lo, por favor, não vá sozinho! Nos últimos 50 anos, mais de dez pessoas desapareceram lá. De acordo com o que dizem, os fantasmas dos aldeões assassinados só podem vingar a morte deles pela coleta de almas e aumento do número de fantasmas.

Se você decidir não seguir meu conselho, não coma nada quando estiver nas montanhas. Depois de ler as descobertas do meu marido, tenho motivos para desconfiar que os desaparecidos lá foram envenenados.

Com melhores desejos,

Maria

Este conto foi publicado pela primeira vez em 2019, em The Circle 19: a Brussels Anthology, da Idle Time Press.



Fique à vontade

Aperitivo

Larissa confirmou o número da casa antes de tocar a campainha. Aparecer na porta errada seria um erro idiota considerando o tamanho do bairro.

Os passos do outro lado da porta chegaram mais perto. A luz da varanda foi acesa. A porta foi aberta.

— Que ótimo, você encontrou — disse Bernadette.

Para Larissa, ela era a moça da baguete, que ia todos os dias às dez comprar sua baguete e conversar sobre o tempo. Já tinha passado pela cabeça dela que Bernadette não ia realmente pela baguete. Ela tinha um jeito que facilitava que as pessoas contassem coisas que não planejavam.

Larissa não sabia explicar por que tinha contado a Bernadette sobre o noivo, mas o fato é que tinha contado. Bernadette fez cara de triste e disse que lamentava e a convidou para jantar. Como ela poderia ter dito não?

Ela entregou a Bernadette uma garrafa gelada de Pinot Grigio, mas segurou a caixa que continha o bolo. Sua equipe deixou claro que o bolo não resistiria a muitos movimentos, e, a não ser que Larissa quisesse servir uma montanha disforme de chocolate, ela teria que guardar numa geladeira.

Quando Bernadette apontou para o bolo, Larissa disse:

— Posso guardar na geladeira?

— Você não precisava trazer pra cá.

Bernadette convidou Larissa para entrar.

— Eu não tinha que trazer uma sobremesa?

— Não trazer, não, mas tudo bem. É sua primeira vez.

Larissa tentou lembrar o que Bernadette tinha dito sobre o jantar. Ela tinha mencionado uns vizinhos e algo sobre ser progressista. Ela tinha dito jantar progressista? Parecia baboseira. Como seria um

jantar assim? Será que ficariam falando sobre as besteiras que os políticos fazem?

Progressista ou não, Larissa tinha certeza de uma coisa. Bernadette tinha dito que ela precisava cuidar da sobremesa.

A sala parecia ter sido decorada no século anterior. Cortinas verdes de brocado cobertas de flores douradas horrendas lembravam a Larissa lenços de papel amassados. A mobília velha de carvalho com puxadores de metal caía bem com os quadros de paisagens e natureza morta com patos mortos.

Bernadette botou o Pinot Grigio na geladeira e pegou um pote de azeitonas. Colocou algumas num prato e fez sinal para Larissa se aproximar.

— Ali.

Bernadette apontou para uma prateleira meio vazia.

— Parece que eu fui a primeira — disse Larissa, e guardou o bolo na geladeira.

— Esse grupinho não é muito pontual — disse Bernadette.

Ela pegou uma garrafa de vinho que não estava mais cheia, abriu a rolha e se curvou sobre o gargalo, como se estivesse tentando cheirar para ver se tinha estragado. Ela serviu duas taças.

— Eu adoro começar com Chianti. — Ela entregou uma taça a Larissa.

A acidez repuxou as bochechas de Larissa. Ela só usava Chianti para cozinhar.

Bernadette se sentou em uma poltrona, e Larissa se sentou no sofá em frente a ela.

— Então, Lara — disse Bernadette.

— Larissa.

— Você já se acostumou a morar aqui?

— É bem tranquilo — disse Larissa.

Ela pensou no que mais dizer, mas as palavras que vieram à sua mente eram chatas, limitadas e invasivas, então ela não disse nada.

— É ótimo ver a Delícias dos Noonans em mãos tão capazes — disse Bernadette.

— Ah, você é muito gentil — disse Larissa, falando sério.

O que ela sabia sobre cuidar da padaria? Só tinha aceitado porque o negócio foi bom e vinha com dinheiro extra e desconto na casa. Foi a melhor proposta que ela recebeu. Com o amor da sua vida tirado

dela, que outra opção ela tinha?

— Como você está se entendendo com a equipe? — perguntou Bernadette.

— Eles são uns amores. — Larissa tomou um gole de vinho. Eles *eram* uns amores quando não estavam brigando ou reclamando, o que não era muito comum.

O som da campainha fez Bernadette pular da poltrona. Quando ela foi na direção da porta, Larissa viu um rasgo na túnica turquesa Chanel.

— Eddie! — Bernadette deu beijos no ar perto das bochechas do homem. — Lara já chegou.

— É Larissa — disse Larissa, mas logo decidiu que tudo bem ela falar Lara.

Talvez fosse melhor se não soubessem o nome verdadeiro dela. Seria como uma camada extra de pele para protegê-la da verdade.

— Fico feliz em finalmente te conhecer. — Eddie apertou a mão de Larissa.

A palma da mão dele era macia e estava suada. Ele parecia alguém que vivia apanhando na escola.

— Cadê a Becca? — perguntou Bernadette.

Eddie suspirou.

— Foi pra outro congresso. Você sabe como são essas coisas. Ela aproveita qualquer chance que aparece.

— Aquela mulher trabalha demais — disse Bernadette, e foi para a cozinha.

— Diz isso pra ela.

Eddie se sentou na outra ponta do sofá.

— Ela não me escuta.

Ele mordeu uma azeitona. Uma expressão de surpresa surgiu no rosto dele, seguida de uma leve testa franzida. Larissa experimentou uma azeitona. Estava salgada e com gosto de ostra morta. Ela cuspiu a azeitona em um guardanapo e o amassou na mão. Eddie fez o mesmo.

Bernadette voltou da cozinha com uma taça de vinho para Eddie e um saco de castanhas, que jogou na mesa.

— Como está a padaria? — perguntou Eddie.

— Movimentada — disse Larissa.

— Isso não vai mudar se você tiver sorte — disse Eddie.

— Não sei, não — disse Larissa.

— Lara contou sobre o marido dela? — perguntou Bernadette.

— Noivo — disse Larissa.

— Não contou, não.

Eddie tentou abrir o saco de castanhas, mas não conseguiu. Ele o colocou de volta na mesa.

— O que houve? — perguntou ele.

As bochechas de Larissa ficaram quentes. Era como se ela estivesse fazendo uma prova com todos os olhares nela.

— Ele morreu — disse ela, olhando para baixo.

— Acidente? — perguntou Eddie.

Ele pareceu estar genuinamente interessado.

— Podemos dizer que sim — disse Bernadette. — Não é?

Larissa tomou um gole de vinho.

— Foi um engano — disse ela. — Poderia acontecer com qualquer um.

— Pelo menos é o que dizem, né? — disse Bernadette.

O cotovelo de Larissa tremeu e ela quase derrubou a taça.

— Fico feliz de não termos cancelado — disse Eddie.

— Por causa do David? — perguntou Bernadette.

— É a terceira vez que ele fura.

— Não é estranho, estamos no fim do semestre — disse Bernadette.

— Estou surpresa de ele vir.

Eles tomaram um pouco de vinho.

— E como é isso? — perguntou Larissa. — Esse jantar?

— Ah. A Bernie não falou?

— Eu não entrei em detalhes — disse Bernadette. — Mas ela sabe o básico, né?

Lara olhou para ela e se virou para Eddie.

— Basicamente, nós fazemos isso uma vez por mês.

— Com mais frequência se tivermos algum motivo — disse Bernadette.

— Certo — disse Eddie.

— Então os vizinhos todos cozinham juntos? — perguntou Larissa.

Bernie riu e balançou a mão.

— Ah, não. Nada do tipo.

— A ideia é compartilhar a comida e o ambiente — disse Eddie. — Cada um prepara uma coisa na sua casa.

— Depois, vamos de um lugar para o outro, até acabarmos — disse

Bernadette.

Larissa tomou mais vinho. O gosto não era tão ruim depois de se acostumar a ele. Ela estava feliz de ter entendido Bernadette errado e ter levado o bolo. Não havia como ela deixar pessoas entrarem na casa dela sem arrumar tudo. Havia roupas secando no meio da cozinha, e ela nem tinha tido tempo de se acomodar. Ela nem queria pensar em todas as outras coisas.

— O que você fez? — perguntou Bernie.

— Só salada — disse Eddie. — Foi um improviso de último minuto.

— Uma salada incidental. Gostei disso — comentou Bernie.

— Acho que os Johnsons devem estar chegando — disse Eddie. — Ou eles cancelaram?

— Eles vêm, sim — respondeu Bernadette. — Estão elegantemente atrasados, como sempre.

Larissa olhou para o relógio. Eram só oito e quinze, mas, se haveria mais comida, ela não reclamaria. Azeitonas borrachudas e vinho ácido não eram um bom antepasto.

— Não sei se deveríamos recompensá-los ficando aqui — disse Bernadette. — Se você me perguntar...

Ao ouvir a campainha, ela parou.

— Devem ser eles — disse Eddie.

— Andrew, Sylvia, vocês chegaram bem na hora. Eddie fez salada — disse Bernadette. — Temos que comer antes que murche.



Entrada

Enquanto andavam até a casa do Eddie, ele se perguntou se teria tempo para um ou dois jogos depois do jantar. Outra vitória poderia fazer Becca fazer as pazes com ele, principalmente se ele oferecesse junto duas entradas para o spa favorito dela.

Ele destrancou a porta e quase tropeçou no broche de Becca. Era o de lírio de ouro que ele tinha dado a ela de aniversário. Eddie o pegou e colocou no aparador do corredor.

— Você não vai nos colocar de dieta, né, Eddie? — perguntou Andrew Johnson.

— Eu não tive tempo de ir ao mercado — disse Eddie. — Mas a

salada está bem decente.

— Andy só está te provocando — disse Sylvia Johnson. — Ele adora uma boa salada.

Os Johnsons estavam começando a irritá-lo. Ele estava feliz de não ter se dado ao trabalho de fazer algo mais elaborado. Com eles, sempre havia algo com que implicar. Na última vez, tinha sido o cabelo da Becca; desta vez era a salada dele. Era quase como se eles só conseguissem ficar felizes se houvesse alguém de quem debochar.

Eddie levou as pessoas para a sala. Sylvia balançou o cabelo na altura dos ombros.

— Becca não vem?

— Ela teve que trabalhar — disse Bernie.

— Alguém tem que pagar pela salada — disse Andrew.

Eddie se perguntou se ele estava tentando ser irônico ou observar que Becca estava sempre trabalhando. Ele decidiu fingir não ter ouvido o comentário.

Quando todos se sentaram, Eddie botou a travessa de salada na mesa e tirou o vinho da geladeira.

— Sei que vocês preferem tinto, mas eu só tenho esse Sauvignon — disse ele.

Ele teve a estranha sensação de estragar o prazer dos Johnsons de ficarem insatisfeitos com alguma coisa.

Os olhos de Larissa se iluminaram quando ele serviu o vinho. Eddie acrescentou um pouco mais na taça dela. Ela não pareceu se importar.

Bernie pegou quase um terço da salada e lambeu os lábios.

— Isso sim eu chamo de entrada.

— A gente não vai esperar o David? — perguntou Andrew.

— Ele está resolvendo uns problemas — disse Bernie.

— Não de matemática, espero. — Sylvia riu.

Ela serviu salada para Andrew e para si.

Eddie não conseguia afastar a sensação de que os Johnsons estavam agindo de um jeito mais estranho do que o habitual. Eles sempre foram bregas, mas tinham motivo para estarem alegres? Ele tinha parado de seguir as postagens da Sylvia no Facebook porque pareciam desesperados demais para provar como ela se divertia. No trabalho de Eddie, as pessoas que pediam empréstimo ou queriam abrir conta raramente diziam mais do que precisavam. Se dissessem, ele começaria a desconfiar de que estavam encobrindo alguma coisa.

Quando Eddie estava prestes a pegar salada, a campainha tocou.

— Quem pode ser?

Eddie viu o cachecol laranja do David pelo vidro na porta. David botou a mão no ombro de Eddie quando entrou.

— Obrigado por tomar a frente.

Ele estava usando uma camisa e uma jaqueta de couro moderna e estava com cheiro de perfume caro.

— A gente acabou de começar — disse Eddie.

— Qual é o nome dela? — perguntou Sylvia.

— Quem me dera. — David se sentou. — Minha faxineira teve que ir cuidar do pai e tirou uns dias de folga.

— O que ele tem? — perguntou Larissa.

— Pneumonia, acho — disse David.

— Você está nos dizendo que sua casa está uma zona? — perguntou Bernie.

David pegou um pouco de salada. Eddie notou que não tinha sobrado quase nada para ele.

— Podem acreditar, eu preferiria estar cozinhando pra vocês do que arrumando minha casa — declarou David.

— Bom, é melhor você tirar as latas de cerveja e caixas de pizza e o que mais você tiver por lá — disse Bernie. — Na próxima vez, o prato principal é seu.

— Você sabe que ele vai pedir pizza — disse Sylvia.

David se virou para Larissa.

— Você é a nova Yolanda? — perguntou ele.

— Larissa — disse ela baixinho.

A taça de vinho dela estava quase vazia, e Eddie a encheu.

— Ele não quis dizer isso — disse Sylvia. — É só porque você comprou a antiga casa da Yolanda.

— Bom, eu fico feliz — disse David. — Mesmo que você só tenha se mudado por causa da padaria.

— Eu precisava de uma mudança — disse Larissa. Ela olhou para o prato como se estivesse se sentindo mal.

— Quem não precisaria depois do que você passou — disse Bernie.

Todos se viraram para Larissa, que tinha bebido metade da taça de vinho. Eddie desejou que Becca estivesse presente. Ela era ótima em aliviar aquele tipo de situação. Ele só sabia como desviar atenção.

— Eu soube que Paul talvez venha passar um feriado — disse

Eddie.

Bernie limpou a boca com um guardanapo e o jogou sobre a salada. Que desperdício.

— Com licença — disse ela, e foi para o banheiro.

Sylvia olhou de cara feia para Eddie.

— O que foi? — perguntou Eddie.

— Você precisava mesmo falar no Paul? — disse Sylvia. — Eles se divorciaram tem poucos meses.

— Metade de um ano — disse Andrew.

— Eu achei que eles tivessem terminado como amigos — disse Eddie.

— Amigos não precisam de advogados — observou Andrew. — Não do tipo figurão que Paul contratou.

Larissa ficou vermelha.

— A gente não costuma fofocar assim — disse Eddie. — É só que Paul era parte dessa coisa toda.

— Claro que era — disse Sylvia. — Eles eram casados, né? A pobre Bernie ainda não o esqueceu.

— Tudo bem — disse Larissa.

Sua voz estava suave e parecia que ela ia chorar.

— Eu também perdi uma pessoa.

Quando Larissa encostou o guardanapo nos lábios, Eddie reparou que a mão dela estava arranhada.

— Você tem gato? — perguntou ele.

Larissa ficou imóvel e depois botou as mãos no colo.

— Eu estava montando uns móveis — disse ela.

Quando Bernie voltou do banheiro, ela estava mais interessada no vinho. Eddie tinha outra garrafa na geladeira, mas estava planejando guardar para o jogo. Pôquer combinava bem com vinho.

Mas ele estava se sentindo mal por ter mencionado Paul e, por isso, abriu a garrafa. Quanto mais rápido eles terminassem o jantar, mais rápido ele jogaria seu jogo favorito.

Andrew ficou olhando o relógio.

Ele sussurrou alguma coisa para Sylvia, que balançou a cabeça.

Ela se virou para a mesa e perguntou:

— Alguém viu a dra. Irving recentemente?

— Por que a pergunta? — indagou David.

— O pessoal do consultório diz que não sabe quando ela volta —

disse Sylvia.

— Ela faz isso às vezes — disse Eddie. — Sai de férias no último minuto. Normalmente por algumas semanas.

— Não tem outra pessoa? — perguntou Bernie. — Tem um jovem da capital.

— Você está falando do bonitão? — perguntou Sylvia. — Não, nossa Tammy quer a dra. Irving. Ela vai ter que esperar, pelo visto.

Em pensamento, Eddie estava jogando pôquer com todas as suas cartas favoritas. Ele tinha descoberto que visualizar o jogo o ajudava a vencer. Ele tinha que vencer. Tinha que vencer.

O silêncio em torno de Eddie o fez perceber que todos estavam olhando para ele. Os pratos estavam vazios, exceto o de Bernie, que não parecia querer comer mais.

— Se vocês quiserem ir em frente — disse Eddie, sem saber direito como terminar a frase. — Vou tirar os pratos.

— A gente pode ajudar — disse Sylvia.

Eddie se levantou e começou a recolher os pratos vazios.

— A máquina de lavar está quase cheia. Vou colocar essa louça e ligá-la. Não vai demorar nadinha.

Ninguém discutiu. Quando eles saíram, Eddie verificou quem tinha confirmado participar do jogo. A maioria dos nomes era nova, o que era bom. Era mais fácil ganhar de amadores.

Antes de sair de casa, Eddie deu uma última olhada no ambiente. Seu olhar parou no aparador do corredor. Não havia alguma coisa lá? Ele tinha certeza de que havia algo lá antes, mas não conseguia lembrar o quê, então trancou a porta e atravessou a rua para a casa dos Johnsons.



Prato principal

Não era que Bernie não estivesse gostando da companhia de Larissa, mas havia algo de estranho na mulher. Ela tinha entendido errado que deveria servir o bolo na casa dela?

Bernie tinha feito um esforço para convidar Larissa para jantar apesar de estar praticamente deixando uma estranha entrar em casa. Em todas as casas, na verdade, enquanto Larissa não tinha nem se

dado ao trabalho de convidá-la. Ela só levou o bolo.

Quando ficou claro que Bernie teria que se sentar ao lado de Sylvia ou de Larissa, ela decidiu na mesma hora se sentar ao lado de Sylvia.

— É coisa da minha cabeça ou vocês mudaram alguma coisa aqui? — perguntou Eddie.

Sylvia riu e enrolou uma mecha de cabelo no indicador.

— Você foi certo. Sabe dizer o que está diferente?

— Esse vaso é novo — disse Bernie.

Ela odiava aquela brincadeira. Os Johnsons sempre ostentavam as coisas, como se gostassem de se exhibir. Cortinas novas, pratos de marca, taças idiotas de cristal. Nem todo mundo podia comprar esse tipo de coisa. Será que eles pensavam nisso?

— O tapete, talvez? — perguntou Eddie.

— Nós compramos algumas coisinhas — disse Sylvia. — Mas a maioria das coisas é velha, nós só mudamos de lugar.

— Nosso novo amigo é designer — disse Andrew.

— O que veio aqui semana passada? — perguntou David.

Sylvia arregalou os olhos.

— Como?

— Eu não pretendia espionar, mas vocês moram em frente a mim.

— E você por acaso estava olhando? — perguntou Bernie.

Os lábios dela perderam a cor. Em que aquela cidade tinha se transformado? Gente espionando umas às outras? Será que alguém a espionava? Ela fez um esforço para parecer chateada.

— O que eu posso dizer — disse David. — Provas de matemática não são muito interessantes.

Andrew serviu vinho. Virou a garrafa para Bernie, para ela poder ver o adesivo dourado grande no gargalo. Grande coisa. Eles estavam servindo vinho caro. Quem se importa?

— Não monopoliza seus amigos — disse Bernie. — A gente adoraria conhecê-los.

Como Paul tinha levado tudo, sua casa parecia barulhenta e fria. Seria bom dar uma rearrumada, principalmente se fosse de graça, mas os Johnsons não estavam ouvindo.

— Devido à demanda popular... — Sylvia apontou para o painel na mesa. Outro item de marca, sem dúvida.

— Pimentão recheado? — perguntou David. — É meu prato favorito.

Bernie não queria compartilhar esse entusiasmo. Sim, o pimentão era bom, mas isso porque eles nunca faziam quase nenhum outro prato.

— Andy só precisa terminar o purê, né, querido? — disse Sylvia.

Andrew foi até a ilha da cozinha e fez um showzinho ao amassar as batatas. Pelo menos ele era um colírio para os olhos. Ele adicionou leite e manteiga e fez aqueles movimentos bobos que as pessoas chamavam de dança.

Larissa estava explicando alguma coisa para Sylvia, que assentiu.

— Ah, querida — disse Sylvia. — Não deve ter sido fácil.

Bernie conhecia muito bem arrependimento e coisas que poderiam ter sido evitadas. Ela não sabia se o sentimento seria melhor caso Paul tivesse morrido. Se a partida dele não tivesse a ver com estar infeliz, mas com algum erro médico idiota, como com o noivo de Larissa.

O estômago de Bernie parecia uma pedra. A cabeça estava girando. Ela se levantou.

— Com licença. Preciso usar o banheiro.

Quando chegou ao banheiro, ela retocou a maquiagem e parou na frente do espelho. As risadas vindo da sala a fizeram se encolher.

Aqueles eram *seus* amigos, mas estava na cara que eles estavam se divertindo bem mais quando ela não estava junto. Não era assim quando Paul estava com ela.

Talvez eles preferissem que ele estivesse lá. Ah, paciência. Aqueles companheiros de jantar eram a única coisa que Paul não tiraria dela.

Na volta, Bernie parou no corredor. Eles que se divirtam, pensou ela. Ela já tinha comido o pimentão e não estava com muito apetite agora.

O quarto dos Johnsons estava fechado, mas com cheiro de incenso. Eles teriam redecorado a casa toda? Eles não se incomodariam se ela desse uma espiada. Talvez eles não quisessem apresentá-la para os amigos designers, mas ela podia pegar umas ideias ao olhar.

Bernie abriu a porta do quarto. A tinta carmesim na parede parecia nova, mas, fora isso, nada parecia novo, exceto dois anéis de metal presos a uma parede. Para fazer exercícios, sem dúvida. Andrew devia estar malhando para ficar musculoso daquele jeito.

Bernie estava indo fechar a porta quando seu olhar se desviou para o chão. Ela ofegou.

Ora, ora, ora, pensou Bernie. As correntes não pareciam feitas para

exercícios, não com uma coleira de couro na ponta. O que os Johnsons faziam com aquelas coisas?

O coração de Bernie estava batendo forte quando ela fechou a porta. Ela respirou algumas vezes e tentou entender o que tinha visto. Teria entendido errado? Devia ter. Eles nunca fariam aquilo.

Mas ela não podia voltar assim. Eles veriam o choque no rosto dela. Não. Ela tinha que botar os olhos em algo puro e inocente, algo que restaurasse sua fé nos amigos e vizinhos.

O quarto de Tammy ficava ao lado do quarto principal. Bernie sabia que Tammy estava viajando. Ela enfiou a cabeça no quarto e quase caiu.

Escuridão. Ecuridão e mais correntes. Algo parecido com aquele guarda-chuva que aparece na televisão quando entrevistam alguém e um tripé grande.

Subiu bile do estômago de Bernie. Ela fechou a porta. Eles deviam ter trancado, pensou Bernie. Deviam ter trancado a casa inteira.

Ela tentou não olhar para Sylvia e Andrew quando voltou. Havia pimentões recheados e purê distribuídos igualmente entre os pratos, inclusive o dela. A visão de comida deixou Bernie enjoada.

— Meu estômago está incomodando de novo — disse ela, e se sentou.

— Ah, você sempre diz isso — disse David.

— Nós sabemos que você come mais do que todo mundo — disse Andrew.

Bernie cutucou o pimentão com o garfo. Um pouco do recheio saiu. A comida estava com gosto bom, mas quando Bernie botou um pouco na boca, precisou fazer um esforço para engolir.

— Eu estava dizendo para Larissa não acreditar em tudo que dizem — disse Sylvia.

Bernie se deu conta de que Sylvia estava falando com ela.

— O que estão dizendo? — perguntou Bernie.

— Você sabe, o de sempre — disse Sylvia. — Coisas sobre a padaria.

— Ah, por favor — disse Andrew. — Como se alguém fosse acreditar que aquele lugar é mesmo amaldiçoado.

— Andrew está certo — disse Bernie. — A padaria não é amaldiçoada. A família que é.

David riu, mas parou. Ninguém mais riu. Todos fingiram comer.

— Não precisa acreditar se não quiser — disse Bernie. — Isso não muda o fato de que os Noonans são amaldiçoados. Há mil anos.

David soprou os lábios.

— Isso significaria que a maldição vem da época dos vikings.

— E vem — disse Bernie.

— Tinha bolo? — perguntou Sylvia.

— A palavra *cake*, bolo em inglês, é originária disso — disse Bernie. — Em norueguês, *kaka* significava bolo.

— Até onde eu sei, não tem nada provado — disse Andrew.

— Dito como um verdadeiro advogado — declarou Eddie.

Bernie pensou em comer purê de batata, mas decidiu amassá-lo com o garfo e esconder no molho. Pelo menos o vinho estava bom. Ela bebeu mais.

— Por isso que foi tão barata? — perguntou Larissa. — O preço foi muito bom.

— Não liga pros boatos — disse David. — Você é a nova gerente, e isso que conta.

Ele parecia estar flertando com Larissa, mas David gostava de flertar. Se não fosse um hobby para ele, poderia ser um emprego.

— Acho que vamos ter que esperar e ver — disse Bernie.

As bochechas de Larissa estavam coradas, talvez do vinho, talvez de toda a atenção que ela estava recebendo. A aposta de Bernie era no vinho.

— Meu Deus, estou feliz de estarmos fazendo isso — disse Sylvia. — Eu achei que vocês iam cancelar de novo.

Bernie apertou os lábios. Usar o nome do Senhor em vão em uma casa profana, além de tudo...

Andrew devia ter visto o olhar dela, pois ele ergueu a taça.

— Sério, pessoal, vamos fazer isso mais vezes — disse ele.

Todos bateram os copos e comeram os pimentões recheados.

— Está uma delícia — disse Larissa. — Eu ia adorar ter a receita.

Bernie não disse nada. Ela teria oportunidade de descobrir sozinha se fosse lá mais uma ou duas vezes. Com os Johnsons, era pimentão recheado ou linguado no forno. Uma vez, eles tentaram fazer frango assado, mas ficou seco e esquisito. Bernie comeu mesmo assim.

O telefone de Sylvia despertou Bernie dos pensamentos.

— É Tammy — disse Sylvia, e foi para os fundos da sala. Ela sabia o que a filha andava fazendo no quarto? Devia saber. Talvez até

aceitasse. O que Bernie sabia da vida moderna atual? Mas não se incomodaria nadinha de saber menos.

Alguns momentos depois, Sylvia voltou e sussurrou alguma coisa no ouvido de Andrew.

— Com licença — disse Andrew.

Eles saíram.

Um barulho no corredor fez Bernie pensar que eles estavam movendo alguma coisa. As correntes, talvez. Ela não ousava pensar que eram para Tammy. Aquela pobre garota fofa devia ter sofrido.

— Tudo bem aí? — perguntou Eddie.

— Podem nos ignorar — disse Andrew. — Nós não vamos demorar.

Quando Sylvia voltou, ela estava com um sorriso falso na cara.

— Tammy não está se sentindo bem e vai voltar hoje — disse Sylvia.

Andrew acenou para eles enquanto falava no celular. Ele foi para o terraço e fechou a porta.

— Me desculpem — disse Bernie. — Mas eu tenho bexiga nervosa... — Ela não disse mais nada porque ninguém estava ouvindo.

Bernie foi para o banheiro. A janela estava aberta e era voltada para o mesmo lado do terraço. Mesmo sem tentar, dava para ouvir Andrew falando.

— Não, só hoje — disse ele.

Ele parecia estar fumando.

— Isso mesmo. Tudo bem? É, desculpa pular fora assim. No próximo fim de semana está ótimo — disse ele. — Tudo bem, vou dizer pra ela. Desculpe de novo.

Andrew acendeu um cigarro. Bernie deu descarga e voltou para a mesa. Seu prato era o único ainda cheio. Ela forçou algumas garfadas pela garganta, botou os talheres de lado e cobriu os restos no prato com o guardanapo.

Suas costas começaram a doer. Ela deveria ir para outro lugar. Mas para onde? Larissa não planejava recebê-los em casa, obviamente.

— Mal posso esperar pra experimentar aquele bolo — disse Bernie.

Quanto antes eles saíssem, mais rápido ela poderia parar de pensar nas coisas horríveis no quarto de Tammy.

— Devo ir buscar? — perguntou Larissa.

— A gente pode comer na sua casa — disse Bernie.

Um olhar para os olhos grandes de Larissa disse para Bernie que era para ela esquecer. Hospitalidade não contava para nada atualmente.

— Me desculpem — disse Larissa. — Não sei se minha casa está apresentável.

— Sei bem o que é isso — disse David.

— E o que a gente faz? — perguntou Bernie.

Ela não se importaria de ir para outro lugar desde que eles fossem também. Mais um minuto naquela casa...

— Por que a gente não fica aqui? — perguntou Andrew. — A gente não se importa, né, amor?

Sylvia balançou o cabelo e sorriu.

— Claro que não.

— Tudo bem — disse Bernie. — Vou lá buscar o bolo.

— Ah, eu não me importo — disse Larissa. — Quero poupar você do trabalho.

Bernie ficou surpresa demais para reagir. Aquela mulher esperava mesmo que Bernie desse a ela a chave de casa? E se ela fosse uma ladra? Ela poderia fazer uma cópia só apertando a chave em sabonete.

— É melhor eu ir junto. A fechadura da Bernie tem humor próprio — disse Eddie. — Você precisa saber o que fazer.

Bernie suspirou.

— Não quebrem nada — disse ela, e entregou a chave para Eddie.



Sobremesa

Quando Larissa e Eddie voltaram com o bolo, Eddie estava com uma expressão abalada nos olhos. Poderia ele ter descoberto? David não sabia dizer. Larissa, a nova vizinha, parecia perfeitamente normal, alegre, até, na hora que botou o bolo no meio da mesa.

David não gostava muito de sobremesa, mas também não podia ir embora, porque já tinha chegado atrasado.

— Eu pedi uma coisa que estivesse fora do menu — disse Larissa.

Ela abriu a boca. Um silêncio coletivo foi seguido de algumas tossidas. Os Johnsons murmuraram alguma coisa um com o outro. David se inclinou para perto para ver qual era o motivo da agitação.

O bolo era bem simples: de chocolate com casca de laranja caramelizada em cima.

— É o bolo Veludo Escuro? — perguntou Eddie.

— Não diz o nome — declarou Sylvia.

— O que está acontecendo? — perguntou Larissa.

Os olhos dela eram arredondados como os de um coelho, uma qualidade que David achava atraente nas mulheres.

Bernie se inclinou sobre o bolo e quase encostou as pontas do cabelo na cobertura.

— Não pode ser — disse Bernie. — Não tem V no alto. As laranjas foram só jogadas em cima.

Larissa parecia genuinamente perplexa. David entendia o motivo. Sendo recém-chegada, ela não tinha crescido ouvindo as histórias do bolo Veludo Escuro e todos os horrores que aquele bolo tinha levado para a família Noonan.

— É uma receita especial — disse Larissa. — Foi o que os funcionários disseram.

— Um bolo de laranja normal, então — disse David.

— Eles disseram se era com laranja sanguínea ou com a comum? — perguntou Andrew.

— Não sei — disse Larissa.

Todos deram um passo para trás, como se esperassem que o bolo se jogasse neles.

— Acho que não tem problema comer um pedaço — disse Sylvia.

— Vou cortar.

David cortou algumas fatias e as colocou em pratos.

— O recheio é vermelho — disse Eddie.

David nunca tinha achado que Eddie era supersticioso. O jeito como ele ficou longe do prato o fez repensar isso.

— Pode ser alguma fruta vermelha — disse David.

— Não estou entendendo — disse Larissa. — Tem algum problema com o bolo?

— A questão é que, se for o bolo que a gente acha que é, ele pode estar amaldiçoado — disse Eddie.

David ofereceu uma fatia para cada um, mas ninguém aceitou.

— É sério que vocês não vão nem experimentar? — perguntou David.

— Eu não sou muito fã de sobremesa — disse Bernie, e foi para o

banheiro.

— Eu estou tentando reduzir o açúcar — disse Sylvia.

— É, eu também — disse Andrew.

Eddie se virou e digitou no celular. David deu de ombros e pegou um garfo.

— Eu vou comer um pedaço — disse Larissa. — Os funcionários vão querer saber o que eu achei.

— Eddie? — perguntou David, e ofereceu um prato. — Um pedaço pequeno?

Eddie estava mergulhado em pensamentos. Ele olhou para David com um sobressalto e disse, antes de sair:

— Já volto.

David olhou pela parte de vidro da porta para ver aonde Eddie estava indo. A luz da varanda se acendeu. Ele viu que Eddie não estava indo para a casa dele, mas para a de Bernie.

David soltou um suspiro alto.

— Ele deve ter esquecido alguma coisa — disse ele para Larissa.

Ela queria servir mais vinho, mas a garrafa estava vazia.

— Talvez seja melhor a gente encerrar a noite mesmo — disse Larissa.

David se virou para os Johnsons em busca de ajuda, mas eles tinham recuado para os fundos e pareciam estar discutindo alguma coisa sobre a qual não concordavam. Ele também não se importaria de fechar a noite, mas as coisas podiam ficar complicadas com Eddie vagando lá fora.

— Eu sei onde Andrew guarda o vinho — disse David.

Ele foi até a adega e olhou as caixas de papelão no canto. O adesivo em uma delas era de um sex shop da cidade e anunciava um pacote econômico de preservativos e lubrificantes. Eles deviam ter recolhido caixas vazias de um mercado. David não conseguia imaginar nenhum vendedor de vinho respeitável usando caixas de um sex shop.

Depois de algumas tentativas, ele encontrou uma caixa de vinho e pegou a primeira garrafa disponível.

— Achei um moscatel — disse ele para Larissa. — Deve combinar com a sobremesa.

Bernie voltou do banheiro e pegou a bolsa na cadeira.

— Cadê o Eddie? — perguntou ela.

— Ele esqueceu alguma coisa. — David serviu uma taça. — Mais

vinho?

Bernie aceitou.

— Ele está com a minha chave — disse ela.

Alguns momentos depois, a porta da frente se abriu com um ruído. Eddie entrou, segurando um cachecol de seda amassado. Ele foi até Bernie e o ergueu como se fosse um prêmio.

— Como você pôde? — perguntou Eddie.

Bernie piscou e puxou o cachecol da mão dele.

— O que você está fazendo com o meu cachecol?

— *Seu* cachecol?

Eddie pegou o cachecol da mão de Bernie, virou-o e mostrou o canto.

— Becca *sempre* corta a etiqueta das roupas — disse ele.

Bernie tomou um gole de vinho.

— O que você quer dizer?

Eddie contraiu a mandíbula.

— E eu nunca te vi usando — disse ele.

— Grande coisa, nós temos o mesmo cachecol. E metade da cidade também. Estava em liquidação ano passado.

Eddie esticou o cachecol e mostrou os números para ela.

— E o seu também tem a data do nosso aniversário de casamento bordada?

David e Larissa trocaram olhares. David deu de ombros. Larissa tomou mais vinho.

Os nós dos dedos de Bernie ficavam brancos. Ela botou a taça na mesa.

— Eu quero ver o que tem nos seus bolsos — disse Eddie.

Passou pela cabeça de David que alguém poderia jogar vinho na cara de alguém. Ele tinha uma certa experiência com isso, e não era muito agradável. Ele deu alguns passos para trás. Larissa fez o mesmo.

— Seja razoável — disse Bernie. — Nós não estamos sozinhos.

— Eu sei que você pegou o broche — disse Eddie. — Eu botei no aparador e não estava mais lá quando eu saí.

— Edward, por favor.

Bernie parecia que ia começar a chorar. Eddie esticou a mão.

— Bernadette — disse ele friamente.

David nunca o tinha visto assim. Se era capaz de pressionar uma senhora de idade como Bernadette na frente de outras pessoas, quem

sabia de que ele era capaz? A boca de David estava seca. O vinho não ajudou.

— Não vamos fazer isso *agora* — disse Bernie.

— Eu vou parar quando você devolver o broche da Becca.

Bernie enfiou as mãos nos bolsos da calça e deu um passo para trás. Enquanto isso, Andrew e Sylvia tinham parado de discutir e voltado para a sala. Eles olharam para David como se ele pudesse explicar o que estava acontecendo. David deu de ombros. Larissa serviu mais vinho.

— Eddie? — perguntou Sylvia. — O que está acontecendo?

— Eu também queria saber, mas Bernadette não quer colaborar — disse Eddie.

— Qual é a do cachecol? — perguntou Sylvia.

— Ela roubou — disse Eddie. — Só Deus sabe o que mais ela levou.

Por um segundo, o rosto de Bernie se contorceu no que parecia ser um meio sorriso, mas David sabia que não era isso. Ele tinha visto mulheres demais chorarem para não perceber os sinais. Momentos depois, ela soltou um soluço.

— Você não entende! — gritou ela. — Paul levou tudo! Até as toalhas e os lençóis!

Sylvia abraçou Bernie, e Andrew serviu mais vinho. Virou tudo de uma vez e encheu a taça novamente.

— Vamos respirar fundo — disse Andrew. — O dia foi longo e nós todos bebemos um pouco demais.

— Por que você não faz um café? — sugeriu Sylvia enquanto fazia carinho no cabelo de Bernie.

Ela conseguiu levar Bernie até o sofá e a ajudou a se sentar. Bernie escondeu o rosto na curva do pescoço de Sylvia.

David verificou a hora e se perguntou se seria um bom momento para sair. Todo mundo estava presente, não haveria perigo.

— Querida, você não comprou café? — perguntou Andrew enquanto abria e fechava todos os armários da cozinha.

— Você não comprou? — perguntou Sylvia.

Bernie começou a chorar alto.

— Eu achei que ainda tinha um pacote — disse Andrew.

— Eu acho que tenho em casa — declarou David.

Se ele oferecesse café, poderia pedir licença e sair, mas, antes que

ele pudesse dizer isso, Eddie falou:

— Eu bem que gostaria de um espresso. Você ainda tem a máquina, não tem, David?

— Tenho, mas...

— Tudo bem — disse Eddie. — Vamos.

— Minha casa está uma bagunça — avisou David.

— Eu não me importo — respondeu Eddie.

— Você pode fazer o café e trazer pra cá — disse Andrew.

— Eu teria que verificar se ainda tenho — disse David.

— Eu vou com você, para o caso de você precisar de ajuda — disse Andrew.

— Traz pra mim também — pediu Sylvia.

Andrew se virou para Larissa, que parecia ter esquecido onde estava.

— Acho que eu vou também — declarou ela.

— Tudo bem. A gente já volta — disse Andrew.

— Pessoal, não tem necessidade de todo mundo ir — disse David.

Bernie começou a uivar como um lobo com pneumonia.

Andrew assentiu para David como se não houvesse alternativa. Talvez para Andrew não houvesse mesmo.

— Será que o Eddie poderia... — disse David.

Ele procurou Eddie, que já tinha saído. Seu coração afundou.

— E o bolo? — perguntou Larissa.

— Não se preocupe, ninguém vai tocar nele. — Andrew a levou para fora.

David teve dificuldade para se afastar da porta. Enquanto olhava Eddie, Andrew e Larissa foram para a casa dele, e sua mente gritou.



Café

Andrew não ficou surpreso de encontrar a casa de David destrancada. O bairro era seguro e sempre tinha alguém de olho. Mas ele se perguntou por que David tinha deixado o aquecimento no máximo. Havia algumas lâmpadas acesas também. Ao que tudo indicava, David não se importava com o meio ambiente nem com a conta de luz.

O drama todo em torno do cachecol pareceu exagerado, mas se

envolver só teria piorado as coisas. Mesmo que Bernie tivesse roubado o cachecol feio, o que Andrew poderia fazer? Se Eddie quisesse processá-la, Andrew poderia usar seu trabalho para argumentar que seria um caso fraco. Em sua experiência, a maioria dos casos se resolvia antes de chegar ao tribunal. Quanto antes todos se acalmassem e parassem de ser ridículos, mais cedo eles poderiam voltar para casa.

David passou correndo por Andrew e quase tropeçou em Larissa.

— Não precisa ter pressa — disse Andrew. — A gente não vai limpar nada.

A piada era para deixar o clima mais leve, mas David pareceu mais tenso do que quando ainda estava na casa deles.

Eddie assobiou e girou no mesmo lugar.

— Você chama isso de bagunça? — disse Eddie. — Você devia ver nossa casa quando Becca está terminando relatórios.

Exceto por uma xícara de café na mesa e um chocolate pela metade, a sala estava arrumada. Não havia a torre de caixas de pizza vazias que Andrew esperava encontrar. Talvez David tivesse finalmente começado a se cuidar, talvez alguma outra pessoa estivesse cuidando dele.

David correu até o quarto. Quando chegou lá, parou e se virou.

— Tem razão. Não está tão ruim quanto eu lembrava.

Eddie ligou a máquina de café e pegou algumas xícaras de espresso no armário. Larissa e Andrew se sentaram enquanto David enrolava, como se não soubesse o que fazer. Finalmente, ele se sentou no sofá.

— Escuta, Eddie — disse Andrew. — Eu não sei o que aconteceu com a Bernie, mas...

Eddie se virou.

— Ela é uma ladra. Foi isso que aconteceu.

— Mesmo que ela tenha pegado o cachecol — disse Andrew. — Vale mais do que uma amizade?

Eddie não respondeu. Ele só enfileirou xícaras e as contou, acrescentou uma e começou a fazer café.

Ao ouvir o som de um carro, Andrew se virou para a janela. Era cedo demais para Tammy estar de volta. Ao menos ele e Sylvia tinham conseguido levar os brinquedos de volta para o quarto. A filha aparecer no meio da festa de sexo deles teria sido no mínimo constrangedor.

— Se você espera que eu simplesmente esqueça... — disse Eddie.

— Não esquecer — disse Andrew —, mas vocês deviam conversar quando as coisas se acalmassem.

— Ela roubou o broche também, o que eu dei pra Becca de aniversário. Dá pra acreditar? Como a gente vai saber o que mais ela roubou?

Andrew ajudou Eddie a levar o café para a mesa. Eles estavam levando as últimas xícaras quando Eddie parou na metade do caminho. Ele botou o café numa superfície e apertou os olhos para a porta.

— Aquilo... é o casaco da Becca?

David deu um pulo, mas Eddie já tinha ido até o cabide de casacos. Ele tirou um casaco do gancho e o ergueu para que todos vissem. Era um casaco caramelo que parecia o da Becca.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Eddie.

— Uma das professoras deve ter esquecido — disse David.

— Professoras? — perguntou Eddie.

— Eu organizo nossa reunião mensal de ciências naturais.

David esticou a mão para pegar o casaco, mas Eddie não quis entregá-lo. Ele inspecionou o forro.

— Tem certeza? — perguntou Eddie. — Becca sempre corta a etiqueta. Assim, está vendo?

David contraiu a mandíbula. Foi nessa hora que Andrew soube.

— Nós todos ficamos meio agitados — disse Andrew. — Vamos tomar o café e...

Eddie jogou o casaco em cima do David.

— Ela está aqui, não está? — perguntou Eddie.

— Eddie, por favor — disse David.

— Não vamos tirar conclusões precipitadas — disse Andrew.

Ninguém estava ouvindo.

Eddie seguiu pelo corredor e gritou “Becca?” para cada porta fechada.

— Ela não está aqui, cara — declarou David.

Andrew poderia jurar que uma porta tinha sido trancada em algum lugar. Mas não disse nada. Eddie abriu cada porta com David e Andrew atrás. Larissa ficou na retaguarda.

A última porta era a do quarto. A porta não abriu. Eddie bateu com os dedos na madeira.

— Becca?

— Eddie — disse David.

— Por que está trancada, hein? — perguntou Eddie.

— É onde eu guardo as provas. Alguns alunos vêm aqui fazer aula.

Eu não quero correr riscos.

— Mas agora não tem perigo, né? — disse Eddie. — Anda. Destranca.

— Eddie — disse David com o tom de um pai decepcionado.

— O único motivo pra deixar trancada é se você estiver escondendo alguma coisa.

Eddie bateu na porta.

— Becca?

Andrew colocou a mão no ombro de Eddie. Eddie se soltou na mesma hora. Ele parecia determinado a pular de um drama para outro. As coisas não deveriam aumentar, não com Andrew tendo ido junto para aliviar a situação. Sylvia ficaria furiosa se ele não conseguisse acalmá-la. Por outro lado, ele não se importaria de fazer sexo com raiva depois daquilo tudo. Era quando Sylvia tinha seu melhor desempenho.

— Vamos lá, Eddie. Vamos tomar o café e voltar — disse Andrew.

— Alguém abre essa porra de porta!

Andrew arqueou as sobrancelhas para David, que deu de ombros. Ele viu nos olhos de David que Eddie estava certo. Se Eddie descobrisse que Becca estava atrás daquela porta, quem sabia o que ele faria?

— Tudo bem, se você quer ser dramático — disse David.

Eddie cruzou os braços e fez cara feia enquanto David se enrolava com a chave. Ele a inseriu na fechadura, mas só foi até a metade

— Parece que travou — disse David. — Vou precisar mandar consertar.

Ele pegou o celular.

— Está emperrada porque alguém a emperrou por dentro — disse Eddie.

Ele espiou pela fechadura.

— Alguma coisa se mexeu!

Eddie arrancou a chave da mão de David e chutou a porta.

— Se você não abrir essa maldita porta, eu vou arrombá-la, eu juro.

— Opa, opa, opa. — Andrew puxou Eddie para longe. — Vamos respirar fundo aqui, tá? Não precisa ficar violento.

— Você sabe que eu arrombo — gritou Eddie para a porta.

Alguma coisa tropeçou e caiu do outro lado da porta.

— Becca! Abre agora mesmo ou eu juro que...

A tranca girou e a porta se abriu com um gemido. Becca estava usando o roupão de David e parecia que mais nada por baixo.

— Ou você o quê? — perguntou Becca calmamente.

Larissa soltou um soluço. Todos se viraram.

— Está ficando tarde — disse Larissa.

Andrew correu até ela.

— Você se importa de ficar um pouco mais? — sussurrou ele. — Pra garantir que nada dê errado?

Larissa suspirou, mas pareceu ter cedido. Becca e Eddie se olharam com raiva.

— Há quanto tempo isso está acontecendo? — perguntou Eddie.

— Há quanto tempo nosso casamento está desmoronando? — perguntou Becca.

O rosto de Eddie se transformou. Os ombros murcharam.

— É isso que você quer? — perguntou Eddie.

Andrew prendeu o ar. Todo mundo pareceu estar esperando para expirar.

— Você saberia o que eu quero se me escutasse — disse Becca.

— Eu te escuto — disse ele.

David tentou sair, mas Larissa estava bloqueando a passagem.

Talvez as coisas não estivessem tão ruins quanto pareciam. Afinal, quando aquilo acabasse, Becca e Eddie, ou talvez até Becca e David, também abririam as mentes para outras coisas.

— Se escutasse, você não teria gastado nossas economias no jogo — disse Becca. — E achado que poderia resolver tudo com seus presentes idiotas.

Eddie olhou para baixo e enfiou as mãos nos bolsos. Tirou o cachecol feio que tinha tirado de Bernie.

— Você não achou isso idiota quando eu te dei — disse ele.

— Eddie. Não.

— O broche também foi idiota, né?

— Aqui não é lugar, Eddie.

— Se é idiota, você não se importaria que eu desse tudo, né?

Becca apoiou a mão no quadril.

— Vamos conversar quando eu chegar em casa.

— Pra quê? Parece que você já decidiu que acabou.

— Eu acho que Becca está tentando dizer... — disse Andrew.

Becca balançou a cabeça.

— Não, Eddie está certo. Ele não pode mais consertar isso. Ninguém pode.

O cachecol caiu das mãos de Eddie.

— Tudo bem. Como você decidiu ir embora, vou arrumar suas coisas.

— Eddie — disse Andrew. — Não precisa fazer nada agora. Se a gente só parasse um momento e...

Eddie voltou os olhos apertados e furiosos para Andrew.

— Que se foda — disse ele. — Se é assim que ela quer as coisas, tudo bem. Vou ficar bem com o que eu ganho no pôquer.

Ele se virou para Becca.

— Vou me livrar de todos os presentes idiotas que você disse que não quer.

— Fique à vontade — disse Becca.

Por um momento, o ar ficou carregado. As entranhas de Andrew estavam pulsando.

— E aí, está esperando o quê? — perguntou Becca.

Eddie se virou, saiu e bateu a porta. Andrew ficou com a sensação de que alguém tinha parado de o empurrar para o chão.

— Eu preciso de uma bebida — disse ele.

— E se ele voltar? — perguntou Larissa. — E se ele ficar violento?

— Isso não vai acontecer — disse Andrew. — Mas você está certa. A gente não devia ficar aqui, só por garantia.

Todos se olharam. Andrew ficou com a sensação de que tinha que falar com clareza.

— Bom, Bernie ainda está na minha casa — disse ele.

— Ele não é louco, mas a gente também não pode ir pra nossa casa.

Andrew olhou para Larissa.

— Acho que só sobra a sua.

— Eu não tenho nada pra oferecer — disse Larissa.

David abriu um armário e pegou uma garrafa de conhaque, que entregou para Larissa.

— Aqui, toma isso — disse ele.

— Uma bebida forte cairia bem — disse Becca. — Vou me vestir.

Larissa abriu um sorriso amargo. Andrew teve a impressão de que o rubor tinha desaparecido das bochechas dela.



Conhaque

Becca vestiu a camisa de David e prendeu um cinto para que parecesse um vestido. Calçou sapatos e pegou o casaco.

— Vamos?

Era uma caminhada curta. Becca gostou de sentir o ar fresco. Passar a noite trancada no quarto de David não foi exatamente sua ideia de diversão.

Andrew e David saíram correndo enquanto ela e a nova vizinha ficavam para trás.

— Desculpe, não sei seu nome — disse Becca.

— Larissa — disse a mulher.

Ela não parecia estar com pressa de ir a lugar nenhum.

Andrew e David estavam discutindo alguma coisa, mas Becca não conseguiu ouvir, embora o jeito como David retorcia as mãos e olhava para os pés fizesse Becca ter certeza de que tinha a ver com Eddie.

Pelo menos ela e David não precisavam mais se esconder. O ano anterior tinha sido tão tenso quanto excitante.

— Você devia conversar com eles — disse Larissa. — Não acho que seja uma boa ideia ir pra algum outro lugar agora.

Becca achou o comentário estranho, considerando que Andrew e David já estavam na antiga casa de Yolanda.

— A gente não vai demorar — disse Becca. — Eu posso ajudar — acrescentou ela, embora não tivesse muita certeza de com quê.

— Tudo bem — disse Larissa.

Ela pegou as chaves e olhou para elas por um momento. Os dedos de Becca ficaram dormentes de frio. Estava mais frio lá fora do que ela gostava de admitir.

Andrew esfregou os braços.

— Não deixa a gente congelar.

Larissa suspirou, inseriu a chave e a girou lentamente.

Do lado de dentro, a casa não parecia mais quente do que do lado de fora. Becca abotoou o casaco. A luz branca fazia o local parecer um armazém. As caixas espalhadas pelo chão também. Becca reconheceu o adesivo de uma loja de móveis grande. Algumas caixas estavam presas com fita adesiva e tinham coisas escritas. Como não havia cadeiras, Becca se sentou em uma das caixas.

— Eu não tive a oportunidade de arrumar as coisas — disse Larissa.

Ela pegou alguns copos empoeirados numa caixa e os levou até a pia. Andrew ajudou a lavar e distribuir os copos.

— Se você precisar de ajuda pra montar as coisas... — disse David.

Becca olhou para ele de cara feia. Eles nem tinham tido oportunidade de conversar sobre o que eles queriam fazer agora que eles podiam, e ali estava ele, oferecendo o tempo livre para montar os móveis de outra pessoa.

— Existem serviços que podem ajudar com isso — disse Becca.

Eles precisariam acertar algumas coisas se queriam que aquele relacionamento desse certo.

— Está tudo bem — disse Larissa. — Eu não me importo de eu mesma fazer, só preciso de tempo.

Andrew serviu uma boa quantidade de conhaque em cada copo.

— Se é que eu posso perguntar, vocês dois vão morar juntos?

— Bom — disse David.

— Provavelmente, por enquanto — disse Becca.

Ela não estava muito animada com a ideia, mas pagar um hotel pareceu absurdo. Quando ela e Eddie vendessem a casa, ela compraria um apartamento. Alugaria se as coisas fossem bem.

O conhaque fez a garganta de Becca arder, mas deixou um gosto bom e dormente na boca.

— Acho que Eddie vai mudar de ideia em algum momento — disse Andrew.

— Eu não ficaria surpresa — disse Becca. — Eu estou tentando falar com ele já tem um tempo. Não estou, David?

David inspirou fundo.

— Ele nunca tentou parar, então? — perguntou Andrew.

— Eu não quero falar sobre o Eddie — disse Becca.

Ela se virou para Larissa em busca de apoio, mas Larissa estava olhando para o copo como se sua cabeça estivesse em outro lugar.

— Bom, se você precisar de um lugar pra ficar — disse Andrew.

— As minhas coisas já estão no David — disse Becca.

— É. — David se mexeu na cadeira.

A campainha parecia um papagaio engasgado. Larissa se levantou, a bebida ainda nas mãos.

— Se for Eddie... — disse David.

— Duvido — disse Becca.

Larissa destrancou a porta.

— Então é aqui a festa agora — disse Sylvia. Ela apontou para o copo de Larissa. — Tem mais disso aí?

Andrew serviu um copo e o deu para ela. Sylvia se sentou.

— O que deu no Eddie? — perguntou ela. — Ele saiu com bolsas cheias de coisas e deu tudo pra Bernie.

— O que ela fez?

— Eles gritaram um com o outro por um tempo, Bernie foi embora e Eddie voltou pra casa.

Sylvia tomou um gole de conhaque e se virou para Becca.

— Você está aqui!

O olhar dela desceu do casaco para as pernas quase expostas de Becca. Em seguida, ela olhou para David, que estava de cabeça baixa.

— De qualquer modo... — disse Sylvia. — Saúde.

Eles tomaram o conhaque. Larissa ergueu a garrafa.

— Alguém quer mais? — perguntou ela.

Algumas pessoas deram de ombros e ela deu outra volta e esvaziou o que restava da garrafa no próprio copo.

Becca se perguntou por que ela estava com tanta pressa. Foi nessa hora que ela ouviu um som abafado.

— O que foi isso? — perguntou Becca.

— O que foi o quê? — perguntou Andrew.

Eles fizeram uma pausa. Se Becca se concentrasse, ela conseguia ouvir um som sufocado, como se alguém estivesse batendo no vizinho.

— Isso — disse Becca.

Ela se levantou.

— Não estou ouvindo nada — disse Larissa.

— Becca está certa — disse Sylvia, e botou o copo na mesa. — Eu também estou ouvindo. Parece um rato.

Alguma coisa tropeçou e rolou no chão. Um gritinho baixo como o piado de um pássaro.

— Devem ser os grilos — disse Larissa.

— Não no inverno — disse Becca.

— Quase parece uma pessoa — declarou Sylvia.

O ruído voltou. Becca quase diria que parecia alguém dizendo “forro”.

— Tem certeza de que estamos sozinhos? — perguntou David. — Se Eddie tentasse...

— Dá um tempo, tá? — disse Becca. — De que você tem tanto medo? Eddie não consegue matar nem um mosquito.

Houve um baque alto, como se alguma coisa tivesse batido na porta. Andrew botou a bebida de lado.

— É melhor a gente ir dar uma olhada.

Andrew seguiu pelo corredor. Becca esticou a mão para David. Com relutância, ele segurou a mão dela e foi atrás.

Enquanto eles andavam, os baques ficaram mais frequentes e pronunciados.

— Talvez seja um morcego — disse Sylvia, e esticou a mão para segurar a de Andrew. — Aconteceu com a gente no ano passado.

Quanto mais Becca ouvia, mais parecia que alguém estava dizendo “Socorro”.

Em algum lugar nos fundos, uma maçaneta girou. Andrew abriu cada porta com o pé, mas só encontrou mais caixas e aposentos vazios.

— Tem alguém fumando? — perguntou Sylvia.

Andrew abriu a última porta com o pé. Algo rolou para o corredor. Becca cobriu a boca.

— Meu Deus — disse Sylvia. — É a dra. Irving?

No chão, havia uma mulher amordaçada e amarrada com corda e fita adesiva. Andrew a soltou.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ele.

Assim que ele arrancou a fita da boca da dra. Irving, a médica gritou:

— Chamem a polícia!

— O que está acontecendo? — perguntou David.

— Ela é maluca. Acha que eu matei o noivo dela. Vocês precisam me ajudar — disse a dra. Irving.

— Larissa? — perguntou Andrew.

Ninguém respondeu.

— Pra onde ela foi? — perguntou Sylvia.

— Ela estava aqui um segundo atrás — disse Andrew.

— Rápido, David — disse Becca. — Me dá seu telefone.

O peito dela estava disparado. Ela estava com dificuldade para respirar.

— Eu deixei em casa — disse David.

— Tudo bem, qualquer telefone. Alguém?

— Eu não trouxe o meu — disse Andrew.

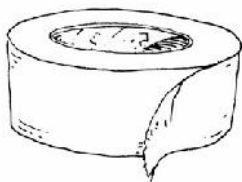
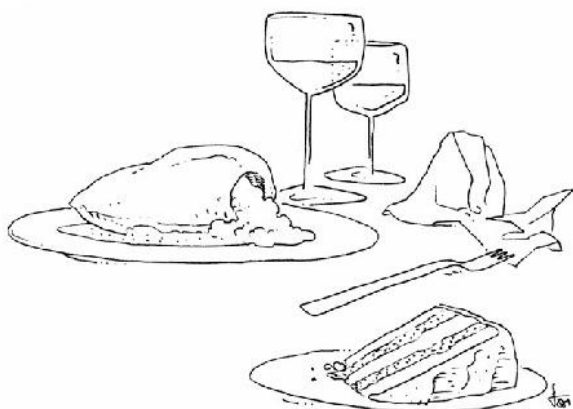
Sylvia ajudou a desamarrar a dra. Irving.

— Tudo bem. Vamos voltar — decidiu Andrew.

Ele tentou abrir a porta da frente. Estava trancada.

— O que a gente faz? — perguntou David.

Becca estava se virando para responder quando seu queixo caiu. Havia fumaça vindo na direção dela. A luz dançava estranhamente em volta da porta, como se múltiplas tochas estivessem tentando passar. Foi nessa hora que ela notou as chamas lambendo com prazer as laterais da porta.



AS RECEITAS

As receitas neste livro são bem ecléticas e seguem a ordem dos contos. A maioria dos pratos é simples e fácil de fazer. Os que esperavam uma receita elaborada do cardápio do “Momentos” talvez se decepcionem. Como eu nunca tive oportunidade de comer lá, tive que inventar os pratos. No entanto, se houver algum prato desses contos que você esteja querendo fazer, vou gostar de saber.

Os pratos que você vai encontrar aqui incluem meus favoritos de todos os tempos, como “A massa proibida”, “Pimentão recheado” e “Strudel de abobrinha”. Este último apareceu em duas histórias diferentes. Embora eu não seja chef, até cozinheiro direitinho e sou uma pessoa que ama comida. Gosto de experimentar sabores e pratos novos e tenho prazer com a minha comida. Se bem que acho que, depois de publicar um livro chamado *Acréscimo cianureto a gosto*, os pedidos para eu cozinhar devem despencar.

Quase todas as receitas são relacionadas aos contos. Quase? Tem uma solta, passeando por aí, procurando um lar. Talvez você encontre um conto bom para ela. Se encontrar, pode me escrever para contar. Eu adoraria saber. Se você for do tipo de leitor que gosta das suas histórias com comida, eu adoraria ver o que você está comendo enquanto lê este livro. Vou compartilhar minhas fotos com a hashtag #Cyanide2Taste. Fico ansiosa para ver as suas.

Antes de você ir cozinhar, quero compartilhar um pouco da sabedoria da minha mãe. Não tenha pressa e crie um bom clima. Eu costumo cozinhar com música. É sempre melhor ouvir músicas de que você gosta. Mas, caso esteja com um certo espírito de aventura, procure minha playlist “Add Cyanide to Taste” no Spotify. Inclui uma lista de músicas que deram à luz, inspiraram ou se refletiram nessa coleção de contos.

Talvez seja desnecessário dizer, mas, por favor, não acrescente cianureto a nenhum dos pratos.

Nhoque de abóbora da Janice

A maioria das pessoas teve pelo menos um emprego em que precisou trabalhar para um chefe horrível como Bert Oxley. Espero que alguns tenham conseguido enfrentar a situação com a graça e a tenacidade de Janice, exceto pela parte do assassinato, claro. Quando tentei perguntar a Janice sobre seus pratos favoritos, ela foi bem evasiva. Então, fiz o que qualquer escritor com respeito próprio faria e a segui até ela ficar com fome e se sentar para comer. O que posso dizer sobre Janice é que eu nunca a vi comer carne.

Mas ela gosta de variedade na comida, e é por isso que essa receita de nhoque de abóbora tem três opções de molho. O nhoque em si é a minha variação de receitas existentes, muitas das quais eu gostei, mas achei que poderiam ser melhoradas. Assar a abóbora em vez de ferver, por exemplo, reduz a umidade e intensifica o sabor.

Esta receita é para duas pessoas que comem bem ou três que comem quantidades normais. O nhoque também pode ser congelado e pode ser uma surpresa deliciosa quando a geladeira está vazia e você está prestes a abrir uma lata de legumes vencidos que encontrou na despensa.

Tempo de preparo: cerca de 2 horas para fazer o nhoque e mais 15 minutos para o molho

Ingredientes de nhoque de abóbora:

300 g de abóbora assada

150 g de batata-doce assada (1 unidade média)

620 g de farinha de trigo e um pouco mais para polvilhar

100 g de ricota integral

30 g de queijo parmesão ralado

1 ovo

½ colher de chá de sal

pimenta-do-reino moída a gosto

Aqueça o forno a 220 °C.

Tire as sementes da abóbora e corte-a em fatias da largura da palma da mão. Não há necessidade de descascar, pois você vai raspar a polpa quando estiver assada. Corte a batata-doce ao meio, acrescente à assadeira e jogue azeite sobre os legumes. Asse por 45-50 minutos, até começarem a dourar.

Quando a abóbora e a batata-doce estiverem assadas, retire a polpa com uma colher e coloque-a numa tigela grande. Deixe esfriar antes de amassar até virar uma polpa, usando um mixer. Acrescente o sal, a pimenta, a ricota, o parmesão e o ovo e misture. Acrescente a farinha aos poucos, até a massa dar liga. A quantidade final de farinha vai depender da umidade da abóbora amassada. Use uma batedeira com gancho de massa em velocidade baixa ou faça isso à mão. Se a abóbora estiver mais para úmida, você talvez precise acrescentar mais farinha. O objetivo é obter uma massa que esteja macia, mas moldável. Quando estiver pronta, a massa ainda vai estar um pouco grudenta, mas, se você polvilhar mais farinha, vai ficar com uma consistência similar a massa de pão. Se você não costuma fazer pão, aperte o lóbulo da sua orelha; a massa deve ter essa sensação.

Pegue um punhado de massa e coloque em uma superfície polvilhada de farinha. Com os dedos, modele a massa em um rolinho, começando no meio e expandindo para as beiradas. Quando tiver um rolo da grossura de uma salsicha de cachorro-quente, corte os pedaços de tamanho de nhoque. Aperte cada pedaço com as costas de um garfo para criar vãos em que o molho vai grudar.

Ferva o nhoque em água; fica pronto em poucos minutos ou quando as bolinhas subirem para a superfície. Escorra o nhoque antes de colocar no molho da sua escolha. Os três molhos são receitas conhecidas que eu amo fazer, mas não posso ter o crédito delas.

Se acabar sobrando purê de abóbora, tempere com sal, pimenta e um toque de noz-moscada e coma como acompanhamento.



Tempo de preparo: 10 minutos

Ingredientes:

25 folhas de sálvia
50 g de manteiga
sal e pimenta a gosto

Derreta a manteiga em fogo baixo e acrescente o nhoque cozido e escorrido e as folhas de sálvia. Frite até começarem a ficar marrons, acrescente sal e pimenta a gosto e sirva ainda quente.



Molho à sorrentina para 2

Tempo de preparo: 15 minutos

Ingredientes:

1 colher de sopa de óleo de canola
1 cebola amarela (100 g) picada
60 g de muçarela cortada em pedaços
300 ml de purê de tomate
1 colher de sopa de orégano fresco (ou 1 colher de chá de orégano desidratado)
algumas folhas de manjeriçã fresco
sal e pimenta a gosto

Frite a cebola no óleo e acrescente o sal e o orégano. Quando a cebola ficar transparente, acrescente o purê de tomate e a muçarela. Deixe o queijo começar a derreter e desligue o fogo. Acrescente pimenta fresca, jogue o molho sobre o nhoque e decore com as folhas de manjeriçã fresco.



Molho de queijo feta e tomate para 2

Tempo de preparo: 15 minutos

Ingredientes:

- 1 colher de sopa de óleo de canola
- 2 dentes de alho bem picados
- 150 g de queijo feta em cubos
- 300 g de tomates-cereja cortados ao meio
- sal e pimenta a gosto

Frite o alho no óleo. Acrescente os tomates-cereja. Deixe os tomates começarem a desmanchar e acrescente o queijo feta. Depois que o queijo derreter, desligue o fogo e sirva com o nhoque.

Frango assado do Bert Oxley

Este é o único prato do livro que eu não experimentei porque não como carne. Meu marido se ofereceu com entusiasmo para ajudar. Estou começando a desconfiar que não foi só por causa do livro. Nós não necessariamente concordamos sobre os hábitos alimentares de Bert Oxley, como, por exemplo, se ele pediria um frango inteiro (eu acho que sim) e o que faria com os restos. Meu palpite foi que ele levaria para o cachorro. Meu marido achou que ele não era do tipo que tinha cachorro. E acho que ele está certo. Nem Bert Oxley consegue comer um frango inteiro e ele provavelmente não se importaria nem um pouco com desperdício de comida.

Ainda assim, espero que o destino de Oxley não te impeça de preparar o prato.

Tempo de preparo: de 1h30 a 2 horas

Ingredientes:

- 1 frango
- ½ limão (orgânico e bem lavado)
- 1 ramo de orégano
- 1 ramo de tomilho
- 1 colher de chá de pimenta
- 1 colher de chá de sal
- 1 colher de chá de páprica doce em pó
- ½ colher de chá de pimenta-da-jamaica
- ½ colher de chá de orégano desidratado
- azeite

Pré-aqueça o forno a 200 °C e escolha uma assadeira grande em que o frango caiba. Também é necessário pesar o frango para estimar o tempo de forno.

Cubra a assadeira com uma camada fina de azeite. Misture os

temperos e acrescente metade a essa camada de azeite. Coloque o ramo de orégano e o de tomilho no fundo da assadeira. Coloque o frango em cima com o peito para o alto. Coloque o limão ao lado do frango. Massageie bem o frango com o azeite, até estar coberto. Isso vai fazer toda a diferença para você não acabar com um frango ressecado e sim com um suculento. Polvilhe o resto dos temperos sobre o frango.

Para assar, recomendo seguir a fórmula da Nigella Lawson: 20 minutos para cada meio quilo de frango e um adicional de 30 minutos. Assim, para 1 quilo de frango, isso significaria que você teria que assá-lo no forno por 70 minutos. Quando o tempo acabar, desligue o forno e deixe o frango lá dentro por mais 20 minutos.

Chocolate quente

Muitas coisas se passam por chocolate quente atualmente, quer incluam chocolate de verdade ou não. Depois de morar na Bélgica, eu aprendi a apreciar o sabor do verdadeiro chocolate, e aqui está minha xícara perfeita de chocolate quente, inspirada nas criações de Christina Tosi com leite. Para fazer uma versão vegana, substitua o leite por uma bebida de aveia ou soja.

Tempo de preparo: 10 minutos

Ingredientes para 1 xícara:

40 g de chocolate amargo (70% de cacau ou mais)

250 ml de leite no qual você deixou de molho sua granola ou seu cereal favorito

½ a 1 colher de chá de açúcar de baunilha

uma pitada de canela

uma pitada de cardamomo moído

uma pitadinha de sal

Deixe seu cereal ou granola favorita de molho no leite por 10 a 15 minutos. Coma a granola e coloque o leite numa panelinha com o chocolate. Acenda o fogo entre baixo e médio.

Quando o chocolate começar a derreter, tire a panela do fogo e coloque o leite com o chocolate num liquidificador. Um mixer de mão também serve. Misture o chocolate e o leite até não haver mais chocolate visível, o que leva cerca de um minuto.

Acrescente o açúcar e os temperos. Se você gosta do seu chocolate doce, pode pular o sal e botar mais açúcar. Aprecie seu chocolate quente.

Schnapps de mirtilo

Na Eslovênia, quase tudo que se planta pode ser colocado em schnapps e ser chamado de remédio. Inicialmente, eu não pretendia incluir esta receita no livro, mas reconsiderarei depois que um amigo leu “Três Rosas” e disse que gostaria de experimentar.

Como minha mãe faz um schnapps de mirtilo excelente, eu pedi a receita a ela. Como costuma acontecer, as receitas da minha mãe não são bem como ciência, e você talvez precise ajustar as quantidades conforme achar adequado, dependendo da quantidade de schnapps que quiser fazer.

Recomendo não economizar nos mirtilos. Quanto mais houver, mais gostoso o schnapps fica. A melhor coisa dessa bebida é que, depois que termina de beber, você pode comer os mirtilos.

Tempo de preparo: 2 a 3 semanas

Ingredientes para uma garrafa:

500 g de mirtilos frescos

açúcar

uma garrafa de schnapps de ameixa ou de vodca de boa qualidade

um pote de vidro

uma garrafa vazia

Coloque os mirtilos num pote de vidro formando uma camada de 3 cm a partir do fundo e acrescente uma boa colherada de açúcar por cima. Faça outra camada de mirtilo com açúcar por cima e repita esse processo até o pote de vidro estar cheio. Feche o pote e deixe em uma área ensolarada, como uma janela.

Monitore o conteúdo do pote; abra-o em intervalos de poucos dias e sacuda delicadamente antes de fechá-lo novamente. Quando os mirtilos começarem a escorrer, eles estão prontos para serem inseridos no schnapps, normalmente depois de duas ou três semanas. É

importante parar o processo antes dos mirtilos fermentarem, então fique de olho.

Quando sua mistura de mirtilo e açúcar estiver linda e úmida, transfira-a para uma garrafa e acrescente o schnapps ou a vodca. Deixe descansar por alguns dias antes de servir.

Sanduiche de queijo chique da Sarah

Quem esperava encontrar a receita do curry maravilhoso da Ula talvez se decepcione por encontrar só o sanduiche de queijo da Sarah. Para falar a verdade, eu nunca confiei no curry da Ula, e por isso o sanduiche de queijo me pareceu o caminho certo.

A maionese picante é baseada na receita de maionese de kimchi da Meera Sodha e só foi um pouquinho melhorada com uma colherada de mostarda. Se você ainda preferir comer algo tipo curry, recomendo pesquisar no livro *East*, da Meera Sodha, que se tornou um dos meus livros de receita favoritos.

Tempo de preparo: 15 minutos

Ingredientes para 1 sanduiche:

meia baguete

algumas fatias de parmesão fresco (melhor se fornecidas pelo seu/sua colega de apartamento que é chef)

½ avocado maduro

2-3 colheres de sopa de maionese picante

Ingredientes para a maionese picante:

50 g de kimchi

100 g de maionese

1 colher de chá de mostarda

Corte a baguete ao meio pelo comprimento. Espalhe a polpa do avocado na parte inferior. Misture os ingredientes da maionese picante em um processador de alimentos. Acrescente algumas colheradas de maionese picante e fatias de parmesão fresco.

Meu marido gosta de “incrementar” o sanduiche acrescentando algumas fatias de copa, mas garanto que o sanduiche também fica delicioso sem. Bom apetite.

Biscoitos de chocolate e missô da Fiona

Esta é minha primeira receita de biscoito, e embora Fiona não fosse ter esse trabalho todo para alimentar Betty, imagino que ela fosse ter alguns guardados para aquele momento em que precisamos de algo doce. Como eu não sou muito de doces, este biscoito combina o sabor doce com o picante.

Se você fizer esta receita, deixe um para um potencial fantasma na casa. Ouvi falar que eles são meio formiguinhas e gostam desse tipo de oferta.

Tempo de preparo: cerca de 20 minutos para preparar e 15-20 para assar

Ingredientes para 16-18 biscoitos:

200 g de manteiga sem sal cortada em cubos

100 g de açúcar

2 ovos

250 g de farinha de trigo

50 g de farinha de amêndoas

1 colher de sopa de pasta de missô

1 colher de chá de bicarbonato de sódio

1 colher de chá de amido de milho

200 g de gotas de chocolate

150 g de nozes ou outro fruto seco à sua escolha

Pré-aqueça o forno a 210 °C.

Misture o açúcar e a manteiga em cubos usando uma batedeira em velocidade média, até ficar cremoso. Acrescente os ovos e a pasta de missô. Quando a massa ficar mais ou menos lisa, acrescente a farinha de amêndoas, a farinha de trigo, o bicarbonato e o amido de milho. Continue misturando em velocidade lenta.

A massa resultante vai ser grudenta, mas moldável. Desligue a

batedeira e acrescente os frutos secos. Eu gosto de usar castanha, mas avelã, amêndoa, pistache ou qualquer outro tipo fica bom. Acrescente as gotas de chocolate. Eu gosto de pegar duas barras de chocolate amargo com 75-80% de cacau e picar com uma faca.

Misture bem para que o chocolate e as castanhas se distribuam e fiquem integrados à massa.

Você pode fazer os biscoitos com a mão ou usando uma colher de sorvete: coloque a bola de massa na mão e a achate. Uma bola de massa deve pesar entre 70 e 80g, o que faz um biscoito bem grandinho.

Deixe um espaço entre os biscoitos quando os colocar numa assadeira, pois eles vão se expandir quando estiverem assando.

Asse por 15 a 20 minutos e deixe que esfriem antes de tirá-los da assadeira, pois estarão bem macios. Entretanto, nada te impede de pegar um com a colher e comer ainda quente.

Torta de damasco

Esta torta é uma variação da francesa “Fondant aux pommes”, uma receita feita especialmente para este livro de contos, como aparece em “A receita”.

Como eu estava trabalhando neste prato na época que morava no Brasil, comprar damascos era um desafio. Por esse motivo, sei que esta receita também funciona se o damasco for substituído por ameixa, maçã ou pêsego. Graças à minha mãe, posso confirmar que também funciona com damasco, pois ela fez a gentileza de testar a receita para mim. Se você não for fã de damasco, fique à vontade para trocar por maçã (fatiada fina), morango, mirtilo ou qualquer outra fruta.

Mas sabe qual é melhor coisa desta torta? Ela não contém cianureto. :)

Tempo de preparo: cerca de 15 minutos para preparar e 25 minutos para assar

Ingredientes para 6 a 8 pessoas:

10 damascos sem caroço e cortados ao meio (frescos ou em conserva)

50 g de manteiga

1 ovo

250 g de iogurte grego (integral)

100 g de farinha de trigo

100 g de açúcar

40 g de farinha de amêndoa

2 colheres de chá de fermento químico

um pacote de açúcar de baunilha (ou baunilha de verdade caso seja possível a extravagância), correspondente a 8-9 g

uma pitada de sal

uma dose de rum (opcional)

Pré-aqueça o forno a 180 °C.

Derreta a manteiga e deixe esfriar. Em uma tigela grande, misture o ovo, o açúcar e o açúcar de baunilha até formar um creme. Misture o iogurte usando uma colher grande. Acrescente lentamente a farinha de trigo e a de amêndoas até a textura ficar lisa. Acrescente a baunilha, o sal e o fermento e misture mais um pouco. Por fim, acrescente a manteiga derretida fria e, se quiser, uma dose de rum.

Espalhe a massa numa forma de torta de 28 cm de diâmetro.

Com a parte do corte virada para baixo, arrume os damascos sobre a forma e asse por 25-30 minutos. Deixe a torta esfriar antes de servir.

Strudel de abobrinha

Este prato está entre meus favoritos absolutos — outra criação da minha mãe genial. Você talvez estranhe a ideia de um strudel salgado, mas eu garanto que esta belezinha é perfeita para um lanche ou uma refeição, se servida com salada. Eu adoro comer algumas fatias quando acaba de sair do forno e ainda está quente. E ela aguenta um tempinho na geladeira sem perder a umidade e o sabor. Dá para saber que eu queria que esta receita fosse incluída no livro porque é a única que aparece em duas histórias.

Tempo de preparo: cerca de 2 horas

Ingredientes para a massa:

- 600 g de farinha de trigo
- 200 ml de água morna
- 2 colheres de sopa de vinagre de maçã
- ½ colher de chá de sal
- 1 ovo
- 2 a 3 colheres de sopa de óleo

Misture o sal, o vinagre e a água e acrescente a farinha. Você pode sovar a massa com as mãos ou com uma batedeira. Acrescente gradualmente o ovo e o óleo. A massa deve ficar relativamente macia e elástica, mas vai ficar um pouco mais dura e menos fofa do que massa de pão.

Faça quatro bolas, cubra com um pano e deixe descansar por cerca de 30 minutos. Quando a massa estiver pronta, estique com um rolo para um tamanho um pouco maior do que uma folha A5, pincele óleo e deixe descansar por 5 minutos. Se não tiver muito espaço, você pode dobrar a massa enquanto descansa. Depois de 5 minutos, estique a massa com as mãos, para ter uma massa um tanto fina.

Ingredientes para o recheio:

1 a 1,5 kg de abobrinha, descascada e ralada

½ colher de sopa de sal

500 g de queijo cottage

150 g de creme azedo ou iogurte grego

2 ovos

2 colheres de chá de sal

1 a 2 colheres de sopa de polenta (se necessário)

raspas de manteiga (opcional)

óleo para pincelar

manteiga

farinha de rosca

Pré-aqueça o forno a 200 °C.

Misture a abobrinha ralada com meia colher de sopa de sal e deixe descansar por 5 a 10 minutos, para que a abobrinha solte água. Use uma peneira ou um pano limpo para espremer a água da abobrinha. Acrescente o queijo cottage, o creme azedo, os ovos e o sal. Misture e experimente o recheio. Acrescente sal a gosto. O recheio deve ter uma consistência similar à de purê de batata. Se estiver mole demais e parecer difícil de enrolar como recheio do strudel, acrescente de 1 a 2 colheres de sopa de polenta. Você pode colocar algumas raspas de manteiga no recheio.

Espalhe o recheio sobre a massa e enrole cada uma com cuidado, começando do lado mais próximo de você para fora. Se tiver dificuldade, tente colocar a massa em papel-manteiga, levantando-o de leve para ajudar a enrolar. Coloque o que restar do recheio numa assadeira pequena e asse com o strudel, pois fica um petisco gostoso.

Passe manteiga na assadeira e polvilhe com a farinha de rosca. Coloque os rolos de strudel na assadeira e pincele com óleo.

Asse o strudel por cerca de 50 minutos, até dourar.

Panqueca assada no forno

A pancake assada no forno da minha mãe é o tipo de prato que faz a gente lamber os dedos. O único problema — se é que podemos chamar assim — é que ela cozinha para umas dez pessoas. Embora haja muitos voluntários dispostos a ajudar a lutar contra o desperdício de comida, eu tentei diminuir a quantidade. Como acontece com a maioria das receitas da minha mãe, esta também precisou de alguns palpites relacionados às quantidades. Para uma cozinheira experiente, instruções no estilo “acrescente farinha até chegar à consistência certa” podem fazer sentido. Para outros, nem tanto.

Portanto, aqui está minha versão meio adaptada, mais porque eu prefiro minhas panquecas pouco doces e porque não foi fácil conseguir creme azedo no Brasil. Os ingredientes são para duas pessoas e devem dar para quatro panquecas. Eu acho impossível comer só uma. Tecnicamente, dá para servir uma panqueca por pessoa, mas por que fazer isso? Quando o aroma te seduzir e você der a primeira mordida, você talvez tenha a tentação de...

Dá para ouvir uma história nova crescendo no fundo da mente?

Tempo de preparo: cerca de 1 hora

Ingredientes para as panquecas:

- 1 ovo
- 200 ml de leite
- 90 g de farinha de trigo
- 1 colher de sopa de açúcar
- 1 colher de chá de açúcar de baunilha
- uma pitada de sal
- óleo

Pré-aqueça o forno a 200 °C.

Bata todos os ingredientes da panqueca, menos o óleo, e faça 4 panquecas em uma frigideira antiaderente. Reserve.

Ingredientes para o recheio:

250 g de queijo cottage
70 g de ricota (ou creme azedo)
1 ovo
1 colher de sopa de passas
1 colher de chá de açúcar de baunilha
½ colher de chá de canela
uma pitada de sal
manteiga (para untar a assadeira)

Misture todos os ingredientes do recheio. Eu gosto das minhas panquecas pouco doces, mas fique à vontade para aumentar o açúcar do recheio se preferir um sabor mais doce. Acrescente de duas a três colheres de sopa de recheio a cada panqueca. Enrole a panqueca e coloque em uma assadeira untada. Dobre as pontas para dentro para que o recheio não escape no forno.

Quando tiver recheado todas as panquecas, prepare a cobertura.

Ingredientes para a cobertura:

1 ovo
1 a 2 colheres de sopa de iogurte grego (ou creme azedo)

Bata o ovo e misture o iogurte ou creme azedo. Coloque sobre as panquecas. Leve a assadeira com as panquecas ao forno e asse por 20 minutos.

Sopa dos coletores

Eu venho de um país que tem o consumo de sopa como característica cultural, e este prato costuma ser a entrada de todas as refeições. Existe também o tipo de sopa mais complexa, muitas vezes com carne e legumes, que se come no jantar. É um hábito de clima mais frio que eu trouxe comigo para os trópicos.

A receita desta sopa é da minha mãe. Eu a adoro porque é simples e saborosa. É um excelente jantar para dois (ou mais se vocês não comerem muito) e um excelente almoço depois de uma noite longa.

Tempo de preparo: 30 minutos

Ingredientes para 2 pessoas:

3 alhos-porós grandes (entre 400 e 500 g), limpos, cortados ao meio e fatiados

3 batatas (400 g) cortadas em cubos pequenos

1 colher de chá de tomilho fresco

1 colher de chá de orégano fresco

½ cubo de caldo

1 colher de sopa de sal

1 colher de sopa de óleo

1 colher de sopa de farinha de trigo

pimenta moída na hora

Coloque as batatas em cubos em 2 litros de água e cozinhe por cerca de 15 minutos, até estarem quase prontas. Acrescente o sal, a pimenta, o alho-poró fatiado, o tomilho, o orégano e o meio cubo de caldo.

Cozinhe por 4 a 5 minutos. Aqueça o óleo em uma frigideira pequena e frite a farinha por um ou dois minutos. Acrescente à sopa e cozinhe por mais dois minutos. Sirva quente.

Salada incidental do Eddie

Eu fiz esta salada tentando combinar legumes que tinham sobrado na geladeira com um pedaço de pão velho e um parmesão que precisava ser usado. O resultado foi surpreendentemente saboroso e decidi incluí-la neste livro.

Também é o tipo de salada de última hora que imagino que Eddie faria. Ele não é do tipo que vai a um mercado quando tem coisas na geladeira e pode pegar algumas coisas do jardim da Becca. O pobre homem mal tem tempo de cozinhar com tantos jogos de pôquer marcados.

Portanto, apresento a Salada incidental do Eddie.

Tempo de preparo: 20 minutos

Ingredientes para uma salada para 2:

- 2 pimentões picados em cubos

- 2 cenouras descascadas e cortadas em fatias finas no sentido do comprimento

- 160 g de grão-de-bico em lata

- 40 g de raspas de parmesão

- 2 fatias de pão sourdough dormido cortado em pedacinhos

- 1 pimenta-malagueta fatiada fina

- 2 ramos de tomilho fresco

- 1 colher de sopa de folhas de orégano fresco

- Azeite

O molho:

- 4 colheres de sopa de azeite

- 1 colher de sopa de óleo de semente de abóbora (se não houver, substituir por outro óleo)

- 1 colher de sopa de molho de soja

- 3 a 4 colheres de sopa de vinagre balsâmico

sal e pimenta a gosto

Coloque os pedaços de pão numa frigideira, jogue algumas colheres de sopa de azeite e torra em fogo baixo até ficarem dourados. Reserve. Misture os legumes, ervas e parmesão em uma saladeira e coloque o molho por cima. Acrescente os pedaços de pão e sirva.

Prepare o molho e coloque por cima.

Pimentão recheado

Toda nação dos Balcãs tem sua versão própria de pimentão recheado; a Eslovênia não é diferente. Nesta receita, o recheio tradicional de carne foi substituído por um recheio vegetariano.

A primeira versão desta receita foi criada pelo ex-companheiro da minha mãe e melhorada pelo meu. É um dos meus pratos favoritos de inverno porque aquece por dentro. Tradicionalmente, é servido com purê de batata, mas pode ser apreciado puro.

Tempo de preparo: 1 hora

Ingredientes para pimentão recheado para 2:

- 3 pimentões amarelos médios
- 75 g de arroz, cozido até estar al dente
- 200 ml de caldo de legumes
- 100 g de aveia
- 1 ovo
- 1 cebola amarela picada
- 2 dentes de alho espremidos
- 1 colher de sopa de óleo
- 1 colher de chá de sal
- pimenta moída na hora

Ingredientes para o molho de tomate:

- 3 colheres de sopa de óleo
- 1 colher de sopa de açúcar
- 1 colher de sopa de farinha
- 1 colher de chá de sal
- 650 ml de purê de tomate

Ingredientes para o purê de batata:

- 500 g de batatas

10 g de manteiga
sal e pimenta
um pouco de leite

Primeiro, cozinhe o arroz por cerca de 10 minutos, até estar macio, mas ainda crocante por dentro. Deixe-o esfriando enquanto você limpa os pimentões. Lave os pimentões, faça um buraco um pouco maior do que a área em volta do cabo e tire as sementes. A abertura precisa ser grande o suficiente para passar uma colher de sopa, mas um pouco da parte de cima precisa ficar no lugar, pois será necessária para segurar o recheio.

Deixe a aveia de molho no caldo de legumes por 10 minutos. Escorra o excesso de caldo que não for absorvido. Frite a cebola em óleo por 5 minutos. Acrescente a aveia. Acrescente o arroz frio, o ovo, o sal, a pimenta e o alho amassado. Os ingredientes devem estar frios antes de você acrescentar o ovo. Misture bem e recheie os pimentões limpos.

Em seguida, o molho. Escolha uma panela com tampa em que os pimentões caibam bem certinho. Aqueça o óleo numa chama de baixa a média e coloque o açúcar. Quando começar a escurecer, acrescente a farinha e misture para que não fique encaroçada. Quando a farinha dourar, acrescente o purê de tomate, o sal e os pimentões recheados. Cubra e cozinhe por cerca de 30 minutos.

Enquanto os pimentões cozinham, faça o purê de batata.

Descasque as batatas e corte-as em cubos de 1 cm mais ou menos. Cubra com água e cozinhe por 15 minutos, até ficarem macios. Escorra, acrescente manteiga e amasse. Acrescente um pouco de leite e sal.

Quando os pimentões estiverem cozidos, sirva-os com o purê e o molho.

A massa proibida

Esta receita é uma das minhas comidinhas reconfortantes favoritas há mais de 20 anos, desde que minha amiga Nina a preparou no nosso alojamento da faculdade. Como a maioria dos estudantes na época, eu achava que cozinhar massa envolvia abrir um molho pronto ou, se não houvesse nenhum, um frasco de ketchup. Essa receita me viciou em cozinhar.

Como muitas coisas boas, a fórmula foi passada por gerações e alojamentos, sem dúvida melhorada ao longo do tempo. Infelizmente, não sei quem inventou a receita original, mas, se você conhecer essa pessoa, pode transmitir meus sinceros agradecimentos. É tão deliciosa quanto viciante.

Na nossa casa, essa massa sempre vence dentre todas as alternativas, mesmo que incluam restaurantes chiques ou pedir comida. Sempre que ofereço de fazê-la, os olhos do meu marido se iluminam e ele diz algo do tipo “Hummm, a abominação de macarrão”. É verdade que a receita viola a maioria das regras italianas sobre massa. Envolve alho E cebola e, para piorar, peixe E derivados do leite. Eu prefiro chamar de “massa proibida”.

A melhor coisa desta receita é que ela é bem fácil de fazer. Também é uma receita que ainda não encontrou uma história. Um leitor cuidadoso vai perceber que a massa com atum mencionada em “Amigo travessão” é uma variação de carbonara.

Tempo de preparo: 20 minutos... ou mais se a cebola te fizer chorar

Ingredientes para 2:

40 g de manteiga

2 cebolas amarelas picadas (160 g)

2 dentes de alho espremidos

3 pedaços de queijo (A Vaca Que Ri ou similar) cortados em pedaços

200 g de atum em lata (de fonte sustentável)
300 a 350 ml de creme de leite misto culinário
massa (eu gosto de linguine, mas qualquer massa serve)
sal e pimenta a gosto

Cozinhe a massa de acordo com as instruções do pacote. Enquanto espera a água ferver, você pode fazer o molho.

Derreta a manteiga em fogo baixo. Quando começar a borbulhar, acrescente a cebola picada e deixe refogando por 6 a 7 minutos. Aprecie o aroma doce que vai se espalhar pela sua cozinha.

Quando as cebolas estiverem amarelas, mas não queimadas, acrescente o sal, o alho espremido e o queijo. Mexa com uma colher de madeira até os pedaços de queijo derreterem. Acrescente o creme culinário e deixe ferver. Eu gosto de acrescentar um pouco mais de creme, porque o molho engrossa quando esfria. Cozinhe o molho por mais 2 a 3 minutos em fogo baixo. Acrescente o atum e cozinhe por um minuto, apague o fogo e deixe engrossar. Acrescente sal e pimenta a gosto.

Quando a massa estiver pronta, misture com o molho. Bom apetite.

Agradecimentos

Este livro alimentou meu entusiasmo durante a pandemia. Como com qualquer outro livro, não teria acontecido sem o apoio de várias pessoas.

Meu maior agradecimento é ao meu marido e primeiro leitor, a única pessoa que lê tudo que eu escrevo e não se importa de discutir o uso de vírgulas ou os destinos infelizes dos meus personagens fictícios.

Devo uma enorme gratidão aos meus leitores beta, escritores maravilhosos e amigos que viram essas histórias andando por aí de chinelo e roupa de baixo: Jim Noonan, Patrick ten Brink, Gavin Tangen, Anastasia Coujocarú e minhas amigas dos livros Michaela e Edith.

Um agradecimento muito especial a Luka Rejec, um companheiro escritor esloveno e amigo que também é um artista e um criador de jogos incrível. O jeito único dele de combinar o fofo e o sinistro só é superado pela capacidade sobrenatural de ler minha mente. Fico honrada de ter as ilustrações dele nas minhas histórias.

Um agradecimento sincero a todos os meus grupos de escritores, pelo apoio e feedback: o Brussels Writers' Circle, principalmente Cynthia Huijgens e Colin Walsh; as pessoas gentis do São Paulo Writers' Circle e o brilhante grupo de escritores do nosso Writers International Slack group, que eu considero minha família da escrita.

Agradeço ao Jericho Writers e a toda a comunidade maravilhosa que renovou minha confiança na escrita e me equipou com as ferramentas e o conhecimento para tornar este livro realidade.

Um agradecimento caloroso para minha amiga distante, Margie Banin, por nossas conversas sobre comida e literatura, que me deu a ideia para um dos contos.

Eu gostaria de agradecer ao meu podcast favorito, The BBC Food Chain, e à apresentadora, Emily Thomas, pelas horas de prazer e inspiração. Recomendo demais esse podcast.

Meu último agradecimento vai para as pessoas mais queridas da

minha vida, a minha família: meus pais, meu irmão e meus amigos.
Obrigada por estarem ao meu lado e acreditarem em mim bem antes
de mim.

Antes que você vá embora

Querido leitor,

Nosso tempo juntos chegou ao fim e espero que você tenha gostado da leitura deste livro. Seria maravilhoso para mim se você deixasse uma avaliação honesta.

Até breve.

Perguntas para clubes do livro:

1. Como a comida é usada nos contos deste livro?
2. O que a comida revela sobre os personagens e a história deles?
3. Como a comida se relaciona à classe e ao gênero de algum personagem?
4. Que outros tópicos surgem nas histórias?
5. Qual foi seu conto favorito e por quê?
6. De que formas a comida nos contos reúne as pessoas e de que formas cria um obstáculo entre elas?
7. Qual dos contos foi surpreendente?
8. Qual personagem você achou mais interessante e por quê?
9. Se você pudesse mudar o fim de algum dos contos, qual seria e como você o mudaria?
10. De que você mais gostou e menos gostou neste livro e por quê?
11. Se você fosse entrevistar a autora, que perguntas faria?